Diário de Lisboa

Janeiro 1977
Segunda-feira

Ano 56.º
N.º 19 248
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

EANES NA POSSE DO NOVO C.E.M.F.A.

HÁ GRADUAÇÕES QUE CONSOLIDAM A DEMOCRACIA

Certas graduacões ou promoções, como a de V. Ex.ª são portanto soluções que não ferem o princípio da hierarquia, antes o afirmam e consolidam», afirmou esta manhã o general Ramalho Eanes, no acto de posse do novo chefe do Estado Maior da Força Aérea e novo conselheiro da Revolução, general Lemos Ferreira. Referindo-se ainda ao problema das graduações, Ramalho Eanes afirmou: «A nomeacão e promoção do actual chefe do Estado-Maior da Força Aérea constitui por isso oportunidade para afirmar que, sendo meu propósito reconduzir a hierarquia aos esquemas tradicionais, estou no entanto decidido a adoptar, durante o período transitório, soluções excepcionais, sempre que entenda que elas servem indiscutivelmente para ajustar as Forças Armadas à sua missão histórica nacional — defender Portugal e os portugueses na observância integral das regras democráticas e com respeito dos valores ético-institucionais e de dignidade militar.

Noutro passo do seu discurso e referindo-se à missão das Forças Armadas, o Presidente da República afirmou: «Os militares estão apostados em quebrar o fatalismo historicamente ciclico, em que à instabilidade liberal ou democrática se seguiu a estabilidade ditatorial suportada pelas Forças Armadas». E continuou afirmando: «Há que consolidar as Forças Armadas como pilar da democracia que a Nação inteira, a cada momento, tem de construir com o seu querer e o seu trabalho. Há que reconduzir definitiva e adequadamente as Forças Armadas à sua missão histórica: defender sempre e só os interesses nacionais, garantir as instituições resultantes da vontade livremente expressa e soberanamente repetida através do voto».

São de admitir "soluções excepcionais" na actual fase transitória

Referindo-se à situação politica, o general Ramalho Eanes considerou «necessário que as reformas sociais demagogicamente apregoadas se executem na democratizacão real da economia, da cultura, das relações sociais».

Sobre o major Morais e Silva, que abandona o cargo de C.E.M.F.A. e o Conselho da Revolução, Ramalho Eanes afirmou que a relevância do trabalho que este realizou «merece pública consagração, que oportunamente se fará».

A terminar, o Presidente da República disse: «Ao empossar V. Ex.ª na chefia do Estado-Maior da Força Aérea, transmito-lhe também a legitimidade democrática que o povo português me conferiu através do sufrágio universal e directo. Isso basta para mostrar quanto confio em V. Ex.ª e na sua capacidade para executar as tarefas que hoje lhe são cometidas».

Além do Presidente da República ainda usou da palavra o empossado que garantiu a «continuidade da acção empreendida do anterior» dentro da Força Aérea.

Presentes na cerimónia estiveram os membros do Conselho da Revolução, o ministro Firmino Miguel e muitos oficiais dos três ramos das Forças Armadas.

Ao lado de Eanes, o homem que aterra (Morais e Silva) e o homem que levanta voo (Lemos Ferreira).

Recurso da sentença do ex-"pide" Domingues foi hoje entregue

..Foram hoje entregues na secretaria do 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa as alegações de Maria Teresa Tengarrinha Dias Coelho, filha do escultor José Dias Coelho, de recurso contra a inesperada e já controversa sentença que deixou ao assassino de seu pai a perspectiva de escassos dez meses de prisão para cumprir.

No recurso, além de uma análise dos aspectos jurídicos demonstrativos de que o verdadeiro crime configurou um homicídio voluntário intencional com dolo eventual, faz-se uma outra, igualmente vasta, com base em opiniões de individualidades da Ciência, Política, Advocacia, Jornalismo e Trabalho, apontando para a convicção de que a decisão do 1.º T. M. T. ofendeu gravemente os sentimentos democráticos do povo português.

O recurso sublinha o facto de o art.º 205.º da Constituição da República Portuguesa determinar que os tribunais têm de fazer justiça, não obstante a sua independência, sempre «em nome do povo» (esta é a expressão que a própria Constituição emprega).

O assassino confesso de Dias Coelho

Manobra-se no estrangeiro para indemnizar grandes capitalistas

As pressões de toda a ordem no sentido de levar o Governo a contrair empréstimos externos para pagar as indemnizações aos grandes capitalistas, pobres «vítimas» da «sanha das nacionalizações», são conhecidas. Mas há também outro tipo de pressões, feitas junto das autoridades alemãs e norte-americanas, nomeadamente para que façam acompanhar os empréstimos que concedem ao Governo português da condição deste indemnizar rapidamente os Vinhas, Champalimauds, Melos e outros.

A carta dirigida pelo advogado Duval Ferreira, de Famalicão, ao jornal da R.F.A. «Frankfurter Allgemeine», e publicada na sua edição de 29 do passado mês de Dezembro, é um exemplo concreto deste tipo de diligência. Diz Durval Ferreira na sua carta:

«A propósito de «Nova técnica para Portugal» créditos (F.A.Z. de 6 de Dezembro): na minha qualidade de delegado da comunidade de interesses, fundada em Braga, para a defesa dos pequenos e médios accionistas prejudicados pela nacionalização, queria pôr a claro a situação de grande penúria das cerca de 500 000 pessoas que, sem um tostão de indemnização, foram postas numa situação difícil. Entre os prejudicados encontram-se também alemães e outros estrangeiros. A nacionalização de cerca de 1000 indústrias do País, em vez de melhorar a situação financeira, conduziu a uma forte diminuição das receitas do Estado. Agora, o novo Governo português pretende um crédito de 1,5 biliões de dólares sem se lembrar de modo nenhum de que em primeiro lugar devem ser indemnizados os accionistas prejudicados. Nada aconteceu, e mesmo que o Governo receba o crédito, nem pensa em indemnizar os prejudicados, e aos requerimentos apresentados no Ministério das Finanças, só se recebem respostas evasivas. Como os jornais não trouxeram quase nada sobre esta grande injustiça, espero que estas linhas contribuam para esclarecer o grande público».

O objectivo e o significado desta carta, enviada àquele jornal da R.F.A., são claros: mais uma vez, os grandes capitalistas (e são eles, no essencial, que detêm as acções das empresas nacionalizadas) encobrem-se com a capa de «pequenos e médios accionistas» para tentarem os seus intentos. É óbvio que a indemnização dos pequenos accionistas deverá fazer-se. Mas deverá estar fora de questão, por constituir flagrante atentado aos interesses deste País, proceder a indemonizações sem que os inquéritos às empresas nacionalizadas sejam levados até ao fim: apuradas todas as responsabilidades dos membros das antigas administrações capitalistas e quantificados devidamente os roubos que praticaram. Só então se saberá quem efectivamente há a indemnizar.

Vem a propósito, de resto, lembrar que há inquéritos que ainda não foram iniciados, investigações da Judiciária (caso da Cidla, Sacor, cervejas e outras) sobre as quais nada se sabe há muitos meses. Quem está interessado em fazer esquecer estes inquéritos, anular estas investigações?

"Ultras" do Porto querem bater Kaúlza em velocidade

..A direita portuguesa organiza novo partido. Trata-se do P. A. P. P artido da Aliança Portuguesa que, segundo elementos que o compõem, vem preparando a sua formação há alguns meses. Este fim-de-semana, no Porto, uma reunião de «fundadores» ultimou a elaboração dos seus estatutos e as linhas gerais do seu programa. Para a semana que agora principia, estão previstos contactos com o Supremo Tribunal de Justiça tendentes à legalização do P. A. P. No próximo fim-de-semana, a exemplo do que acaba de suceder no Porto cidade-sede do futuro partido Lisboa deverá ser cenário de nova reunião preparatória. Quanto à legalização do P. A. P., as cinco mil assinaturas necessárias são consideradas como «coisa fácil» pelos seus promotores.

Quanto a nomes, conhece-se, por agora, o de Manuel Pires de Morais, de 53 anos, portuense, empresário imobiliário, deputado pelo C. D. S. na Constituinte, partido do qual se viria a afastar. Pós-25 de Abril, esteve na origem das testativas para criar o «Movimento da Aliança Social», mas o aparecimento, entretanto, do C. D. S. levou-o a alinhar na formação política do dr. Freitas do Amaral. Manuel Pires de Morais aparece hoje a fazer declarações a um jornal portuense, classificando o P. A. P. como «laico mas aceitando a inspiração da doutrina social da Igreja» e como «o partido

Continua na pág. 2

A VERDADE SILENCIA O UIVO DOS CHAMPALIMAUD (págs. centrais)

20 PÁGINAS

Nacional

Política de A a Z

UMA «CRISE» OU TALVEZ UM POUCO MAIS

Crise no P.P.D./P.S.D.? A questão foi levantada por quem, bem informado, logo se prontificou a oferecer-nos pistas sobre a crise interna do P.P.D./P.S.D. Crise a nível da direcção? Dela nos informaram. Mas as questões são como as cerejas, vêm umas após outras, encadeiam-se, atropelam-se. Crise? Não será o primeiro índice de uma crise o próprio nome do «partido»? Não será a nova sigla, à velha sigla acrescentada, um flagrante testemunho da incerteza quanto ao projecto próprio, de permeabilidade às sugestões exteriores, de procura de um novo espaço político ou de uma definição mais apropriada à defesa do território eleitoral conquistado?

Se um «partido» se define em termos de posição relativamente a outros partidos no espaço político, ou no território eleitoral, terá que evitar o compromisso, terá que escolher entre a clareza programática e as adaptações oportunistas. P.P.D. ou P.S.D.? Em que ficamosE P.S.D., porque igualmente concorrente à solidariedade compreensiva e larga de uma Internacional Socialista onde preponderam sociais-democracias complacentes?

Mas — nova questão — será em termos de competição exterior que um «partido» adopta nomenclatura que pressupõe aprofundamento da definição programática em relação ao País e ao povo que são seu espaço político e seu território eleitoral?

As perguntas surgem umas após outras, Como as cerejas entrelaçam-se as questões. E ocorre, também, ponderar se, no «partido», a crise não será apenas, simplesmente e singularmente, a crise de um homem que se arvorou em chefe ou que, sobre os escudos dos amadores da guerra, foi adrede erguido.

A crise de uma estratégia? Talvez. A crise de uma ambição? Possivelmente.

Perante a «crise», a aparente indiferença de uma opinião pública desinformada, ou não suficientemente informada, não pode constituir indicativo da pressão interior no seio de um «partido» que, pelo veto da direcção do P.S. se vê excluído de uma participação no exercício do «poder» e das promoções (sociais e pessoais) e dos benefícios (partidários e individuais) que desse exercício derivam. O P.P.D./P.S.D. é um partido de clientelas eleitorais e de clientelas de Governo. A ambição governamental de Francisco Sá Carneiro (de que tanto se fala) não reflecte um simples (provinciano) apetite pessoal do «poder», mas uma necessidade (que há tendência para ignorar) de ser «poder» para se creditar (também internacionalmente) e firmar como dirigente partidário.

A COLIGAÇÃO DESEJADA E A INTERVENÇÃO SOLICITADA

Uma coligação governamental, de preferência circunscrita ao P.S. e ao P.P.D./P.S.D., era a fórmula para que inclinavam as dirigentes do P.P.D./P.S.D. Admitiam, sem grande empenho uma presença reduzida do C. D. S., mas excluiam à partida a entrada no Governo do P.C.P. Um «Governo dos três partidos» correspondia à noção eleitoral de «maioria presidencial», embora não correspondesse à realidade aritmética dessa maioria ocasional. Todavia, não só aritmeticamente, como também, politicamente, do ponto de vista da Constituição de um Governo e do seu apoio Parlamentar as franjas desprezadas não eram significativas.

Era a coligação dos «partidos democráticos» P.P.D./P.S.D. dixit. E, algumas vezes — não o esqueçamos — a referência veio do C.D.S. As estratégias do P.P.D./P.S.D. e do C.D.S., se nem sempre e nem em tudo coincidiam, neste particular conjugavam-se. Mas a negativa do P.S. quer em relação à fórmula da coligação bipolar (P.S. e P.P.D./P.S.D.), quer em relação à fórmula de «Governo da maioria presidencial», deu motivo, não só à deterioração das relações entre os dois partidos, como permitiu a hábil deslocação do C.D.S., condicionou da parte do P.C.P. apoios críticos pontuais, e obrigou Francisco Sá Carneiro, para dar viabilidade à sua vocação governativa, a cogitar no emprego dos grandes meios: a intervenção política do Presidente da República ou uma intervenção político-militar cujos contornos indefinidos são, contudo, previsíveis.

Não nos aventuraremos em interpretações pessimistas. Mas recusamo-nos a cair no vício contrário — o de nesta matéria quente vermos cor-de-rosa —, há lugar para ver que a posição constitucionalista do general Ramalho Eanes não favoreceu, ou desencorajou, a estratégia de Sá Carneiro. A «intervenção» não se verificou. Tudo nos leva a crer que a situação deve ser acompanhada. E atentamente.

A CRISE E OS OUTROS

A «crise» de Francisco Sá Carneiro, como dirigente do P.P.D./P.S.D. que não consegue conduzir o seu «partido» ao acesso ao «poder», leva-o a perder serenidade, a exasperar-se, a comportar-se de um modo em que a irratibilidade transparece, em que é patente o alvoroço polemicante. Tudo isso é prejudicial a um homem político. No confronto com o optimismo de Mário Soares, a segurança repousada de Freitas do Amaral, a firmeza de Álvaro Cunhal, a vivacidade auto-satisfeita de Sá Carneiro vai destruindo a «imagem de mercado» do líder portuense.

Portuense? Aí está. Francisco Sá Carneiro tem uma formação regional e uma ambição nacional. A crise começa nessa contradição.

QUEM ERA SEIXAS

Médico do Porto preso pela P.I.D.E. fala da "cultura dos percevejos"

. Antifascistas que passaram pelas mãos do Seixas, na prisão do Porto que conheceram a sinistra «Casa d' el Campo» têm estado a depor para o «D.L.». Primeiro foi um advogado, depois um sacerdote, hoje é o médico dr. Guedes Pinheiro que teve de resistir à «cultura dos percevejos» imaginada e dirigida por Seixas.

Mais um depoimento que fala por si e que à semelhança dos outros nos propõe um melhor conhecimento do que foi a personalidade sinistra de Henrique Seixas, do que foram os tempos em que o «conde de Almeirim» (como também era conhecido) foi rei, e também um melhor conhecimento do que foi a resistência antifascista durante os longos 48 anos do salazarismo-caetanismo.

«O Seixas era, numa das alturas em que fui preso, um dos elementos preponderantes da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado, cuja delegação no Porto já funcionava na Rua do Heroísmo. Essa minha prisão (uma das muitas que sofri) ocorreu em Março de 1938. Recordo-me da data porque passava o meu aniversário natalício e já estava detido há mais de um mês. Fui metido no «segredo», depois de sumariamente interrogado e identificado. Esse «segredo» era o n.º 8 já que existia um outro com o n.º 5. Os meus «aposentos» situavam-se no vão de uma escadaria e eram constituídos por um chão de cimento que servia de cama. Tinha para me cobrir umas mantas esfarrapadas, naquele ambiente de frio, isto antes de me passarem para os calabouços, virados à Rua do Heroísmo e por onde já entrava uma nesga de sol. Fui, então, submetido, durante cerca de oito dias a interrogatórios quase sempre de noite. Esses interrogatórios demoravam sempre algumas horas. Eram-me feitas perguntas sobre a matéria de que era acusado e de que não se chegou a provar quase nada. Claro que algumas coisas eram verdades e, uma delas, era sem dúvida a minha condição de antifascista. Isto era para eles um «espinho», dado que sabiam que eu era incapaz de me vender e daí me considerarem (incorrigível).

Enquanto estive incomunicável surgiu um incidente que passo a relatar e que fez, até, com que eu saísse mais depressa do «segredo». Essa gente de instintos assassinos, capitaneada por esse tal Seixas fez, no «segredo» onde me encontrava uma «cultura» de percevejos. Assim, eu vi-me aflito, porque «eles» eram às centenas — se não aos milhares — e faziam com que me coçasse por todos os lados. Pedi, então, a um dos guardas que me comprasse uma caixa de fósforos e passei o dia inteiro e uma noite a riscar fósforos para queimar aquela praga. O cheiro pestilencial com o oxigénio que me foi faltando pela quantidade de fósforos riscados fez com que, em determinada altura, por falta de ar, eu caíse e batese com a cabeça no chão.

Salvou-me o facto de ter batido, inadvertidamente, com os pés na porta da cela. O barulho produzido alertou o guarda que se encontrava mesmo em frente e que depois de abrir a porta me encontrou inanimado. Retiraram-me e levaram-me para uma coisa que eles chamavam enfermaria, situada no subterrâneo do edifício e com grades por onde, felizmente, entrava um pouco de ar melhor...

Depois, chegou o médico da polícia que eu não posso considerar médico, pois só o era no nome. Limitava-se a ser um polícia pior, do que os outros, pois era mais especializado e mais perigoso.

Aliás, as suas funções «humanitárias« constituiam em sugestionar e aconselhar os presos a confessarem os seus «crimes» pois, assim, era muito melhor para eles dado que acabavam com os seus martírios e podiam ser postos em liberdade... Ouando, porém, lhe aparecia um preso traumatizado, bastante ferido, ele limitava-se única e exclusivamente (era o seu medicamento predilecto) a pintá-lo com alvaiade para que as equimoses não se vissem ao regressar aos calabouços».

O nosso interloçutor pôs depois em evidência várias irregularidades cometidas por esse médico(?) a PIDE no desempenho da sua missão profissional, o que levou mesmo a ter de se apresentar uma queixa na Ordem dos Médicos para o chamar à responsabilidade, conforme nos disse, ainda, o dr. Guedes Pinheiro.

O dr. Guedes Pinheiro esteve preso às mãos do Seixas. «Se percorrer o Porto de lés a lés, poderá ainda encontrar, embora já com bastante idade, algumas pessoas que se recordam desse malfazejo elemento da PIDE que se encontra agora a ser julgado», diz-nos.

Prosseguindo o seu depoimento, aquele clínico disse-nos, ainda: «O Seixas fazia uma parelha muito perfeita com esse médico e com os restantes elementos da máquina repressora da P.I.D.E. Mas, falando do primeiro, devo dizer-lhe que mais se assemelhava a uma fera. A sua fisionomia, quando falava com algum preso, mudava de tal maneira que mais parecia um tubarão.

Dizem que os olhos do tubarão, quando se aproxima da sua vítima, se põem raiados e mudam de cor antes de a devorar. Com o Seixas acontecia precisamente o mesmo.»

. Continuando, o dr. Guedes Pinheiro afirmou-nos: «Pude testemunhar, durante o tempo em que estive preso, que os detidos mandados para a «casa del Campo» nome que os espanhóis deram, durante a guerra civil, ao local onde torturaram as suas vítimas e que nós, à boa maneira portuguesa, copiámos ao sairem de lá vinham completamente traumatizados, feridos da cabeça até aos pés.

Podia, até, citar alguns casos que observei. Infelizmente alguns dos intervenientes já morreram. Se este inquérito tivesse sido feito logo após o 25 de Abril muitas dessas pessoas poderiam ter sido ouvid e a verdade é que hoje tas coisas já esqueceram abrandou muito... o So-

O Armando Soares, pmertário do café da Universida esteve comigo depois de e. sair do «segredo». Vi-o vir um dia a (Casa del Campo» e seguir para a enfermaria donde saiu todo «pintado» de alvaiade para encobrir os vergões com mais de meio centímetro de profundidade.

O cabo Anjinho que era um democrata já do tempo da monarquia chegou junto de mim, também, no mesmo estado. Infelizmente já morreu quando podia, muito bem, ter feito o seu depoimento.

Outros casos podia contar. Os processos desumanos, brutais que o Seixas utilizava para com os presos fizeram com que fosse feita uma sindicância. Para o efeito deslocou-se ao Porto propositadamente o ministro do Interior que era da família do Salazar. Depois de feita a sindicância, o Seixas foi transferido do Porto para Lisboa. Não deixou saudades nenhumas, apenas deixou muitas feridas, muitas cicatrizes que ainda hoje sangram.

Aliás, todos aqueles que tiveram a infelicidade de passar pela P.I.D.E. no tempo do Seixas e, tantos foram jamais esquecerão essa figura sinistra, diabólica.

Muito embora nunca me tivesse batido, martirizou-me de outra maneira: ameaçou-me com pistolas, com cavalos marinhos, meteu-me na enxovia, enfim fez-me passar momentos difíceis de esquecer.

Quando fui julgado no Tribunal Militar Especial presidido pelo coronel Mousinho de Albuquerque, fui absolvido e mandado em paz porque nada se provara contra mim. Pois mesmo assim e mal tinha acabado de sair as portas do tribunal, já tinha a meu lado um agente mandado pelo Seixas a bater-me nas costas e a dizer-me: «você torna a estar preso». De facto, estive mais oito dias na prisão apesar de ter sido absolvido... e sabe por quê? Porque o Seixas não se conformou com a minha absolvição.

Muitas mais coisas lhe podia contar sobre o Seixas mas não quero alongar mais. Só lhe digo: se percorrer o Porto de lés a lés poderá ainda encontrar, embora já com bastante idade, algumas pessoas que se recordam desse malfazejo elemento da P.I.D.E. que se encontra agora a ser julgado.

Só não entendo lá muito bem que um general e um juiz tenham pedido uma amnistia para os «pides» Nós, antifascistas, só compreendemos que tivessem pedido essa amnistia porque não sofreram na carne aquilo que nós e tantos milhares de portugueses sofreram».

Libertação de "pides" suscita protesto generalizado

Os julgamentos que começaram a absolver os «pides» estão a suscitar uma onda de protesto em todo o País, ao mesmo tempo que levam muitos antifascistas a denunciarem alguns dos aspectos da tenebrosa acção exercida pela P. I. D. E. sobre o povo português.

Ontem, numa entrevista dada à televisão, Lyon de Castro, Manuel Alpedrinha, José Maria do Rosário e Edmundo Pedro, que sofreram as torturas da P. I. D. E., foram unânimes em salientar a importância e urgência «do julgamento do sistema fascista, de modo a que o nosso povo se precavenha para o futuro». Os antifascistas não esconderam a sua repulsa perante a «reabilitação» ou «outra imagem que hoje se pretende dar dos «pides».

«O Seixas trazia o norte aterrorizado» — frisou ontem, por outro lado, o dr. Guedes Pinheiro, no decorrer de uma conferência de Imprensa promovida pelo Movimento Social Democrata, em que se procedeu à denúncia das torturas e crimes da P. I. D. E. Os conferencistas, drs. Guedes Pinheiro, Artur Santos Silva, José Domingos dos Santos e Teixeira Pinto, manifestaram vivo repúdio pela forma como estão a decorrer os julgamentos dos «pides».

Por sua vez, o M. E. S. e o M. U. P. emitiram comunicados em que se protesta contra as penas que têm sido aplicadas aos «pides». Em abaixo-assinado, que será enviado ao Presidente da República, os democratas de Aveiro manifestam igualmente» o seu profundo descontentamento pela forma como vêm a ser conduzidos os julgamentos dos «pides», responsáveis directos da destruição dos mais elementares direitos e liberdades do nosso povo». Os subscritores do abaixo-assinado reivindicam a promulgação imediata das alterações do Decreto-Lei 349/76, aprovadas pela Assembleia da República, e a suspensão dos julgamentos dos «pides», até ser publicada nova legislação.

"O Diário"

Passa hoje o primeiro aniversário do matutino «O Diário». Por tal motivo endereçamos ao seu director, dr. Miguel Urbano Rodrigues, as nossas saudações, extensivas a todos os trabalhadores do jornal.

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

post-scriptum

Novo estimulante

O estimulante do ser humano em sociedade, neste sistema capitalista, em que uma minoria vive com requinte à custa da maioria que lhe alimenta o luxo e sobre prazer, com o seu esforço escravo, é uma constante da ambição geral de um crescendo de proveito material proporcionador de outro crescendo de gozo físico.

Tem sido sempre assim desde que existe a exploração do homem pelo homem.

Aqueles que pouco vêem para lá da ponta do próprio nariz, porque o trazem rasteiro ao solo, garantem que a sociedade dos homens e os próprios homens nunca mais poderão viver sem esse estimulante. Pois, afirmam, a sua falta provocará na humanidade desmazelo, esmorecimento, inacção, transformando a sociedade num pântano onde tudo apodrece, se estiola e morre inevitavelmente.

A tais pregões de desgraça, que são justamente os viciados nesta roleta abjecta e iníqua do capitalismo, eu direi peremptoriamente que não é nada assim.

Os que possuem ainda uma consciência pura e sã e, por isso, anseiam por uma sociedade justa e igualitária, em que o homem passe a ser irmão do homem e não seu explorador e escravo, pensam e sentem que há que criar na alma, a partir logo da primeira infância, um novo sentimento, no cérebro um novo pensamento, que arranquem de lá o enraizado egoísmo e façam ver a vida e o mundo por um prisma inusitado, a constituir novo estimulante humano para a criação e garantia da estabilidade do verdadeiro socialismo, doador da desejada felicidade de todos nós.

Álvaro da Silva e Sousa
PORTO

Justiça ou Injustiça?

É incrível e lamentável o que ouvi hoje, dia 6, pelas 24 horas, durante o noticiário do programa 1 da R.D.P., quando o locutor anunciou a ridícula pena de 3 anos e poucos meses de prisão ao «pide» António Domingues, pela morte do escultor Dias Coelho, militante do P.C.P..

E digo incrível pelo facto de me encontrar ainda emocionado e chocado com o programa difundido pela mesma estação de rádio 2 horas antes, mais precisamente às 22 horas, sobre a memória do general Humberto Delgado, evocando a sua luta para derrubar a ditadura fascista de Salazar.

Ainda perplexo com o que acabara de ouvir, com a narrativa do que era, realmente, o regime fascista, com todas as suas prepotências nefastas contra um povo humilde e trabalhador zás! Ouço agora esta tremenda injustiça (para mim claro) que, daqui por 9 (nove) meses temos o «assassino» António Domingues no convívio (fraterno?) com o povo trabalhador?

É um facto que não percebo nada, nadinha! de justiça. Mas Santo Deus! aquela pena é inferior à aplicada a qualquer burlão que vigarise outrem!

Se, todavia, alguém tiver dúvidas do que acabo de afirmar, escreva então para a Rádio Difusão Portuguesa e peça para que ponham no ar o programa sobre a memória do «General Sem Medo» com os respectivos comentários dados por antifascistas e escute, com atenção, porque até o dr. Mário Soares lá pede justiça com todo o seu vibrante fulgor (já nosso conhecido).

J. Carlos
LOURES

Uma comédia!

Fala-se muito na defesa do pequeno agricultor, mas atrás disso está a capa de quem nunca teve essa qualidade.

São antes comerciantes e industriais da agricultura alheia, como esses «empreendedores» dos vinhos, dos aviários, que sempre se arranjaram à custa dos pequenos agricultores, escondendo-se, para especular, nas justas reclamações daqueles, com finalidades por demais evidentes.

O pequeno agricultor que duramente trabalha a terra com os seus familiares continua a ser enganado e manipulado pelos mesmos que sempre o exploraram. Quem usufrui dos protecionismos fiscais e outros privilégios são as grandes explorações da chamada «indústria agrícola», que registam bons lucros. Contudo vão à televisão pelo braço do senhor Veloso, chorar lágrimas de crocodilo. Temos ali visto multumilionários, com grandes vivendas e altos rendimentos, a chorar-se... da miséria alheia!

Uma comédia!

As chamadas «cooperativas» continuam a estar ao seu serviço e não dos pequenos agricultores, dos que vivem da terra e a trabalham, desde manhã até à noite.

Não são estes que andam pelas agitações políticas das CAP's e companhia. Tudo isto é uma história.

José Simões
PORTO

DE ANGELA DAVIS AO REVERENDO CHAVIS

JEAN-DANIEL SIMON

Regresso dos Estados Unidos onde passei dois meses, durante as eleições presidenciais, ao lado de Angela Davis, com quem fiz um filme.

Durante as filmagens, estive na Carolina do Norte, o Estado mais racista dos Estados Unidos. Um Estado onde pode ver-se, à entrada de uma cidade, um cartaz onde se lê: «**Ajudem-nos a combater o comunismo e a integração. Juntem-se ao Klu Klux Klan**». Nesse Estado há mais de treze mil homens e mulheres encarcerados e, claro está mais de 85 por cento desses presos são negros. Cem estão condenados à morte e podem mesmo ser executados sem perda de tempo, isto se a pena de morte for restabelecida, o que é muito provável. É este o Estado que bate todos os «records» de condenações à morte.

Entre esses prisioneiros há-os políticos e, entre eles, um pastor protestante de vinte e oito anos, o reverendo Ben Chavis, que fui visitar à prisão. Foi condenado a trinta e quatro anos de reclusão só por ser «leader» do movimento dos direitos cívicos na Carolina do Norte. Eis a sua história.

A integração nunca foi aceite em Wilmington pela população branca. E nas escolas que a situação é mais explosiva, particularmente no fim dos anos 60 e no início dos anos 70.

Ben Chavis foi mandado pela sua igreja, à igreja unificada de Cristo, fazer um inquérito na Carolina do Norte. O inquérito em questão tratou do racismo e a igreja unificada estava naturalmente interessada na integração. Em Wilmington foram expulsos de um liceu, após uma zaragata com brancos, dezoito alunos negros. Para o seu lugar entraram alunos brancos.

Os estudantes negros fazem o boicote da escola, exigem a reintegração dos negros expulsos e a realização de um programa especial de estudo para os negros. Reúnem-se numa igreja negra das proximidades e organizam aí aulas marginais e reuniões. O boicote aumenta.

Para a comunidade branca, isto é uma ameaça insustentável, e o K. K. K. intervém, ameaça matar o pastor que acolheu os estudantes, e queimar as casas que ficam perto da igreja.

Os estudantes e os «leaders» reclamam um estado de sítio que as autoridades recusam. Um juiz local apela para o tenente Calley, para que este faça uma limpeza na comunidade negra. Uma organização branca próxima da K.K.K. promete uma caçada aos negros comparável a uma caçada aos coelhos.

Ben Chavis organiza uma demonstração em que participam mais de duas mil e quinhentas pessoas. Exige o estado de sítio, manda tapar as ruas que vão dar à igreja. As ameaças concretizam-se. Os estudantes ficam na igreja a fim de proteger o pastor branco e a mulher deste. A K. K. K. intervém e dá tiros na direcção da igreja. As autoridades chamam a polícia, a guarda nacional a divisão blindada. O cerco dura quatro dias. Um estudante e membro do Klan são mortos.

Embora os negros não estivessem armados e o inquérito não tenha podido estabelecer a proveniência das balas, Ben Chavis e mais nove militantes foram presos um ano depois e acusados de homicídio.

O processo começa em Junho de 1972. A imprensa foi inundada de informações mais mentirosas umas do que outras. O juri é seleccionado: compreende dez negros e dois brancos. O procurador agita-se, diz-se, doente pede que o processo seja revisto. O segundo processo é aberto em Setembro de 1972: desta vez o juri compreende dez brancos e dois negros. Não são feitas aos jurados nenhuma das perguntas que permitiriam estabelecer se eles pertencem ou não a organizações racistas.

A acusação tem uma testemunha: Allan Hall, com uma longa história de instabilidade mental e actividades criminosas. O caso repousa no seu testemunho. Os dez de Wilmington são condenados a duzentos e oitenta e dois anos de prisão. A igreja unificada tenta obter a libertação sob caução dos prisioneiros: custo, 400.000 dólares.

A acusação tem uma testemunha: Allan Hall, com uma longa história de instabilidade mental e actividades criminosas. O caso repousa no seu testemunho. Os dez de Wilmington são condenados a duzentos e oitenta e dois anos de prisão. A igreja unificada tenta obter a libertação sob caução dos prisioneiros: custo, 400.000 dólares.

Ben Chavis é liberto sob caução. Recebe a visita de agentes do FBI que lhe dizem que tem a cabeça a prémio. Os homens de negócios da cidade ofereceram 10.000 dólares por ela. Seria melhor que abandonasse a cidade. Ben Chavis recusa. Dias depois o seu carro é destruído por uma bomba.

Os seus pedidos de revisão do processo são recusados. Dois meses depois está de novo na cadeia.

A 4 de Julho de 1966, Allan Hall, a famosa testemunha de acusação, cheio de remorsos, dirige-se a casa de um juíz e faz uma nova deposição em que reconhece que a primeira era falsa e feita sob pressão do procurador encarregado do caso, e dos oficiais da polícia de Wilmington, em troca de uma rápida libertação para si próprio.

Não tem medo de ter voltado atrás no que disse? perguntou o juiz.

Sim receio ser acusado de perjúrio porque aqui na Carolina do Norte a palavra de um negro não conta. Quando um negro se levanta contra os brancos, o que ele diz não conta, principalmente se não faz o jogo deles.

Esta nova deposição não permitiu a libertação do reverendo Ben Chavis nem mesmo a reabertura do seu processo. Ele disse-me, na sua cela: **se o povo americano e todas as pessoas de boa vontade do mundo inteiro não fazem pressão sobre o governo da Carolina do Norte e sobre o Governo Federal, ficamos na prisão. É preciso escrever ao governador da Carolina do Norte, Hans Hansen, ou ao «attorney»** general **Ruqus Edmonstor, ou ao novo governador que vai entrar em funções em Janeiro, Jim Hall. Também pode escrever-se ao juiz federal Dupré a Raleigh.**

É preciso que muitas pessoas exprimam a sua solidariedade. É preciso que os funcionários deste Estado saibam compreendam, que em todo o mundo se está ao corrente daquilo que se passa na Carolina do Norte, e como os dez de Wilmington são tratados injustamente.

Escreva, mande escrever, isso pode ajudar-nos.

Depois de ter sido algemado, brutalizado, perseguido politicamente separado dos outros prisioneiros, o reverendo Ben Chavis encontra-se agora na penitenciária de Mac-Caine — com prisioneiros doentes ou mentalmente instáveis. Uma greve da fome de cento e trinta dias obrigou as autoridades a dar-lhe direito de visita.

Quando me despedia e eu lhe dava saudades de Angela, ele disse-me: **Gostava de voltar a ver-te em Paris...**

Fechou-se a porta. Por trinta e quatro anos?

©LE MONDE

UM NEGRO NA O.N.U.

QUEM É ANDREW YOUNG

ALAIN CLEMENT

Nova Orleáns, onde nasceu em 1932, Atlanta, Washington, Nova Iorque, tal é o itinerário ascendente seguido pelo homem que Carter acaba de escolher para representar os Estados Unidos na ONU, logo que o Senado confirme a sua nomeação. É negro e chama-se Andrew Young.

É certo que o futuro embaixador americano não saiu do nada, como Carter gosta de dar a entender. O pai dele era dentista em Nova Orléans, cidade que — devido ao seu passado creolo — sempre teve uma burguesia negra muito evoluida, que durante algum tempo foi reconhecida e aceite pela sociedade local. O jovem Andy (diminutivo de Andrew) fez os seus estudos na universidade negra de Howard, na capital federal. Quando sentiu a vocação sacerdotal, não regressou ao sul mas frequentou o seminário de teologia de Hartford, no muito yankee Connecticut, que, tal como a Union Theological Seminary de Nova Iorque, se situa acima das infinitas variações do protestantismo americano. Foi, no entanto, ordenado por um dos ramos mais antigos e distintos, a Igreja Unida de Cristo, que agrupa fiéis da tradição puritana e reformada (no sentido europeu).

Exerce depois o seu ministério nas várias paróquias da Georgia e do Alabama, mas a sua preocupação pelas almas leva-o, naturalmente, a participar no grande movimento dos direitos cívicos que em breve tomaria um impulso decisivo. De 1957 a 1961, dirige as actividades da juventude do Conselho Nacional das Igrejas. Encontra-se ao lado do pastor Martin Luther King que faz dele seu adjunto na direcção da Southern Christian Lethership Conference (SCLC) confederação de uma rede de organizações negras mais ou menos importantes que pregavam a reivindicação não violenta.

Os talentos de negociador de Andrew Young levam-no, naturalmente, em 1970, à presidência da comissão inter-racial de Atlanta. É nessa época que se dão os seus primeiros contactos com o actual presidente Carter. Este, que era então Governador da Geórgia cada vez recorria mais aos bons ofícios do Young. Data daí um estreito companheirismo entre esses dois sulistas libertos de uma pesada história.

Tal como Carter, que só seria Governador à segunda tentativa, Young tem um primeiro fracasso político. Em 1970, o seu objectivo é o Congresso. É batido pelo adversário republicano que faz uma campanha abertamente racista. Dois anos depois as coisas são-lhe porém, favoráveis. É eleito pela quinta circunscrição da Geórgia, com 53 por cento dos votos, incluindo um quarto de votos dos brancos. É a primeira vez desde a guerra da Secessão que um distrito do «Deep South» envia um negro a Washington.

Será também a primeira vez na história do Congresso em que se verá um negro penetrar no santuário que é a «Comissão da ordem do dia» (Rules Committes), que esta enterrou durante decénios toda e qualquer veleidade legislativa de desagregação. Entre os deputados negros do Congresso — uns vinte — Young não passa, no entanto, por um activista. Foi mesmo o único dentre eles a votar a ratificação de Gerald Ford como vice-presidente.

Young foi um campeão singularmente eficaz da causa de Jimmy Carter quando este entrou em liça para a presidência. Se mais de 90 por cento da comunidade negra americana se aproximou do candidato democrata, isso aconteceu em grande parte devido aos esforços e à canção de Andrew Young. «**A única pessoa junto de quem contraí uma dívida eleitoral**», gosta de dizer o presidente eleito.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA DAS ZONAS NORTE, CENTRO E SUL

QUESTÃO SALARIAL

AOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PÚBLICA

Confirmando a política do facto consumado que há dias nos foi transmitida em audiência concedida pelo secretário de Estado da Administração Pública, na qual este reafirmou a posição intransigente do Governo ao recusar discutir o aumento salarial com os T.F.P. e os seus Sindicatos, foi já assinado pelo senhor Presidente da República com data de 30 Dez.º (mau grado o telegrama por nós enviado a 28, solicitando a não promulgação do diploma sem prévia audição dos trabalhadores) e publicado em «Diário da República», o Decreto-Lei n.º 923/76 que determina um aumento de 15 por cento para cada uma das letras da tabela de vencimentos do funcionalismo público.

Estranha e curiosamente a entrevista por nós solicitada ao sr. Primeiro-Ministro, que há oito dias se encontrava marcada pelos Serviços do seu Gabinete para segunda-feira doa 10/Jan.º, foi ontem adiada, por comunicação telefónica daqueles serviços, para sexta-feira, dia 14, invocando impossibilidade absoluta de nos receber antes dessa data.

Face à presente situação as Comissões Directivas e Direcção dos Sindicatos dos T.F.P. das Zonas Norte, Centro e Sul, decidiram:

1. Prosseguir insistentemente as diligências actualmente em curso, no que respeita nomeadamente às audiências já pedidas ao sr. Presidente da República, Conselho da Revolução, Primeiro-Ministro e Grupos Parlamentares da Assembleia da República, e solicitar também entrevistas ao sr. presidente da Assembleia da República e Comissão Constitucional.
2. Intensificar os contactos com os outros Sindicatos e Organizações Sindicais que representam T.F.P. (STAL, S. Enfermeiros, S. Professores, etc.), cujas Direcções, nalguns casos, expressaram já publicamente a sua posição de repúdio face ao aumento decretado, estando prevista a realização de uma reunião em Lisboa, segunda-feira, dia 10/Dez.º, para análise da situação com vista ao estudo das acções e formas de luta conjuntas a propor à classe.
3. Requerer a discussão do assunto em Assembleia da República, mediacte petição própria seguida de abaixo-assinado que se encontrará nas Sedes dos Sindicatos a partir de segunda-feira 10/Jan.º.
4. *Apelar para todos os trabalhadores da Função Pública no sentido de:*

   a) Prosseguirem e intensificarem nos locais de trabalho a participação nas R.G.T.s para tomada de posição contra o aumento dos 15 por cento e discussão da proposta sindical, devendo as moções aprovadas ser comunicadas directamente aos órgãos de Informação e enviadas para as Sedes dos Sindicatos juntamente com os resultados das votações efectuadas, até ao dia 16/1/77.

   b) Se manterem em estreita ligação com os seus Sindicatos, através da leitura dos comunicados por eles emitidos e do contacto directo (telefónico ou pessoal) com a Sede.

5. *Apelar especialmente aos delegados e activistas sindicais no sentido de levantarem as folhas da petição e respectivo abaixo-assinado nas Sedes dos Sindicatos, a partir de segunda-feira, dia 10/Jan.º, promovendo a sua circulação nos Serviços, e a sua entrega no Sindicato até quinta-feira, 13/Jan.º, cabendo-lhes ainda especiais deveres e responsabilidades na mobilização da classe e sua permanente ligação ao Sindicato, tão necessárias no presente momento.*

CONTRA O INCONSTITUCIONAL AUMENTO DO GOVERNO; SEM AUDIÇÃO PRÉVIA DOS T.F.P.!

CONTRA O INADMISSÍVEL AUMENTO DO GOVERNO, QUE DÁ MENOS DE 1.000$00 a 60 POR CENTO DOS T.F.P. QUANDO A VIDA AUMENTOU ENTRETANTO MAIS DE 30 POR CENTO!

CONTRA O INJUSTO AUMENTO DO GOVERNO, QUE DÁ 500$00 E 800$00 ÀS CLASSES MAIS BAIXAS E 2.900$00 À CLASSE SUPERIOR!

CONTRA O DEMAGÓGICO AUMENTO DO GOVERNO, QUE, MUITO PREOCUPADO COM OS TÉCNICOS DÁ A 90 POR CENTO DELES AUMENTOS INFERIORES À PROPOSTA SINDICAL!

NA UNIDADE, FIRMEZA E COMBATIVIDADE, A GARANTIA DA NOSSA VITÓRIA!

Lisboa, 8 de Janeiro de 1977

A COMISSÃO DIRECTIVA DO SINDICATO DOS T.F.P. DA ZONA NORTE
A COMISSÃO DIRECTIVA DO SINDICATO DOS T.F.P. DA ZONA CENTRO
A DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS T.F.P. DA ZONA SUL

PRACISTA

Para a zona de Lisboa, bem relacionado e conhecedor do ramo de tecidos de algodão, precisa grande unidade textil, produtora de artigos já introduzidos na praça e com valor elevado de vendas.

Pedem-se todas as informações detalhadas, firmas que representa ou representou e curriculum vitae.

Resposta a este jornal ao n.º 1887.

Geral

RODÉSIA: NACIONALISTAS ALTERAM POSIÇÃO

Nkomo e Mugabe apoiados por Estados da "Linha da Frente"

Os Estados africanos da «Linha da Frente», reunidos no último fim-de-semana em Lusaca para debate da questão rodesiana, decidiram apoiar totalmente os guerrilheiros da «FrentePatriótica»(Nkomo-Mugabe) na sua luta para derrubar o regime minoritário daquela antiga colónia britânica.

Ao anunciar hoje os resultados da Cimeira, o dirigente tanzaniano Julius Nyèrere sublinhou que os Estados da «Linha da Frente», limítrofes da Rodésia, concederão «todo o apoio político, material e diplomático à «Frente Patriótica» a fim de lhe permitir atingir os seus objectivos».

Recorde-se aqui que a «Frente», chefiada pelos dirigentes nacionalistas Joshua Nkomo e Robert Mugabe, adoptou uma posição firme na conferência de Genebra sobre a transferência do Poder para a maioria negra, tendo exigido, entre outros pontos, o controlo das pastas da Defesa e do Interior durante o projectado Governo de Transição.

Tendo-lhe sido perguntado se a decisão de apoiar a «Frente Patriótica» representava a retirada do apoio aos outros movimentos nacionalistas rodesianos mais moderados, o presidente Nyèrere respondeu que «a importância dos movimentos deverá ser medida em relação à luta».

Declarou ainda Nyèrere que, por outro lado, «foram os esforços dos guerrilheiros que conduziram a conversações em Genebra entre os nacionalistas negros e o Governo de Ian Smith» e que, portanto, «é a eles que caberá garantir o futuro de um Zimbabwé independente sob o Governo da maioria negra».

Sabe-se, entretanto, que Ivor Richard, o presidente britânico da conferência de Genebra sobre o futuro da Rodésia, antecipou para hoje a sua partida para Lusaca «ao ter conhecimento de uma nova mudança de poderes entre os **leaders** nacionalistas negros», em consequência da posição assumida pelos Estados da «Linha da Frente».

Polícias angolanos condenados por corrupção

Mais de cinquenta elementos da polícia angolana foram condenados a 180 dias de trabalho nos campos por corrupção, embriaguez e furto — anuncia a agência noticosa angolana.

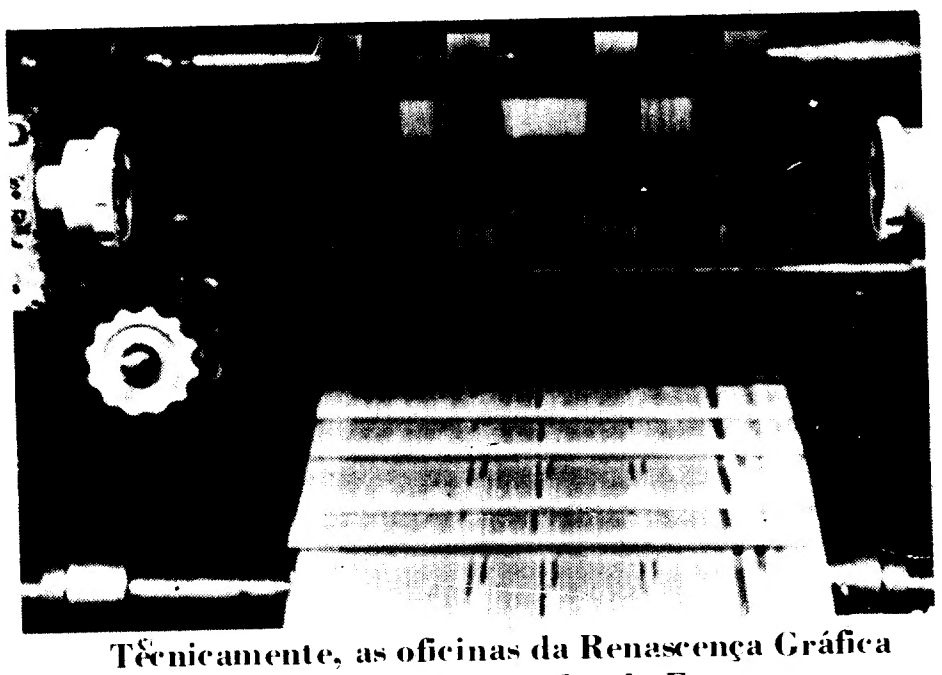
O comunicado, assinado pelo comandante-geral da Polícia Popular de Angola, André Petroff, declara que os punidos, entre os quais se contam oficiais, sargentos e outras patentes, foram suspensos dos seus cargos por terem «adoptado práticas corruptas, embriagando-se, roubando

Acrescenta a agência que todos os afectados pela medida de suspensão deverão passar 180 dias a trabalhar nos campos, podendo regressar depois aos seus postos «se a sua conduta demonstrar que se tornaram capazes de cumprir os seus deveres de polícia com autoridade revolucionária».

Cônsul do Brasil no Porto

PORTO, 10 — Encontra-se já nesta cidade o novo cônsul-geral do Brasil no Porto, dr. Afonso Arinos de Melo Franco. Diplomata de carreira, o dr. Afonso Arinos é considerado no seu país como diplomata de elevada competência.

MILHARES DE LEITORES POR MINUTO



Técnicamente, as oficinas da Renascença Gráfica são das mais actualizadas da Europa.
Das suas rotativas saem diàriamente milhares de exemplares de publicações e cartazes,
a um novo ritmo de produção e de acabamento.
Economia, quer isto dizer.
E novas possibilidades de criar Imaginação e Leitores.
Serviços Comerciais da Renascença Gráfica, SARL
R. Luz Soriano 44 _ Lisboa Telef. 321154/5-320271/2/3

Nacional

JORNADA EM ÉVORA

Trabalhadores da cidade apanharam sargaços na Cooperativa "Companheiro Vasco"

Apesar dos ataques, das calúnias, das arbitrariedades do Governo, os trabalhadores alentejanos manifestam-se (cada vez mais) na disposição de preservar uma das suas maiores conquistas: a Reforma Agrária. Dizem não às reservas concedidas sem atender às particularidades de cada caso. Dizem não às desanexações ilegais. Dizem não ao retalhamento das cooperativas e UCP's. E se o Governo persiste na atitude de fazer cumprir as suas determinações à força da repressão está a cavar a sepultura de todas as conquistas democráticas alcançadas com o 25 de Abril.

Muitos trabalhadores portugueses que sabem que a Reforma Agrária não interessa apenas aos operários agrícolas têm dado provas ao longo deste processo de que estão ao lado daqueles que nos campos travam uma luta difícil no sentido de impedirem que voltem de novo os latifundiários parasitas ou outros novos patrões. Ainda ontem, durante uma jornada de trabalho que decorreu no distrito de Évora os assalariados rurais tiveram oportunidade de verificar que não estão isolados na sua luta. Cerca de mil pessoas passam por Santana de Portel, pelo «Companheiro Vasco» (S. Miguel de Machede), por Santana do Campo (Arraiolos) e pela cooperativa do Ameixial, em Estremoz. Cumpriram um programa que começou com umas horas de trabalho e terminou em comícios nos quais vários oradores fizeram intervenções relacionadas com a situação que a Reforma Agrária está a atravessar neste momento, especialmente nas cooperativas visitadas.

Na «Companheiro Vasco», onde estivemos a apanhar sargaços com centenas de trabalhadores que ali se deslocaram vindos de todo o País, ouvimos Maximino José Ricardo, membro da sua Comissão Directiva, que nos relatou as pretensões do MAP no respeitante àquela cooperativa:

No dia 6 de Janeiro deslocou-se à minha casa uma patrulha do S.N.R. armada de pistola. Intimaram-me a ir ao posto para falar com um tenente. Queriam que a cooperativa entregasse 30 hectares de terra a um antigo guarda da herdade «Azambujal do Inimigo», no tempo do agrário. Ora essa herdade está expropriada e integrada na nossa cooperativa.

Segundo o porta-voz da «Companheiro Vasco», aquela herdade, quando os trabalhadores a ocuparam, não era trabalhada há 50 anos.

Eu respondi ao oficial da G.N.R. que não entregávamos a herdade. Então aí uns dezoito praças fizeram uma roda à minha volta e queriam que eu assinasse um papel. Disseram-me palavras duras. Mas eu não tive medo...

De acordo com as palavras de Maximino Ricardo, a G.N.R. não utiliza, por enquanto, o método da «porrada». Optou por processos mais requintados. Adaptou-se às novas situações. Neste caso vai buscar um homem sozinho enquanto a Comissão Directiva de cooperativa tem mais seis elementos. Qual a intenção que movia a G.N.R.? a nível individual.

Aproveitaram a hora do almoço quando eu já tinha seis horas de trabalho em cima. Acabara de abater uns porcos para o talho da cooperativa quando eles me vieram buscar.

As forças da G.N.R. já tinham estado no monte. Os capacetes e as armas não amedrontaram as mulheres que apanhavam azeitona no «Zambujal do Inimigo». Continuaram imperturbáveis a cumprir a sua tarefa.

Essa herdade tinha cepos com mais de 50 quilos que sujavam a terra — terra ficou limpa à custa do nosso trabalho. O ano passado semeámos lá 50 sacos de trigo. Este ano foi semada de ponta a ponta. Agora querem que a gente entregue trinta hectares da terra, mesmo no coração da cooperativa a um homem de oitenta anos que nem sequer trata da horta que tem por sua conta...

Perto de 7 mil hectares de terra constituem a cooperativa «Campanheiro Vasco». Nela trabalham em regime de efectividade umas 300 pessoas. Muitas vezes, quando noutras cooperativas o trabalho escasseia os trabalhadores que a eles pertencem encontram trabalho na «Companheiro Vasco».

Vamos amanhã falar com o governador civil para que ele nos diga qual é a lei que permite isto. Depois dirigimo-nos ao Quartel-General. Estamos também a pensar em pedir uma audiência ao sr. Portas, secretário de Estado. Daremos os passos que forem precisos.

Entretanto, as calúnias sobre a «Companheiro Vasco» surgem em vários jornais. Ainda há algum tempo o semanário «A Rua» publicou um artigo verdadeiramente rocambolesco, no qual se dizia que naquela cooperativa havia cubanos e russos escondidos.

E armas, à farta...

Nós pusemos um processo a esse jornal por causa dessa história dos cubanos e por terem escrito que nós tínhamos roubado quatro mil contos.

Aliás «Companheiro Vasco» é o alvo preferido da reacção. Só o nome da cooperativa põe muito boa gente louca de raiva. Basta acrescentar que a cooperativa, que prestou homenagem ao general Vasco Gonçalves dando-lhe o seu nome, apesar de estar formada há bastante tempo, ainda não conseguiu que os responsáveis deste País aceitassem aquele nome «maldito». A cooperativa está legalizada mas do registo não consta o nome.

Falámos com o Vasco durante duas horas no dia 17 de Setembro de 1975. Agradecemos-lhes o que tinha feito pela Reforma Agrária e ele respondeu: não fui eu mas sim vocês que a fizeram...

Ao meio da tarde depois de se ter apanhado uma boa porção de sargaços — o que fez esfolar muitas mãos de pele fina — houve um comício que reuniu centenas de pessoas. Falou um trabalhador da «Companheiro Vasco». Usou também da palavra Jacinto Cebolo da cooperativa «Azinhalex» de Montemor-o-Novo.

Quando o sr. Portas tira a terra aos trabalhadores para a entregar aos agrários é democrata e socialista? Quando corta o Crédito Agrícola às cooperativas é socialista?... A esta sucessão de perguntas os trabalhadores responderam sempre «Não». Em seguida interveio um representante da UCP da «Margem Esquerda»: a primeira a ser objecto de uma operação de concessão de reserva ordenada pelo MAP. **Sem medo e seguindo o exemplo da Lobata.** — exortou os camponeses a defenderem a Reforma Agrária.

Em nome das Uniões de Sindicatos do Porto e de Coimbra falaram respectivamente Mário Alves e Jorge Lopes. Ambos acentuaram que os camponeses se começavam a organizar. Citaram os exemplos do MARN, da AGRINORTE, das Ligas, de Movimento de Baldios de Águeda, de Movimento de Extinção dos foros, essa força que vem crescendo no Norte...

Finalmente falou Manuel Vicente, presidente do Sindicato Agrícola de Évora no seu estilo habitual. Sem papel. Na linguagem espontânea e simples de um homem que conhece os problemas dos assalariados agrícolas alentejanos — porque é um deles.

LOURDES FÉRIA

A apanha dos sargaços nas terras da cooperativa

Definida orientação do Instituto do Investimento Estrangeiro

. Por despacho do ministro do Plano e Coordenação Económica, foram definidos os princípios orientadores da acção da Comissão Instaladora do Instituto do Investimento Estrangeiro (IIE) a quem compete a elaboração dos estatutos, plano de acção e orçamento do Instituto para 1977, o apoio ao Banco de Portugal, e ainda a revisão e a regulamentação do Código dos Investimentos Estrangeiros.

O código deverá ocupar-se, em pormenor da fixação do sistema contratual, para que fique claro para o investidor estrangeiro quais os benefícios adicionais que o Governo está disposto a conceder e quais as características dos investimentos que se tornam passíveis de se candidatarem a tais contratos. O capítulo referente à tecnologia mercerá especial atenção.

Carrinha roubada

. Da Rua Marques da Silva, onde se encontrava estacionada, foi roubada há 20 dias uma carrinha de trabalho da marca «Ford-Transit 100», de cor creme e com a matrícula CG-39-41. Pede-se, a quem saiba do seu paradeiro, o favor de entrar em contacto com o interessado através do telefone 822977.

Instituto Universitário dos Açores comemorou primeiro aniversário

. PONTA DELGADA, 10

Realizou-se ontem, no Salão Nobre do Instituto Universitário dos Açores a sessão solene comemorativa do primeiro aniversário daquele Instituto. O acto contou com a presença do ministro da República para os Açores, general Galvão de Figueiredo, do secretário de Estado do Ensino Superior, em representação do ministro da Educação, do presidente do Governo Regional, secretários regionais, entidades militares, civis e académicas.

Durante a sessão, presidida pelo ministro da República, usaram da palavra o reitor do Instituto, o secretário regional para a Educação e o secretário de Estado para o Ensino Superior.

De assinalar, por outro lado, que o Instituto Universitário dos Açores, através do Centro de Estudos, Economia e Gestão do Departamento de Ciências de Administração, elabora actualmente diversos estudos para entidades publicas e privadas, nacionais e estrangeiras.

Para o «Center of Strategic and International Studies of Washington D.C.» o Instituto já elaborou uma «monografia sobre os Açores», em inglês, com um memorando suplementar sobre investimentos nos Açores, também em inglês.

Entretanto o dr. Pollnac, da Universidade americana de Rhode island está a efectuar estudos nas ilhas de Faial, Terceira e S. Miguel, ao abrigo de um programa de cooperação com o Instituto Universitário dos Açores.

HONEY WELL BULL

Segundo a delegação de Angra do Heroísmo do gabinete de Imprensa dos Açores, estarão presentes no arquipélago durante esta semana alguns especialistas de informática da Companhia Honeywell Bull que virão «apresentar as soluções preconizadas por esta empresa para o arranque do projecto informático dos Açores». Os técnicos da Honeywell Bull terão igualmente algumas reuniões com representantes do Governo Regional, aos quais serão apresentadas hipóteses de solução de acordo com os objectivos preconizados no projecto informático dos Açores.

Segundo o gabinete de Imprensa dos Açores, a adopção deste sistema informático permitirá «não só soluções que possibilitem uma forte evolução nos campos social e económico, como também a criação de estruturas de informação e estatísticas que tornarão viável a análise permanente dos recursos e capacidade açorianas».

Ainda segundo o parecer da Comissão de Autonomização dos Açores e do consultor técnico e autor do projecto infomático dos Açores, eng.º Vasco Lima, «a adopção de um sistema informático, nos moldes em que foi concebido para o projecto dos Açores, poderá proporcionar aos sectores público e privado dos Açores, práticas administrativas e meios de decisão de acordo com os modelos de gestão mais avançados».

Promoção turística em S. Miguel

PONTA DELGADA, 8 Tendo em vista o aumento da capacidade de alojamento de turistas no próximo Verão, foi constituida em S. Miguel a sociedade Proturotel-Promoção Turística e Hoteleira, SARL que tem como accionistas o Banco Micaelense a Junta Geral, a Câmara Municipal de Ponta Delgada, a Comissão Regional de Turismo e entidades privadas.

A nova sociedade, que tem o capital social de 18.500 contos, adquiriu o Hotel Avenida, ainda em construção, estando a envidar esforços no sentido de o mesmo abrir ao público no dia 1 de Junho deste ano.

Bordados e cimento: facilidades nos Açores

Segundo um despacho conjunto dos ministros das Finanças e do Comércio e Turismo, foi cancelada a obrigatoriedade do depósito prévio alfandegário no recebimento de matérias-primas destinadas à indústria de bordados dos Açores.

Recorde-se que estas medidas resultam da petição, entregue há algum tempo ao ministro da República nos Açores, general Galvão de Figueiredo, assinada por industriais de bordados da ilha de S. Miguel pedindo o cancelamento da obrigatoriedade do depósito prévio alfandegário.

Entretanto o Industrial Entreposto das ilhas (Fábrica de Cimento do Livramento — São Miguel), viu também despachdo favoravelmente nos mesmos termos o seu requerimento entregue ao ministro da República e no qual era pedida a isenção da sobretaxa criada pelo Decreto-Lei n.º 271-A/75 de 31 de Maio, em referência a uma partida de 11 mil toneladas de clinquer (matéria principal para o fabrico de cimento), a importar da Inglaterra. Em resultado das diligências efectuadas pelo general Galvão de Figueiredo que expôs o assunto às entidades competentes, este teve parecer favorável por parte do director-geral das Alfândegas por delegação do ministro das Finanças.

VENDE-SE

Furgon HANOMAG Diesel

bom estado 1970 contacte pelo tel.

654531/2/3

PUB

CARTA ABERTA

DISCUTIR, ESCLARECER, VOTAR

Apesar de todas as calúnias, os trabalhadores continuam a exigir organizadamente dentro dos seus Sindicatos, a realização de consultas através de amplas Assembleias Gerais por votação secreta.

Os resultados são inequívocos, conforme o demonstra o quadro que abaixo publicamos.

Caluniam-se os Referendos dizendo deles que são o apelo **aos sectores mais recuados da população trabalhadora!**

Quem os calunia?

Aqueles (talvez o sector mais avançado da classe!), que a exemplo do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, encontrando-se em minoria (300 num total de 2600), impediram a continuação da Assembleia pela agressão física. É porque para estes Srs. as Assembleias só são democráticas quando estão em maioria.

E porque eles são a **minoria** rejeitam a participação de todos através da votação secreta.

A DEMOCRACIA VENCERÁ

SINDICATOS ONDE JÁ FORAM OUVIDOS OS TRABALHADORES POR VOTAÇÃO SECRETA

	N CONGRESSO DA INTERSINDICAL SIM	NÃO
Escritórios de Lisboa	1 421	11 039
Escritórios de Faro	325	581
Seguros do Sul	385	2 962
Telefonistas do Norte	45	710
Hotelaria do Porto	105	85
Hotelaria de Faro	637	60
Engenheiros do Sul	255	397
Escritórios de Braga	161	265
Bancários do Sul e Ilhas	685	10 064
Técnicos de Topografia	75	134
Técnicos de Vendas	183	1 204

SINDICATOS QUE VÃO OUVIR OS TRABALHADORES POR VOTAÇÃO SECRETA

Escritórios de Aveiro	8 - 1 - 77
Escritórios do Porto	10 - 1 - 77
Rodoviários e Garagens do Porto	10 - 1 - 77
Escritórios de Vila Real e Bragança	13 - 1 - 77
Comércio de Lisboa	14 - 1 - 77
Engenheiros Técnicos do Norte	15 - 1 - 77
Professores da Grande Lisboa	19 - 1 - 77
Cerâmicos de Aveiro	ainda não marcado
Metalúrgicos de Aveiro	ainda não marcado
Bancários do Norte	ainda não marcado

SINDICATOS ONDE JÁ FORAM TOMADAS DECISÕES POR ASSEMBLEIAS GERAIS

Seguros do Norte	Adesão à Carta Aberta — Não ao 2.º Congresso
Construção Civil de Aveiro	Não ao 2.º Congresso
Mineiros do Centro e Norte	(Por votação secreta) Adesão à Carta Aberta

POR UMA CENTRAL SINDICAL ÚNICA, AUTÓNOMA, DEMOCRÁTICA E INDEPENDENTE

Lisboa, 7 - 1 - 77. Pel'A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

(ilegível)

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

MARCAÇÃO DAS ELEIÇÕES PARA OS CORPOS GERENTES E COMISSÃO DE REPRESENTAÇÃO DE TENDÊNCIAS

Dando cumprimento ao disposto na alínea a) do Art.º 72.º e n.º 1 do Art.º 74.º dos Estatutos, marca-se a data das eleições para os Corpos Gerentes e Comissão de Representação de Tendências do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, para o biénio de 1977/78, para o dia

12 (doze) DE MARÇO DE 1977

Lisboa, 5/1/77

Pel'A MESA DA ASSEMBLEIIA GERAL

DOS ESTATUTOS:

1 — A apresentação das listas de candidatura deve ser feita à M. A. G. até às 24 horas do dia

ATÉ ÀS 24 HORAS DO DIA 10 DE FEVEREIRO DE 1977

2 — As listas de candidaturas devem ser subscritas por, pelo menos, 100 (cem) sócios, devidamente identificados, e constituídos por:

a) Designação dos membros a eleger, devidamente identificados pelo nome completo, número de sócio, idade, residência, designação da entidade patronal e local de trabalho (localidade e sector);

b) Termo individual ou colectivo de aceitação de candidaturas;

c) Programa de acção.

3 — Só podem ser eleitos os sócios que sejam maiores ou emancipados, exerçam a profissão, tenham pago as suas quotas nos seis meses anteriores à data da marcação das eleições e estejam em pleno gozo dos seus direitos sindicais.

4 — Não podem ser eleitos:

a) Os sócios que tenham estado integrados em organismos repressivos do antigo regime:

PIDE/DGS, L. P., UN/ANP, ou estejam abrangidos pelo Decreto n.º 621-B/74;

b) Os sócios que sejam membros de órgãos directivos de partidos políticos ou instituições religiosas.

Geral

Moçambique exige três bimotores retidos em Lisboa

Um informador da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil confirmou à ANOP que este departamento está a tratar de aspectos técnicos relacionados com a detenção de três aviões de matrícula panamiana que aterraram no Aeroporto de Lisboa no dia 28 de Novembro.

O mesmo informador salientou que a Direcção-Geral deu ordem para reter os aviões por razões técnicas, uma vez que os certificados de navegabilidade dos aviões estão caducados, remetendo para o Ministério dos Negócios Estrangeiros o tratamento de questões mais delicadas que envolvam as relações com outros países, nomeadamente os nascidos das ex-colónias.

Contactado o Gabinete de Imprensa do MNE, um porta-voz declarou que «o Ministério não dá qualquer informação, visto o assunto não estar ainda suficientemente esclarecido».

Os aviões em causa são tres bimotores de transporte de passageiros, do tipo táxi aéreo.

Um oficial da Guarda Fiscal do Aeroporto confirmou que esta corporação está a impedir os três aviões de descolar, a pedido do Ministério da Justiça e da Direcção -Geral da Aeronáutica Civil, referindo que esta medida estará possivelmente relacionada com uma reclamação apresentada pelo Governo da República Popular de Moçambique às autoridades portuguesas.

Reznitchenko conta como viu "Zé Povinho"

«Zé Povinho» festejou solenemente o seu centésimo aniversário. Jovial e bonacheirão, com um sorriso malicioso, eis como apareceu ele perante os visitantes da exposição, realizada no Palácio dos Coruchéus, em Lisboa. «Zé Povinho» apareceu em numerosas caricaturas, desenhos e gravuras, em tamanho natural. À entrada do palácio, sob a forma de pequenas estatuetas e mesmo de canecas para o leite, eis o início dum pequeno comentário do jornalista Vladimir Reznitchenko àcerca da recente exposição realizada em Portugal para comemorar o 1.º centenário da criação do «Zé Povinho».

O texto, distribuido para a URSS pela agência «Novosti», foi publicado em toda a Imprensa soviética.

Descrevendo a caricatura de Boldalo Pinheiro, escreve o jornalista: «Este personagem é bem conhecido de todos os portugueses, dos mais pequenos aos mais velhos. «Zé Povinho» é a imagem colectiva do povo português, um tanto à maneira do Ivanuchka russo. O «homem da Rua», de barba descuidada, de colete e chapéu enterrado na nuca, tal como se pode hoje encontrar nas ruas de Lisboa, ou nas longínquas aldeolas.»

. Depois o jornalista compra o nosso «Zé Povinho» a outras figuras típicas de outras nações: «Zé Povinho» é simples e meio tosco, mas solto de linguagem e malicioso. Com a sua aparência bem característica, faz lembrar o Sancho Plança de Cervantes e o Chveik de Hasez, dois outros conhecidos heróis, que encarnam em si o inflexível espírito dum povo. Foi há cem anos atrás, ou perto disso, que «Zé Povinho» foi concebido, ou melhor, tirado da vida, pelo caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro. Esta imagem em breve se tornou popular e tornou-se, desde então, um hóspede constante nas páginas da Imprensa do país.

Finalmente, Vladimir Reznitdenko escreve: A vida de «Zé Povinho» é a história de Portugal, no último século. O herói dos desenhos viveu a mesma vida, amarga e cheia de preocupações, que milhões de confrades e homónimos. Nos desenhos, «Zé Povinho», levando às costas os senhores de terras e os ricaços, partido em pedaços pelos cobradores de impostos, preso por uma corrente à «muralha da ignorância», martirizado e esfarrapado, mas indestrutível, pois que ele é imortal, como é imortal o povo.»

Mário Murteira na Guiné-Bissau

. Mário Murteira que foi ministro da Coordenação Económica nos IV e V Governos Provisórios, encontra-se na República da Guiné-Bissau para estudar meios de cooperação com o Governo local — segundo se anuncia no semanário oficial «Nô Pintcha».

Segundo o jornal guineense, Mário Murteira estaria a estudar com o Governo da Guiné a possibilidade da deslocação àquele país de uma equipa não-governamental de economistas, por ele dirigida.

O objectivo do trabalho da equipa seria elaborar, no prazo de seis meses, um plano de desenvolvimento para aquela antiga colónia portuguesa

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do n.º 3, alínea **a**) do art. 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral — **em 2.ª Sessão Ordinária — para o dia 12 de Janeiro de 1977, às 20,30 horas,** no Pavilhão dos Desportos em Lisboa.

ORDEM DE TRABALHOS:

1 — Apreciação e votação do Estatuto e Regulamento do S. A. M. S. — Serviços de Assistência Médico-Social e respectivo orçamento para o ano de 1977.

2 — Apreciação e votação do orçamento para o ano de 1977.

Lxa, 28/12/76.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

a) Alberto Martinho Gonçalves

NOTA — Para ingresso na sala da Assembleia Geral é obrigatório a apresentação do cartão de sócio efectivo do Sindicato ou desde que exiba outro documento identificativo, credencial passada pelo Sindicato. Não serão atendidos casos de abonação por outros sócios.

— Todos os sócios devem preencher e assinar a folha de presenças à entrada.

Nacional

REUNIÃO DA COMISSÃO NACIONAL DO P.S.

Moções controversas mantêm indefinição

..Cinco moções que transitaram do último Congresso foram aprovadas, este fim-de-semana, pela Comissão Nacional do P. S. na reunião realizada nas instalações do casino da Figueira da Foz. As moções, algumas das quais sofreram emendas, versaram temas como a Comunicação Social, o Ensino, a Economia, a Agricultura e o Trabalho.

Segundo Mário Soares, o conteúdo destas moções «corrobora as grandes linhas de orientação que estão neste momento a ser seguidas», destacando particularmente as que respeitam à Agricultura, à Educação e ao Trabalho, nas quais se encontram decisões como o pagamento de indemnizações aos proprietários expropriados e aos ex-accionistas das empresas nacionalizadas através de títulos de dívida pública, a preparação de um contrato social a apresentar pelo Governo aos organismos sindicais e patronais, a revisão do sistema de crédito agrícola e a abolição do serviço cívico estudantil.

A reunião fixou para os dias 29 e 30 deste mês, na cidade do Porto, o Congresso Extraordinário do Partido que decorrerá nas instalações do Liceu Garcia da Orta. Ainda segundo Mário Soares, a sua agenda de trabalhos está inteiramente dedicada «ao problema dos estatutos, de acordo com um projecto que vai ser difundido para apreciação e elaborado com base num outro já distribuído».

INCIDENTES

..A questão dos suspensos do P. S., que tal como havia sido anunciado não foi objecto de discussão, não deixou, porém, de vir a primeiro plano durante esta reunião da Comissão Nacional, nomeadamente pelos incidentes que surgiram com a presença, no exterior das instalações do casino, de cinco daqueles militantes: Carmelinda Pereira, Francisco Fortunato, José Luís Mendes, Henrique Fernandes e Rosa Cassola. Aires Rodrigues e Maria da Paz, dois elementos destacados do grupo dos suspensos, não compareceram por motivos profissionais. No entanto, para além daquelas cinco figuras, contestadas pelas cúpulas do P. S. devido sobretudo à sua actuação na ex-Comissão de Trabalho e no sector partidário do Ensino, contavam, no entanto, no exterior do casino, com o apoio de um grupo de populares tidos como sendo também militantes socialistas.

Os cinco militantes suspensos presentes tentaram participar nos trabalhos, tendo sido impedidos pela segurança do P. S. o que originou confrontos que levaram à intervenção da P. S. P. Este incidente originaria que a sessão da tarde dos trabalhos se iniciasse com cerca de uma hora de atraso.

PELO SOCIALISMO

..A posição deste grupo foi, entretanto, definida num comunicado assinado pelo Executivo da Comissão de Trabalho no qual se afirma que «a actual orientação do partido no Governo é contraditória com o programa do partido, é contraditória com a vontade da maioria do povo que pela terceira vez votou maioritariamente em nós para aplicarmos medidas socialistas, para não aplicarmos uma política que a direita não tem força para aplicar». O comunicado lança ainda um apelo a todos os militantes socialistas para que se mobilizem para o Congresso do Porto a fim de que ali seja «discutida e decidida a orientação política do Governo, em função do programa do P. S., dos interesses do povo e do socialismo».

AS MOÇÕES

..As moções aprovadas, cujos textos finais, elaborados a partir dos apresentados no Congresso de Novembro, não lograram unanimidade na aprovação pois esta foi marcada por algumas abstenções, apresentam como características o apoio a três dos mais contestados sectores da actuação governativa, nomeadamente aos ministros Cardia, Barreto e Marcelo Curto.

Alguns dos pontos mais controversos passam, por exemplo, no sector económico, pelo apoio ao pagamento de indemnizações aos proprietários expropriados e aos ex-accionistas das empresas nacionalizadas, através de títulos de dívida pública, estabelecendo critérios de tratamento diferencial em relação ao volume de poupanças envolvido; e a preparação de um contrato social a apresentar pelo Governo aos organismos sindicais e patronais, em ligação íntima com os objectivos definidos no âmbito do plano. A salientar ainda o apoio à decisão manifestada pelo Governo de negociar a integração de Portugal na C. E. E.

No campo do Ensino, a par de medidas recomendadas como o combate ao analfabetismo, o apoio aos emigrantes e aos estudantes mais aptos independentemente da sua condição social, salienta-se a abolição do serviço cívico estudantil, enquanto no campo agrícola, enquanto se recomenda a conclusão dos processos de expropriação previstos no âmbito da Reforma Agrária, e a definição de uma política agrícola nacional com intensificação de planos de rega prioritários, preconiza-se também a revisão do sistema de crédito agrícola e menciona-se aquilo que o Governo tem entendido ser uma Reforma Agrária «em liberdade e democracia, com o apoio técnico das novas cooperativas».

Para além destas, uma moção relativa à Comunicação Social conclui por uma informação liberta de qualquer tutela política e pela proposta à Assembleia da República da elaboração de legislação que impeça a difusão de ideias fascistas e antidemocráticas conforme consignado na Constituição.

Na generalidade, estas moções mantêm a definição do P. S. em termos de uma real opção de esquerda, sendo nesse sentido que, por exemplo, foram introduzidas alterações à moção original sobre Agricultura, a qual fora levada por Lopes Cardoso ao último Congresso.

CONTRA A LIBERTAÇÃO DOS «PIDES»

Uma moção de homenagem ao Presidente da República e outra de protesto contra a forma como têm sido julgados e sentenciados os agentes da ex-P. I. D. E./D. G. S. culminaram a reunião da Comissão Nacional do Partido Socialista.

Na moção referente ao julgamento dos agentes da ex-P. I. D. E./D. G. S., a qual foi aprovada por unanimidade, a Comissão Nacional do P. S. «protesta indignadamente contra a sentença escandalosa que pôs termo ao julgamento do assassino de Dias Coelho».

A concluir, o texto frisa que «a Comissão Nacional do P. S., perante as sentenças que vêm absolvendo ou condenando a penas ridículas criminosos de direito comum, confessos e professos como são os membros da ex-P. I. D. E./D. G. S., manifesta a sua reprovação e indignação».

Mário Soares, falando, no final, aos órgãos da Informação, afirmou que estas duas moções foram aprovadas fora da ordem dos trabalhos, a qual dizia respeito somente à discussão das moções admitidas ao Congresso que, por falta de tempo, decidiu remetê-las à Comissão Nacional.

Sá Carneiro em Espanha para encontros com sociais-democratas

Uma fonte oficial do PPD/PSD confirmou esta manhã ao nosso jornal a visita do dr. Sá Carneiro a Espanha, à frente de uma delegação do seu partido, mas acrescentou que não estava ainda elaborado um programa oficial dessa visita.

Entretanto a imprensa madrilena considera de «Cimeira Social Democrática Ibérica» os encontros que a partir de amanhã manterão as representações da Federação Social Democrata e os dirigentes do PPD/PSD.

De acordo com uma notícia do correspondente da ANOP em Madrid, Sá Carneiro, manterá contactos com o presidente da Federação Social Democrática, Fernando Ordonez, que parece ser o organizador desta visita. Sá Carneiro visitaria também dirigentes sociais-democratas da Catalunha.

Entretanto a mesma notícia acrescenta que nos meios políticos espanhóis não se descortinam ainda os motivos desta larga visita dos dirigentes sociais-democratas portugueses a Espanha.

Medeiros Ferreira partiu para Belgrado

«Conveniência e importância política de Portugal conhecer o que pensam os países neutros e não alinhados sobre os problemas europeus e mundiais», foi a razão apontada pelo ministro Medeiros Ferreira à partida esta manhã para uma visita à Jugoslávia e à Suíça.

O ministro referiu ainda que Portugal «irá lançar-se numa ofensiva euroepia já está no Conselho da Europa e irá pedir a adesão à CEE e portanto o que diz respeito à Europa tem, neste momento, particular acuidade».

Justificando ainda a visita à Jugoslávia, Medeiros Ferreira citou este país «como um dos campeões de não alinhamento, que com isso tem criado um certo prestígio sobretudo no que diz respeito ao diálogo Europa-Terceiro Mundo», e, quanto, à Suíça, disse: «é um país europeu neutro».

O ministro salientou ainda a importância da assinatura final da Conferência de Helsínquia que terá lugar em Belgrado durante o corrente ano. Durante esta visita deverá ser entretanto assinado um acordo sobre informação entre os dois países.

Na Suíça serão disse tratados problemas bilaterais dado que os dois países pertencem à EFTA e ratificado um acordo sobre segurança social».

Vítor Alves avistou-se com Carlos Rafael Rodriguez

O major Vítor Alves, membro do Conselho da Revolução que se encontra em visita oficial a Cuba a convite do Governo daquele país foi recebido à sua chegada a Havana pelo ministro das Relações Exteriores de Cuba e altos funcionários da Embaixada de Portugal.

Durante a tarde Vítor Alves visitou o Museu da Revolução, seguindo-se uma visita de cumprimentos com o respectivo ministro e conselho de direcção do Ministério. À noite foi-lhe oferecido um jantar pelo ministro das Relações Exteriores de Cuba.

Na sequência do programa da visita aquele membro do Conselho da Revolução teve entrevistas com o vice-presidente do Conselho de Estado Carlos Rafael Rodrigues e outras entidades e organizações de trabalhadores.

EMPOSSADAS COMISSÕES DE CÓDIGOS

Legislação portuguesa adequada ao 25 de Abril

Tomaram posse esta tarde as Comissões de Juristas nomeadas pelo ministro da Justiça que vão proceder à revisão dos códigos Civil, Processo Civil, Penal, Processo Penal e Comercial.

De acordo com o Programa do Governo, «a reforma sistemática do Direito português deverá conduzir à eliminação de todas as soluções de compromisso com o regime deposto em 25 de Abril de 1974, adequando-o à filosofia político-social da Constituição da República».

Aquele programa prevê, entre outros pontos, a adequação à realidade actual das «excrescências classistas do Direito de Família e em geral da Sociedade portuguesa, nomeadamente as formas de discriminação que ainda marginalizam a mulher, o apertado individualismo anti-social do Direito das Obrigações, das Coisas e do Regime de Sucessões, as características marcadamente repressivas e desintegradoras do Direito penal e penitenciário português, bem como do sistema tutelar de menores, burocratismo do Processo Civil e Penal, mercantilismo retrógrado que inspira o Direito Comercial, e o divórcio entre o Direito interno português e o Direito comparado estrangeiro».

As comissões estão constituídas do seguinte modo: **Código Civil** — Profs. Isabel Magalhães Colaço (presidente), Pereira Coelho, Castro Mendes, Espinosa da Silva, Castanheira Mendes, Mota Pinto, Alarcão e Silva e drs. Moitinho de Almeida, Meneres Correia Barbosa e dr.ª Pizarro Beleza Tavares; **Processo Civil** — Profs. Castro Mendes (presidente acolitado pelo juíz-conselheiro Arala Chaves), Fernandes de Castro, desembargadores Santos Silveira e Alves Peixoto, e dr. Pereira de Castro; **Código Penal** — Profs. Silva Correia (presidente) e Figueiredo Dias, juiz-conselheiro, António Miguel Caeiro e drs. Meira Beleza e José Faria e Costa; **Código de Processo Penal** — Profs. Silva Correia (presidente) e Figueiredo Dias, juiz-conselheiro António Almeida Simões, desembargador Campos e Lencastre e drs. Manuel da Costa Andrade e Robin de Andrade; **Código Comercial** — Prof. Ferrer Correia (presidente) e drs. Fernandes Caeiro, Ângela Carvalho Coelho, Vasco Lobo Xavier e Alberto Pimenta.

Assassinado um operário numa obra em construção

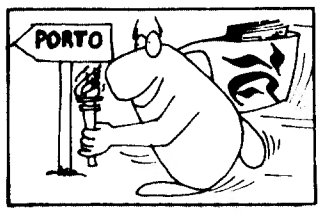
Um servente de pedreiro Manuel Pedro da Silva, foi ontem à noite assassinado quando pernoitava numa obra em construção na Avenida da República.

O operário, de 41 anos, solteiro, era natural de Vale de S. Pedro, Ponte da Barca. O seu corpo foi esta manhã encontrado pelos companheiros de trabalho quando às 8 horas iniciavam o serviço.

A grande quantidade de sangue que ensopava a roupa do cadáver, faz supor que o crime foi perpetrado com arma branca. Admite-se, ainda, que Manuel da Silva tenha sido agredido quando se encontrava deitado numa cama improvisada no pequeno cubículo da cave do prédio em construção.

A vítima costumava falar, amiúde, das suas economias guardadas na obra. É possível que o roubo tenha sido o móbel do crime.

Todavia, as intenções dos assassinos terão sido frustradas, já que no sábado o operário dera o dinheiro (seis contos) a guardar a um cunhado, ficando apenas com mil escudos para as suas despesas da semana.



Grémio Lusitano vai ser indemnizado

O Governo vai indemnizar o Grémio Lusitano, com 2500 contos, pela ocupação abusiva das suas instalações, ordenada pelo regime fascista.

Lembra-se que o Grémio esteve ocupado abusivamente desde 1937 até 25 de Abril de 1974.

Como sociedade de recreio, a fundação do Grémio data de 1876. Foi ali que funciou, durante muito tempo, a Redacção e Administração do jornal de inspiração maçónica «A Luz».

Lopes-Graça homenageado

PORTO, 10 — A Associação de Amizade Portugal-URSS homenageou, no sábado à tarde, nesta cidade, o compositor Fernando Lopes-Graça, com a medalha Abel Salazar, o qual, segundo palavras da eng.ª Virgínia de Moura, proferidas na altura, «fez da sua arte uma poderosa arma de combate nos dias amargos do fascismo, constituindo as suas canções incentivos à resistência e à coragem na época em que vivemos, apontando sempre o mundo da esperança, a sociedade socialista».

Tengarrinha e Cabrita no M.U.T.I.

No teatro Vasco Santana há esta noite, a partir das 21 e 30, mais uma sessão do M.U.T.I. — Movimento Unitário dos Trabalhadores Intelectuais. Intervirão nomeadamente José Tengarrinha e Daniel Cabrita, o primeiro para falar sobre a política nacional em 1976 e o segundo para abordar os principais aspectos da política laboral e sindical no mesmo período. Serão também analisadas e discutidas perspectivas para o futuro.

P.R.P. debate política

O PRP leva a efeito na próxima quinta-feira, dia 13, pelas 21 horas, na Universidade Proletária Ernesto e Luís (UPEL) um debate sobre a situação política actual e a táctica do PRP.

Trata-se refere uma nota daquele partido de um debate público destinado em particular aos leitores e assinantes do jornal «Revolução», realizado pela Organização Local de Lisboa do PRP.

Trabalho

SINDICATO DO COMÉRCIO (LISBOA)

Sócios pedem anulação do referendo

. Por considerarem antidemocrático, antiestatutária, e divisionista a «assembleia»-referendo marcada pelos dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio de Lisboa para a próxima sexta-feira, um grupo de sócios daquele organismo requereu junto do presidente da mesa da assembleia geral a anulação da respectiva convocatória.

O documento traduz a oposição de um vasto sector dos trabalhadores do comércio à prática da direcção, que se tem caracterizado pelo isolamento e pelo desrespeito à classe, segundo foi salientado esta manhã, no decurso de uma conferência de Imprensa promovida pelos requerentes.

O referendo, surgiu em conformidade com as directrizes da «Carta Aberta», e destina-se a decidir sobre a continuidade ou não na Intersindical e sobre a participação no próximo Congresso dos Sindicatos. Este processo, que se não encontra previsto nos estatutos e contraria a prática sindical de debate em amplas reuniões de sócios, fora anteriormente contestado, no decurso de uma reunião não deliberativa efectuada no dia 6, no Pavilhão dos Desportos.

Por absoluta falta de espaço, publicaremos amanhã o relato das razões aduzidas no encontro com os jornalistas, realizado esta manhã.

FUNÇÃO PUBLICA

Sindicatos querem que o aumento seja discutido na Assembleia

Os Sindicatos dos Trabalhadores da Função Pública das Zonas Norte, Centro e Sul publicaram um comunicado referente ao aumento de 15 por cento de todos os trabalhadores da função pública, já promulgado pelo Presidente da República e em que se informa que as direcções decidiram «intensificar os contactos com os outros sindicatos e organizações sindicais (...) estando prevista a realização de uma reunião em Lisboa, durante o dia de hoje, para análise da situação com vista ao estudo das acções e formas de luta conjuntas a propor à classe».

No mesmo comunicado, os sindicatos subscritores manifestam a sua estranheza pelo adiamento de uma entrevista solicitada ao Primeiro-Ministro, e que se encontrava marcada para hoje, agora prevista para sexta-feira, com o argumento de «impossibilidade absoluta».

De igual modo, ficou decidido pelas direcções sindicais «prosseguir insistentemente as diligências em curso, no que respeita nomeadamente às audiências já pedidas ao Presidente da República, Conselho da Revolução, Primeiro-Ministro e grupos parlamentares da Assembleia da República e solicitar também entrevistas ao presidente da Assembleia da República e Comissão Constitucional».

Outra medida igualmente importante é o requerimento da discussão do assunto na Assembleia da República mediante petição que pode ser assinada nas sedes dos sindicatos, mas que os delegados e activistas sindicais também podem veicular.

Neste momento, de acordo com informações prestadas pelo Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul, «já tomaram posições de repúdio ao decretado pelo Governo», além dos trabalhadores da Assembleia da República os demais 44 locais de trabalho, desde os do Laboratório Nacional de Engenharia Civil aos da Direcção-Geral de Desportos.

Os trabalhadores da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho efectuaram, por seu turno, uma R.G.T., em que também repudiam a medida governamental, «considerando a intervenção dos trabalhadores na fixação das suas condições salariais uma medida irreversível».

Para o P.R.P., Partido Revolucionário do Proletariado trata-se de «um aumento fascista na Função Pública».

O Sindicato dos Professores comenta também, em comunicado que nos foi enviado, este aumento: «Desde o reajustamento de letra de Maio de 1975, que permitiu apenas reparar parcialmente as escandalosas injustiças herdadas do passado (os ordenados-base, antes do 25 de Abril eram para o professor primário 4700 escudos, para o secundário de seis mil e para um assistente universitário de 7800 escudos), os nossos salários permanecem inalteráveis.

«Mas não o custo de vida que, esse, aumentou 37 por cento, segundo as muito defeituosas estatísticas oficiais, sem contar com a habitação (...)

«O Governo pretende agora, sem consulta das organizações sindicais, decretar um aumento que não só não permite repor o poder de compra perdido, como virá agravar as desigualdades já existentes.»

Sindicatos do Porto exigem participação nas leis do trabalho

Opondo-se declaradamente à legislação antioperária que tem vindo a ser publicada, mais de meio milhar de dirigentes e delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores reunidos no Encontro Distrital do Porto sobre legislação de trabalho, exigiram «a participação organizada dos sindicatos e organizações dos trabalhadores na elaboração das leis de trabalho, de acordo com a Constituição».

Sob o signo da discussão democrática, os sindicalistas analisaram vivamente os decretos sobre quotização sindical, despedimentos, férias, faltas, feriados e contratação colectiva, considerando esta legislação anticonstitucional e, portanto, contrária aos interesses dos trabalhadores. Não tendo sido aprovada uma proposta de paralisação nacional de um dia, como forma de luta contra a actuação governamental, os participantes no encontro consideraram que a proximidade do Congresso dos Sindicatos tornava inoportunas formas de luta que, de momento só poderiam acarretar o desmembramento do Movimento Sindical.

Foi aprovada por unanimidade uma moção exigindo além da participação dos sindicatos na elaboração das leis do trabalho «que todas as leis promulgadas ou a promulgar respeitem as conquistas dos trabalhadores consagradas na Constituição e nos contratos colectivos de trabalho e a «alteração ou revogação das leis contrárias à letra da Constituição e aos interesses dos trabalhadores».

Na moção apela-se também para a publicação de legislação que garanta o mínimo de condições aos trabalhadores rurais, domésticos e do mar, para o reforço da unidade dos sindicatos e trabalhadores, para a definição de forma de luta comuns «que combatam a actual ofensiva legislativa» e, finalmente, para a discussão e participação massiva dos trabalhadores no próximo Congresso de Todos os Sindicatos.

Reformados exigem aumentos e cobrança de dívidas do patronato

«A situação da classe não se compadece com esperas e evasivas» declarou no sábado, em Coimbra, um reformado, na reunião de 400 trabalhadores na reserva que naquela cidade assinalou a Jornada de Luta promovida em todo o país pelo Secretariado Pró-Movimento Nacional de Reformados.

Os aumentos de 15 por cento previstos no Orçamento Geral do Estado para 1977 foram contestados em todas as reuniões, bem como a marginalização das mulheres, cujas pensões de reforma recentemente atribuídas são inferiores às dos homens. Em Lisboa, na Voz do Operário, várias moções de protesto foram aprovadas por aclamação, salientando-se mais uma vez o comportamento contraditório de um Governo que se diz socialista e que concede pensões de reforma miseráveis a ex-trabalhadores, e que, por outro lado, reembolsa com largas indemnizações, capitalistas e latifundiários. Os reformados contestaram também a política de saneamentos do secretário de Estado dos Assuntos Sociais, eng.º Vítor Vasques, referindo especialmente, o «afastamento dos trabalhadores do Instituto de Gestão Financeira, a dissolução do Concelho Coordenador da Previdência a demissão do Presidente da Caixa de Seguros e ainda vários saneamentos».

Exigiu-se ainda que o Governo crie «mecanismos conducentes à cobrança das dívidas patronais à Previdência», como forma de solucionar os problemas da instituição e aumentar as pensões de reforma.

A reunião da Voz do Operário foi presidida por membros do Grupo de Reformados da Intersindical, encontrando-se também na mesa representantes da Intersindical, União dos Sindicatos de Lisboa, Comissão de Reformados do Seixal e da Comissão de Reformados de Odivelas.

A jornada de Luta foi assinalada com reuniões em vários outros pontos do país, entre eles Beja, Marinha Grande, Faro, Gouveia, Tortozendo, Covilhã, Santarém, Braga, Barreiro, Viana do Castelo, Setúbal e Porto. O Secretariado Pro-Movimento Nacional de Reformados vai debruçar-se sobre as conclusões das reuniões integradas na Jornada de Luta e dará delas conhecimento ao Presidente da República e Conselho da Revolução, com pedido de revisão dos aumentos.

BANCÁRIOS DO NORTE

Tendência recorda que há "forças capazes de lutar"

A tendência C, através da Comissão de Representações de Tendências do Sindicato dos Bancários do Norte, divulgou um comunicado intitulado «Para defender o C.C.T. os bancários têm de se unir», no qual em determinada altura se afirma: «Entre os bancários há muitas forças capazes de lutar e trazer para a luta a maioria dos trabalhadores. Mesmo muitos daqueles que, manipulados, foram à assembleia do dia 28 já não apareceram na assembleia do dia seguinte. Cada dia aumenta o número dos que vêem o perigo. É importante levá-los de novo à assembleia para que defendam os seus verdadeiros interesses que o mesmo é dizer para que lutem contra o regresso dos banqueiros».

No mesmo documento, assinala aquela tendência do Sindicato dos Bancários do Norte: «É importante quebrar o isolamento para que nos querem levar no seio dos restantes trabalhadores. Fomentou-se a ideia na opinião pública — e o Sindicato nada fez contra, quando não estimulou — de que somos uma classe privilegiada. É importante esclarecer a opinião pública de que a banca se dispunha a dar centenas de milhares de contos a um punhado de privilegiados e se nega, ao mesmo tempo, a repor o nosso poder de compra».

E mais à frente: «Ora a opinião pública, na sua esmagadora maioria são os trabalhadores, os sindicatos. Vamos para o seio dos trabalhadores debater, para esclarecer, estes assuntos. Vamos ao Congresso de todos os Sindicatos e logo veremos como todos os trabalhadores estarão connosco nas nossas lutas».

A revisão contratual é um dos temas mais focados no documento que temos vindo a referir e dá-se notícia da contraproposta governamental ao projecto apresentado pelos sindicatos. Essa contraproposta baseia-se num despacho para o efeito emitido e «afasta da negociação inúmeras cláusulas, entre as quais muitas que regulamentam direitos já consagrados na actual C.C.T. ou conquistados em lutas ainda antes do 25 de Abril».

Na contraproposta governamental «determina-se a exclusão de negociação de matérias como a actividade sindical na empresa e controlo de gestão, horário de trabalho, férias, Previdência e diversos subsídios, etc. Ao mesmo tempo, estipula que a revisão contratual não pode determinar aumentos de encargos superiores a 10 por cento».

A questão do nivelamento que há pouco tempo o Ministério das Finanças intentou revogar com um despacho que viria a suspender, também é objecto de análise: «O Sindicato nunca se mostrou empenhado, para além de um ou outro comunicado platónico, em forçar a aplicação do nivelamento e muito menos em resolver os problemas derivados da sua aplicação. Os bancários é que, nos locais de trabalho, lutaram pela sua aplicação integral. Mas era uma luta sectorial, descoordenada, que conduziu às mais diversas interpretações e se saldou por um ainda maior desnivelamento.»

CONGRESSO

Iniciou-se a distribuição das sínteses

Deverá iniciar-se ainda hoje a distribuição pelos sindicatos dos documentos-síntese para discussão no Congresso de Todos os Sindicatos revelou à Anop um porta-voz da Comissão Nacional Organizadora do Congresso (C. N. O. C.).

A queles documentos as «proposta-síntese de lei sindical», «proposta-síntese dos estatutos da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses Intersindical» e «Proposta-síntese do programa de acção» são resultado das discussões havidas em plenários e assembleias gerais de trabalhadores em torno dos documentos inicialmente distribuídos por aquela comissão.

PUB

SINDICATO DOS PROFESSORES
da Grande Lisboa

A TODOS OS PROFESSORES

REFERENDO

De defesa das nossas reivindicações face ao MEIC e ao patronato
Independente do Estado, dos Governo, dos artidos e do patronato
Onde a democracia é a salvaguarda da unidade de todos os professores, qualquer que seja a sua tendência, em torno da defesa dos seus interesses

VOTA:

Por uma estrutura sindical organizada por ramo de actividade
Por um congresso preparado democraticamente, não de parte mas de todos *os sindicatos, para a unidade*
Por uma central sindical única, democrática e independente

VOTA:

Contra a cisão e o fraccionalismo sindicais
Contra a manutenção da fragmentação regional e profissional dos sindicatos
Contra o congresso de reestruturação da Intersindical

VOTA, no referendo dia 19/1/77 das 10 às 20 horas.
CONTRA, a participação do nosso sindicato no «congresso de reestruturação da Intersindical»

Nota: para votar é necessário ter as cotas de Outubro de 1976 pagas.

A DIRECÇÃO

GRUPO TEATRO HOJE

Amanhã — ESTREIA

equívoco de albert camus

Carlos Fernando

Elisa Lisboa

M.ª Jesus Aranda

Mário Viegas

Marta Ribeiro

ENCENAÇÃO
Gastão Cruz

CENÁRIO E FIGURINOS
José Rodrigues

NA CASA DA COMÉDIA

Rua S. Francisco de Borja, 24 — Telef. 857298

Todos os NOITES às 21.45 — SÁBADOS MATINÉES às 16 H.
DOMINGOS 1.ª SESSÃO ÚNICA ÀS 18 HORAS

Descanso semanal às 2.ª-feiras

N/ aconselhável a menores 13 anos

Trabalho

Portuários constituem sindicato

Considerável afluência de trabalhadores das administrações e juntas portuárias de Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Aveiro, Figueira da Foz, Setúbal, Faro e Portimão assinalou, no sábado, a assembleia constitutiva do seu sindicato, que terá âmbito nacional.

Dos três projectos de estatutos, foi aprovado o «A», apresentado pela comissão pró-sindical da Agência Geral do Porto de Lisboa, representando uma tendência unitária. Dos restantes projectos, um aparecia identificado com as posições do MRPP e previa o direito de tendência; o outro, subscrito por uma comissão unitária da administração dos portos do Douro e de Leixões acolhia esse direito até certo ponto.

O sufrágio decorreu durante a tarde de sábado, nas instalações da Estação da Rocha do Conde de Óbidos, e nele participaram milhares de trabalhadores, muitos dos quais provenientes de outros pontos do País. As eleições para os corpos gerentes da nova organização sindical serão oportunamente anunciadas, aguardando-se a publicação dos estatutos no «Diário da República» para concretizar a sua legalização.

DIRIGENTES SINDICAIS DO JAPÃO

Esforçamo-nos pela unidade na luta dos trabalhadores

«Dos contactos que tivemos durante a nossa visita, ficou-nos a impressão de que a Intersindical tem uma grande e dura tarefa a cumprir em Portugal, no desenvolvimento da Revolução do 25 de Abril. Primeiro, sustentando as conquistas já obtidas, depois ampliando-as e melhorando gradualmente as condições de vida dos trabalhadores». Isto mesmo nos afirmou o secretário do Conselho Geral dos Sindicatos Japoneses, Chiyuki Doki, o qual, acompanhado do chefe do Departamento de Pesquisa daquele Conselho — o SOHIO — esteve alguns dias em Portugal, a convite da Inter. Os dirigentes sindicais japoneses regressaram a Tóquio no passado fim-de-semana. Durante a sua curta visita, tiveram duas sessões de trabalho com o Secretariado da Intersindical e deslocaram-se a empresas como a Cometna e a Cuf, onde contactaram com as delegações sindicais e as comissões de trabalhadores.

«Viemos a Portugal com o fim de reforçar a amizade e a solidariedade entre as duas centrais sindicais. A Intersindical e a SOHIO conhecem-se desde o encontro internacional do Cairo e, no prosseguimento dos nossos contactos, esperamos receber em breve no Japão uma delegação da Inter» — disse-nos Chiyuki Doki.

Quisemos saber alguma coisa sobre as realidades sindicais japonesas. Desde logo nos foi sublinhado que, em resultado de circunstâncias históricas várias, existem no Japão 4 centrais sindicais, facto que, apesar das boas relações entre algumas delas, em nada veio beneficiar o mundo do trabalho. A maior delas é, precisamente, a SOHIO, que abrange cerca de cinco milhões de trabalhadores e está ligada ao Partido Socialista. Não está filiada em qualquer organização internacional. A segunda central, em número de associados é a DOMEI, ligada ao Partido Social Democrata, com 2 milhões e 300 mil inscritos. Viríamos a saber, já depois da nossa conversa com os japoneses, que a DOMEI está filiada na CISL, organização vulgarmente considerada como sofrendo fortes infiltrações da CIA. Por sectores profissionais, predominam na SOHIO, curiosamente, os trabalhadores do sector público, seguidos, no sector privado, pelos siderúrgicos, químicos e ferroviários. Na DOMEI, os sectores mais representados são a indústria automóvel, a construção naval, os têxteis e a marinha mercante.

As outras duas centrais sindicais são de menor dimensão.

Ainda assim representam, no seu conjunto, perto de 2 milhões de trabalhadores. Estas centrais não estão ligadas a partidos políticos e, no fundamental, a sua linha é coincidente com a da SOHIO. A unidade na acção quebra-se, com todos os inconvenientes que do facto resultam, nas relações entre a SOHIO e a DOMEI. afirmaram-nos a este propósito:

«A nossa central sindical tem sempre desenvolvido bons esforços para conseguir uma plataforma de unidade com a DOMEI, mas infelizmente, não temos sido correspondidos da maneiraa mais desejável, pelo que a unidade não foi ainda conseguida. Embora cooperemos em algumas matérias, como por exemplo na defesa do salário mínimo, as divergências entre os partidos reflectem-se, o que é de lamentar, na vida sindical. As próprias tácticas de luta divergem, em função das opções políticas».

No entanto, há exemplos de que a unidade é possível. Yoichi Yamada, chefe do Departamento da SOHIO demonstra esta afirmação com o que se passa todos os anos na «Primavera de luta», jornada que se assemelha ao «Primeiro de Maio»:

«Todos os anos, pela Primavera, os trabalhadores japoneses desencadeiam manifestações de massas, para reivindicações de carácter salarial e social; contra a inflação e a alta dos preços. Nessa altura todas as divisões se apagam e é frequente marcharem nas ruas, ombro a ombro, filiados da DOMEI e filiados das outras centrais. Isto prova como os trabalhadores são capazes de estar unidos, quando são os seus direitos e interesses fundamentais que estão em causa. Por nossa parte tudo continuaremos a fazer para que a unidade na luta da Primavera seja uma constante».

RODOVIÁRIOS

Lista "A" ganha no Porto

A lista «A», apoiada pela anterior direcção, venceu as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários do Porto, com 80,7 por cento dos votos expressos. Gualdino Reis mantem-se na presidência.

A lista «A» apresentou sob a sigla «Por melhores contratos colectivos de trabalho, por um sindicato forte, pela unidade, pela democracia, em defesa de um Portugal novo».

Votaram na lista vencedora 2 mil 154 associados e na lista vencida 509 (19 por cento). De notar, o substancial acréscimo do número de votantes: de 3 por cento nas anteriores eleições, passou para 38 por cento.

A.C. SANTOS

Oito gerentes (ex-sócios) fazem por trazer o patrão

Oito das dez lojas dos supermercados A. C. Santos (que desde a intervenção estatal estão integrados com o Pão de Açúcar e Nutripol) foram encerrados no dia 6, quinta-feira, pelos respectivos gerentes, que anunciaram a reabertura para hoje, mas já sob a gerência do antigo patrão, Adelino Cardoso dos Santos — confirmou-nos esta manhã um elemento da Comissão de Trabalhadores daquele Grupo.

Aqueles elementos que antes da intervenção estatal eram sócios da A. C. Santos e chegaram a estar suspensos das suas funções, acabando mais tarde por ser reintegrados nas mesmas funções, tinham entretanto, deixado de depositar as receitas dos estabelecimentos desde o dia 1 de Janeiro.

Deste modo, e embora a própria Comissão Administrativa, de nomeação governamental, já tenha proposto ao Governo a devolução da A. C. Santos ao seu antigo patrão, este «regresso» sem que até agora o Governo se tenha pronunciado sobre essa hipótese, e com um contencioso em aberto que inclui dívidas deste grupo de supermercados, avales governamentais para o conjunto das empresas e até trabalhadores quer do Pão de Açúcar quer da Nutripol que, neste momento ali desempenham funções.

O movimento dos gerentes no sentido de deixarem de estar integrados no grupo do Pão de Açúcar e da Nutripol começou no mês passado quando fizeram circular um abaixo-assinado que recolheu numerosas assinaturas, muitas delas por medo ou mesmo por coacção, segundo nos garantiu o nosso informador.

A intervenção estatal nas três cadeias de supermercados que passaram desde então a funcionar de forma integrada, verificou-se em Maio de 1975, com base no Decreto-Lei 660/74.

A
PUBLICIDADE
BEM UTILIZADA

- contribui para a redução de gastos de energia e do consumo de combustíveis
- ajuda a economizar tudo que não constitui consumo indispensável
- estimula as economias, os depósitos a prazo e outras formas de poupança
- contribui para a prevenção de acidentes, doenças e surtos epidémicos
- participa na generalização de hábitos de higiene e na defesa da salubridade pública
- cria o gosto pela leitura e pelo aproveitamento cultural e artístico dos tempos livres
- divulga as vantagens da educação física e da prática dos desportos
- sugere programas de utilização dos tempos livres e de gozo das férias
- ensina regras de alimentação e a preferir os melhores alimentos
- defende e orienta o consumidor
- melhora as condições de tráfego e de ambiente, das estradas e dos centros urbanos
- valoriza as qualidades dos produtos
- explica as vantagens de utilização dos serviços
- é uma arma na batalha pelo desenvolvimento económico e social do País

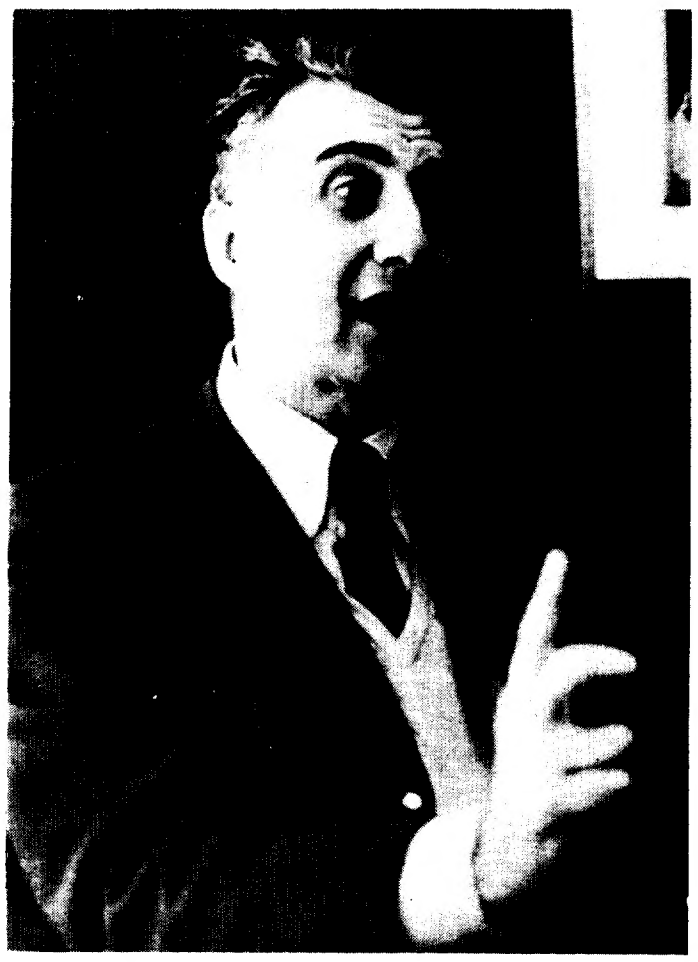
as campanhas de publicidade
devem pois ser

bem concebidas
estudadas cientificamente
orientadas num sentido de utilidade social
distribuídas pelos meios e veículos
mais apropriados

ENTREGUE AS SUAS CAMPANHAS
A UMA BOA
AGÊNCIA DE PUBLICIDADE

Nacional

A verdade silencia o



Dr. Vasco Neves: «Ao ser nacionalizada, a Cerga já es ava financeiramente enterrada pelo menos até aos joelhos»

Tem despertado um vivo interesse entre muitos trabalhadores, técnicos e quadros do sector cervejeiro, o inquérito que temos vindo a realizar sobre a situação neste sector.

É óbvio, no entanto, que nem toda a gente está de acordo connosco, ou nos tem manifestado o seu apoio. É assim que os sectores ligados ao capital e empenhados em combater todas as conquistas alcançadas pelos trabalhadores após o 25 de Abril de 1974, não têm escondido o seu profundo desagrado pelos resultados do nosso inquérito e, encobertos pelos Mantas da CIP do «Jornal Novo», nomeadamente, têm-se manifestado histericamente contra os **«técnicos progressistas»** do pós-25 de Abril das empresas em pior situação económica e responsáveis pelo descalabro do sector».

Não é menos óbvio, contudo, que não é o «descalabro» do sector que os preocupa, mas sim o facto de que o sector das cervejas *«não escapou à sanha anárquica das nacionalizações* do companheiro Vasco» (sublinhado por nós), e de que a reestruturação que se impõe fazer rapidamente, no sentido que até sempre foi o apontado pelo ministro da Indústria, e que os trabalhadores do sector, por maioria, rectificaram em votação secreta, e que é a reestruturação que todas as razões de ordem técnica, económica, financeira e humana aconselham, como salientaram num documento de que fizemos eco, cinquenta quadros e técnicos do sector, *liquida* os projectos dos Champalimauds para levarem ao encerramento das três empresas cervejeiras mais recentes (Cergal, Copeja e Imperial), a fim de as comprarem depois ao desbarato para se reintroduzirem no sector cervejeiro, ou conseguirem que o Governo lhas ceda «de arrendamento».

A reestruturação que se impõe fazer rapidamente e que deverá levar à criação de um órgão unificado de gestão e a uma planificação centralizada ao nível do sector, *liquidaria* igualmente as manobras dos Vinhas, Melos e seus acólitos, da gente reaccionária, profundamente comprometida com a Pide e o fascismo. Compreende-se assim o desespero dos lobos.

No prosseguimento deste inquérito, publicamos hoje as declarações que nos foram prestadas pelo dr. *Vasco Neves*, membro da Comissão Administrativa da Cergal, sobre a situação nesta empresa cervejeira e os problemas tremendos que o grande atraso que se verifica na reestruturação do sector tem levantado e continua a levantar às três empresas que se instalaram recentemente no mercado, que são pequenas em relação ao volume de vendas, mas que dispõem de capacidade de produção e de instalações das mais modernas e de técnica avançada.

O depoimento de um técnico como o dr. *Vasco Neves*, deita por terra, se tal ainda fosse necessário, todo o arrazoado de quantos falam dos técnicos «das empresas em pior situação económica e responsáveis pelo descalabro do sector».

VAMOS SER PRÓSPEROS

«Quando o grupo heterogéneo constituído por vidreiros, lavradores, homens ligados a empresas de refrigerantes e outros obteve em 1968 o alvará para instalar esta fábrica de cerveja, que começou a laborar em 1972, tiveram, por aquilo que me foi dado conhecer, este género de raciocínio: vamo-nos instalar para ser uma grande empresa, e uma empresa altamente lucrativa, que se vai bater de caras e vencer o gigante monopólio da S.C.C.-CUF Portuense.

E assim fizeram. Em vez de humildemente começarem com uma pequena empresa que a pouco e pouco fosse aumentando, dotaram-se de todas as condições, mesmo as secundárias e as dispensáveis, de uma empresa próspera, criaram uma grande equipa de quadros comerciais e administrativos porque, enfim! iam ser uma grande empresa, iam vender muitos milhões de hectolitros de cerveja e portanto não iam, mesquinhamente, começar com modéstia.

O lançamento da Cergal foi deste modo feito em grande, com uma campanha publicitária de tal aparato que surpreendeu quantos estavam ligados ao sector das cervejas e até a muitos que a ele não estavam ligados. A publicidade da Cergal invadiu os meios de comunicação social.

A S.C.C., grande e rica como era, não se ficou, e reagiu fortemente à publicidade do produtor que procurava penetrar no mercado onde ela era «rei e senhor», do que resultou uma campanha publicitária à *cerveja* em geral que fez com que a capitação de Portugal desse um pulo que a levou quase ao dobro do nível anterior.

Não há dúvida nenhuma que esta luta feroz que se travou entre as marcas que estavam instaladas no mercado, principalmente a Sagres, e a marca que queria penetrar no mercado, que era a Cergal, essa luta feroz travada no domínio publicitário trouxe alguns benefícios a este produto que é a cerveja. As pessoas começaram a ver, a ler e a ouvir constantemente: beba cerveja; a cerveja preta é revigorante; quando estiver cansado beba cerveja; a pescada sabe a lagosta quando é acompanhada de cerveja e muitas coisas mais.

Isto fez com que a capitação da cerveja no nosso País, que era da ordem dos 15 litros por cabeça, passasse para 30 e tal litros, a ponto de nós estarmos hoje, em capitação de cerveja, naquele limite máximo que os países vinícolas França, Itália, Espanha têm já, e que anda à roda dos 40 litros (e que naturalmente é muito inferior à dos países que não produzem vinho, como a Bélgica, a Holanda, a Alemanha e a Dinamarca, onde a capitação anda à volta dos 110 e 120 litros por cabeça).

OS PROBLEMAS DA CERGAL

A Cergal travou esta luta nas piores condições. As dificuldades começaram por ser uma empresa constituída por um conjunto heterogéneo de pretendentes a alvaras de cerveja, porque obviamente é muito mais difícil nessas condições montar uma empresa, dada a inexistência de um grupo coeso, com ideias bem definidas, que sabe como há-de avançar na concretização desse projecto.

A Cergal teve por isso, logo à partida, tremendos problemas a ultrapassar. Entre eles, resultam três:

O primeiro, foi conseguir encaminhar os vários indivíduos e grupos a quem foi atribuído o alvará, e que obviamente tinham ideias diferentes sobre o projecto.

O segundo foi o local escolhido, em Belas. Este local tem uma grande vantagem, pois pelo menos de modo relativo está situado praticamente em Lisboa. Contudo, para chegarem a Lisboa os camiões da Cergal circulam por estradas horrorosas, estreitas e com imenso movimento: de manhã, quando os camiões da Cergal vão para Lisboa, é a hora de ponta do trânsito; no regresso, após o seu trabalho, circulam de novo numa hora de ponta. No total, os camiões levam uma hora e às vezes mais para chegarem a Lisboa, e idêntico tempo para fazerem a viagem de regresso. Imagine-se, pois, o que isto significa em despesas de gasolina e em desgaste do material.

Quer dizer: a localização, como terreno, é óptima: o espaço é extremamente amplo, possibilitando excelentes instalações, e dispõe de água própria, muito boa e abundante. Simplesmente, o acesso, que é um aspecto muito importante da questão (tanto para os camiões como para as pessoas, as matérias-primas e o produto final) é que é péssimo.

UMA COISA DISPARATADA

Este aspecto péssimo tem uma contrapartida que já referi mas convém sublinhar: dispõe de água própria, muito boa e em abundância.

A cerveja tem, como se sabe, fundamentalmente duas matérias-primas: o malte, derivado da cevada, e a água. A água é fundamental não só para a produção da cerveja, como para outros fins, como seja o da lavagem das garrafas. O consumo de água, nas unidades cervejeiras, é muito grande.

Ora acontece no ramo cervejeiro esta coisa absolutamente disparatada: as duas maiores fábricas do País, que representam cerca de 80 por cento da produção de cerveja, que são a da Vialonga, da SCC, e a de Leça do Balio, da CUF Portuense, não têm água própria, estão totalmente dependentes da água que lhes é fornecida pelas câmaras municipais respectivas. Imagine-se os problemas tremendos que estas fábricas têm dada a carência de águas, sobretudo nos meses de Verão. Isto é de tal maneira que a CUF Portuense teve este ano que recorrer à Copeja, em Santarém, que fabrica a Clol, que esta lhe produzisse mais de dois milhões de litros de cerveja com as características da fabricada pela C.U.F. Portuense.

O terceiro problema que as pessoas que se meteram no projecto da Cergal tiveram que ultrapassar foi o levantado por um magnífico arquitecto que contrataram e que lhes disse qualquer coisa como isto: uma fábrica nesta bucólica região é um atentado à paisagem, por isso deve-se rebaixar o terreno em seis ou sete metros, para que não se veja a fábrica quando se passa na estrada. É assim que hoje, quando se olha para toda esta área, onde estão situadas as instalações da Cergal, observa-se que ela foi rebaixada naquela altura de cerca de seis metros. Ora isto custou milhares de contos!

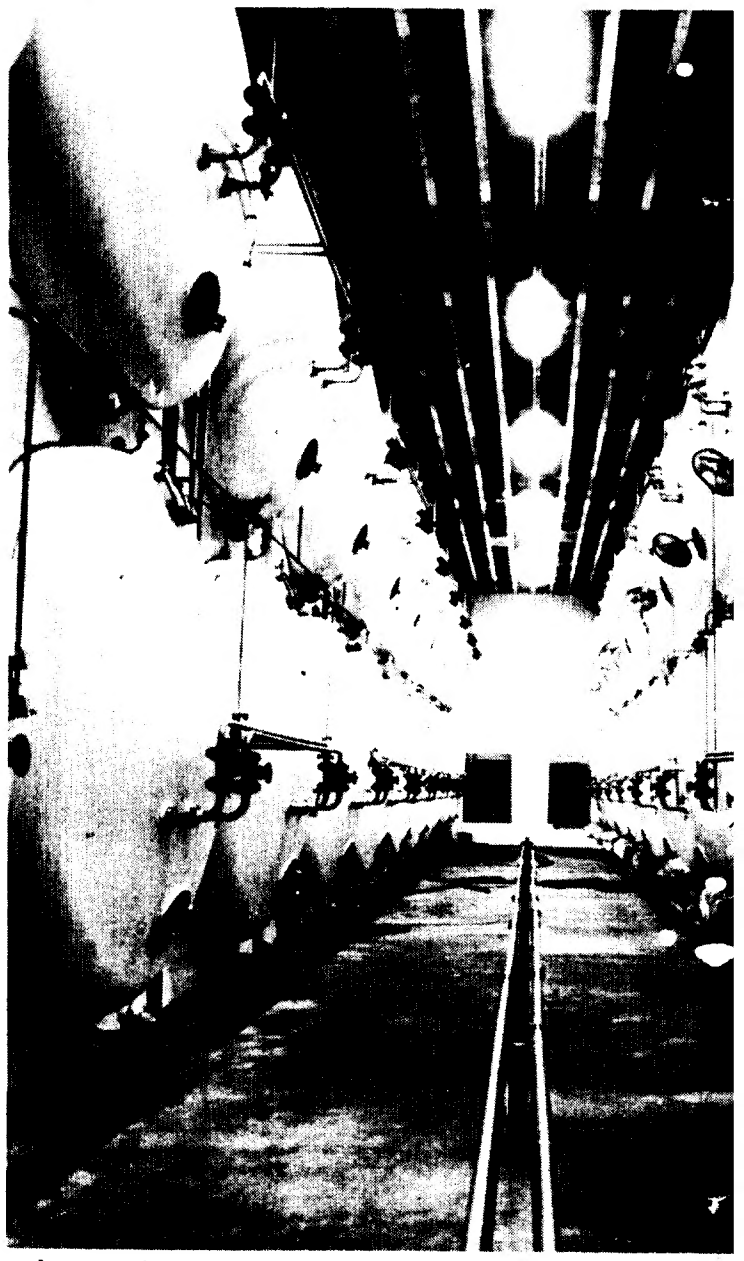
Assim, logo à partida, esta empresa, para se instalar, fez despesas não necessárias que ascenderam a muitos milhares de contos.

IMPROVISAÇÃO INICIAL

Uma outra dificuldade, e não a menor, que esta empresa enfrentou inicialmente foi esta: as pessoas que obtiveram o alvará para instalar a Cergal não sabiam fazer cerveja. Ora a cerveja é uma especialidade, existindo inclusivamente universidades cervejeiras na Europa. Apesar disso, o que é que aqueles senhores que eram vidreiros, lavradores, da indústria de refrigerantes haviam de fazer? Suponho que se devem ter dito: temos que arranjar uma entidade, uma empresa especializada que nos dê o apoio técnico para a instalação da fábrica e para o arranque da produção.

E como devem também ter imaginado que as grandes empresas cervejeiras internacionais estavam ligadas ao monopólio da SCC, contactaram na Espanha uma firma a Mahon , que até está a produzir e a vender bem na Espanha mas que não é de todo uma entidade que tenha prática internacional de apoio cervejeiro.

Esta firma espanhola aceitou o convite que lhe foi feito e veio a dar o apoio de que era capaz ao lançamento desta fábrica. Não sendo mau, o apoio que deu não teve nada de especial, e assim a Cergal teve de enfrentar inúmeros problemas. Por todas estas razões, hoje qualquer bom técnico cervejeiro nota que todo o



Aspectos de uma das adegas da Cergal, empresa que os Champal

gizar desta fábrica foi mal feito desde a partida.

Deste modo, logo à partida, a Cergal surgiu emperrada em mil dificuldades e com um investimento monstro, tanto em capital fixo como em capital comercial e de fundo de maneio, isto para um capital social relativamente pequeno (antigamente, como se sabe, no nosso País quando se pensava num empreendimento via-se o capital necessário como um pormenor: entrava-se com um capital simbólico e depois ia-se aos bancos pedir dinheiro emprestado).

Quando as pessoas metidas nesta empresa começaram a sua actividade como cervejeiros, já estavam enterradas financeiramente até aos joelhos pelo menos. E assim é que aquela empresa jovem, dinâmica, agressiva, bem estruturada, que eventualmente podia ter sucesso face ao colosso instalado chamado SCC, e que em poucos anos podia ter virado o mercado de avesso como aconteceu em Angola, onde a Nocal, em meia dúzia de anos virou completamente o mercado, que até então era controlado pela CUCA (que pertencia à S.C.C.), passando a produzir muito mais do que a CUCA, iniciou com as maiores dificuldades a sua produção. Na Cergal, efectivamente, sucedeu o contrário do que acontecera em Angola com a Nocal.

Na Cergal partiu-se do princípio de que iam vender milhões de hectolitros de cerveja e ganhar muitos milhares de contos. Como os investimentos inúteis foram elevadíssimos e os erros cometidos inicialmente vários, esta empresa *nunca* deu lucros. A Cergal iniciou a sua actividade em 1972 e no final desse ano teve prejuízo. Em 1973 teve prejuízo. E em 1974 voltou a apresentar um saldo negativo, embora menor.

Entretanto, o capital social foi aumentado, passando de 75 ou 100 mil contos para 250

Nacional

...tivo dos Champalimaud

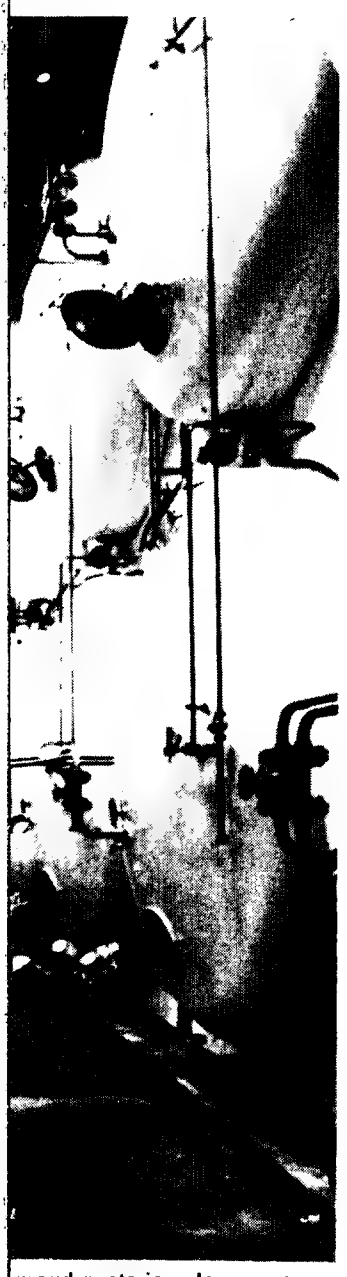
Inquérito ao sector cervejeiro de J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

...mil contos (não totalmente satisfeitos, pois o realizado é apenas de 165 mil contos). Isto quando o capital imobilizado é da ordem dos 400 e tal mil contos. A diferença entre o capital social realizado e o investimento imobilizado (além das muitas centenas de contos gastos em publicidade e outras despesas) foi avançado pela Banca.

É assim que a Cergal surgiu, e é assim que a Cergal ao ser nacionalizada já tinha 108 mil contos de prejuízos acumulados.

RECUPERAÇÃO DA EMPRESA DEPENDE DA REESTRUTURAÇÃO

No decorrer de 1975 começámos a pôr contabilisticamente as coisas como devia ser. Neste ano, a empresa teve ...rejuízo de 122 mil contos o que, a juntar aos 108 mil contos que já tinha de prejuízo, apresentou um prejuízo acumu-



...maud gostariam de recuperar

lado de 230 mil contos. Sublinhamos que isto para um capital social de 250 mil contos, dos quais só 165 mil foram realizados.

Em 1976, o que é que acontece? Após a nacionalização do sector cervejeiro, houve problemas na Cergal, como houve em muitas outras empresas, que tiveram também as suas consequências a nível financeiro.

Por outro lado, há que ter em conta que entretanto apareceram mais duas empresas no mercado cervejeiro: a Copeja (que fabrica a Clok) e se instalou em Santarém; e a Imperial (que fabrica a Marina) e se instalou em Loulé, tendo ambas começado a produzir cerveja em 1975.

Quer uma quer outra destas empresas surgiram com um capital social muito pequeno (75 mil contos cada), mas com despesas de investimento muito menores do que as da Cergal, até pelos processos adoptados: mais modernos, menos custosos e exigindo portanto menos investimento de capital. Além disso, nestas empresas não se fizeram muitas asneiras se é que as houve nestas duas empresas, contrariamente ao que sucedeu aqui na Cergal, onde as asneiras foram muito numerosas.

No ano de 1975, quer em virtude dos aumentos salariais mas também do preço das matérias-primas , e também de uma certa quebra na produtividade, as cinco empresas do sector cervejeiro, todas nacionalizadas, tiveram, em conjunto, um prejuízo de quase 400 mil contos.

As comissões administrativas, nomeadas após a nacionalização, procuraram enfrentar todas estes problemas num espírito de cooperação, pois já não havia razão para prosseguir com a concorrencia anterior. E em parte, pelo menos durante algum tempo, isso foi conseguido. No quadro deste trabalho, apresentamos um estudo ao Ministério da Indústria e Tecnologia, de quem dependemos, onde propunhamos, para fazer face ao estado deficitário do sector, um aumento do preço da cerveja, o que não era nada de escandaloso atendendo a que o preço desta não aumentava para o produtor há cerca de trinta anos os aumentos verificados foram-no apenas para o Estado.

Este aumento solicitado calculado para o conjunto do sector, foi de 3$00 por litro (preço médio), isto, evidentemente, independentemente das medidas de reestruturação que há muito esperamos, e que poderiam conduzir também a economias de escala bastante grande (mas que também só por si não bastariam para reequilibrar financeiramente o sector).

Simplesmente, o Governo demorou demasiado tempo a apreciar aquele estudo, e só em fins de Março último é que o Governo decidiu que o preço da cerveja aumentaria a partir de 1 de Abril, mas não em 3$00 o litro, como havíamos solicitado, mas de 4$30 por litro, dos quais apenas 2$30 para o produtor, arrecadando o Governo para o Estado os restantes 2$00 por litro de cerveja. É assim que o imposto de transacções sobre a cerveja, que já estava em 4$00 por litro, passou para 6$00 por litro, o que significa um aumento de 50 por cento.

Este aumento, que deveria resolver o problema financeiro de todo o sector, acabou em 1976 por solucionar apenas os problemas das maiores empresas (maiores em volume de vendas apenas): a SCC e a CUF Portuense. Quanto aos restantes, a Cergal, a Copeja e a Imperial, viram manter-se as suas dificuldades, já que não havendo sido tomadas as medidas de reestruturação que se esperavam, e há muito se impõem, os resultados do aumento do preço da cerveja, calculado para todo o sector, não circulam entre as empresas, e assim são no essencial apenas as empresas que já controlavam o mercado de vendas, como é o caso da SCC e da CUF Portuense, que beneficiaram desse aumento. A tal ponto, que enquanto estas empresas já deverão apresentar em 1976 lucros, as três empresas mais pequenas (na quantidade de cerveja vendida, mas não na capacidade de produção) continuam a enfrentar as maiores dificuldades.

É muito fácil ver porquê. É que enquanto a SCC vende por ano à roda de 190 milhões de litros de cerveja, isto multiplicado pelo aumento de 2$30 por litro dá um aumento de receitas de cerca de 400 mil contos, o que já é muito bom. Assim, se a SCC teve em 1975 um prejuízo de 122 mil contos, como teve em 1976 um aumento de receita da ordem dos 400 mil contos, deverá obrigatoriamente apresentar lucros no ano transacto.

A CUF Portuense, por sua vez, que tinha prejuízos da ordem dos 15 mil contos, como vende quase 60 milhões de litros de cerveja, o aumento de 2$30 possibilitou-lhe um acréscimo de cento e tal mil contos, devendo também apresentar lucros em 1976.

Para as pequenas empresas, a Cergal, a Copeja e a Imperial, que em volume de vendas representam apenas 15 por cento do mercado, já o problema se põe de outro modo, pois dado o seu pequeno volume de vendas o aumento de receitas possibilitado pela alta do preço da cerveja de 2$30 não altera substancialmente as situações financeiras destas empresas.

É assim que nós, aqui na Cergal, por exemplo, em vez de termos em 1976 um prejuízo como em 1975 de 122 mil contos, devemos ter perdido em 1976 (porque também o aumento só foi aplicado durante nove meses) já cerca de 80 e tal mil contos.

Quer dizer, o conjunto do sector cervejeiro (até porque o aumento do preço da cerveja foi calculado para todo o sector) encontrou no ano transacto uma situação de equilíbrio financeiro, embora, pelas razões que já expus, enquanto a SCC e a CUF Portuense apresentam lucros, as restantes empresas do sector tiveram prejuízos.»

«D.L. — É verdade que as empresas mais pequenas (apenas do ponto de vista do volume de vendas) deixaram de pagar o imposto de transacções?

Vasco Neves — É totalmente exacto. Os problemas criados pelo atraso da reestruturação são de tal ordem que não tivemos outra solução senão utilizar, para nosso financiamento, os 15 por cento das receitas respeitantes ao imposto de transacções. Nas empresas com menor volume de vendas, as receitas das vendas na época baixa, no Inverno, não chegam para cobrir as despesas correntes — por isso nós não podemos depositar as receitas provenientes daquele imposto.

Já fomos chamados à Direcção-Geral dos Impostos, onde, muito normalmente do ponto de vista daquela Direcção Geral, nos foi dito que nós deveríamos pagar os impostos, porque é dos impostos que vive o Estado. Nós estamos de acordo, mas a realidade é que não temos dinheiro para o pagar, e dissemos às pessoas que nos receberam isto mesmo: tome o Governo as medidas de redefinição ou reestruturação do sector cervejeiro, ou então que nos financie. Enquanto isso não acontecer, nós encontramo-nos na impossibilidade de cumprir aquela obrigação.

Bem vê: a nossa única fonte de financiamento tem sido esse imposto. À Cergal a Banca já não empresta mais dinheiro. Compreende-se, pois já lhe emprestou mais de 300 mil contos, e recusa-se a emprestar mais enquanto não vier uma definição governamental para o sector cervejeiro.

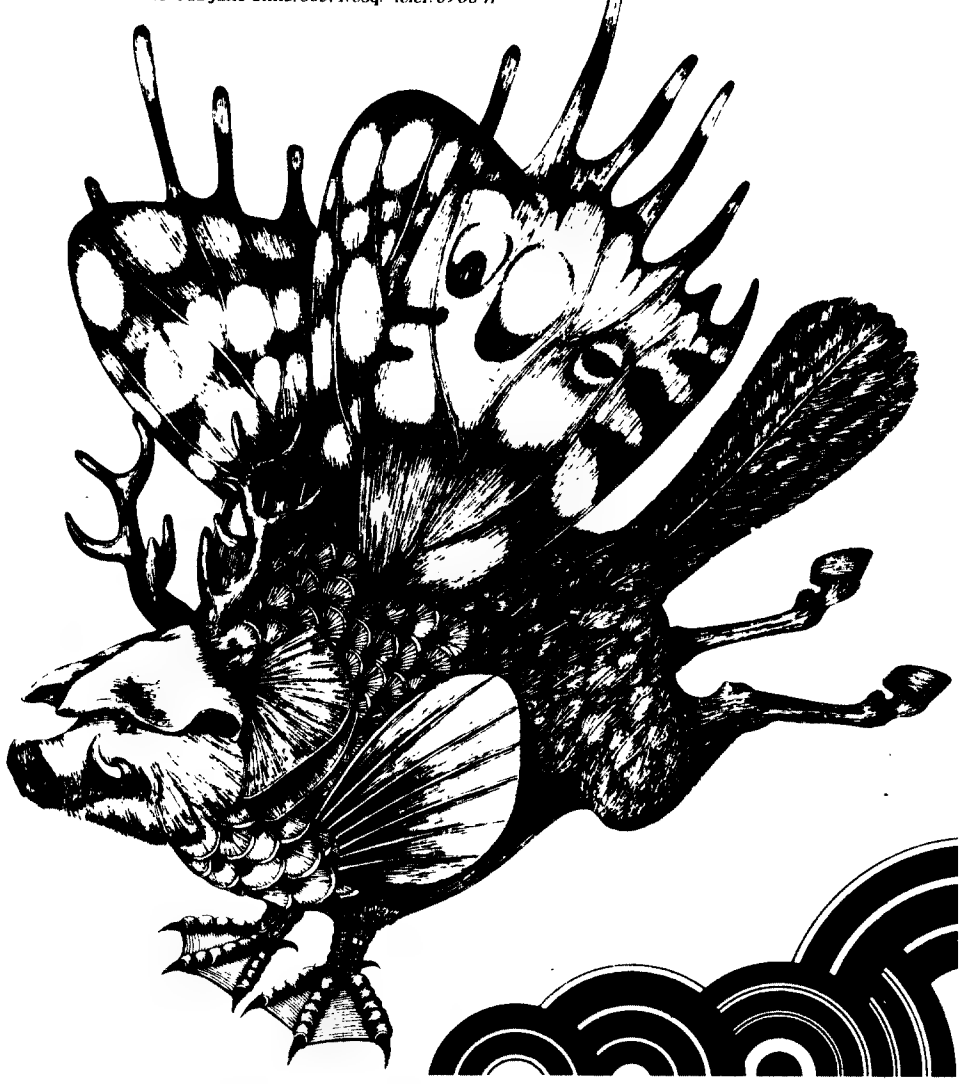
Quero sublinhar, ainda, que possuímos cópias de montanhas de cartas que temos enviado, desde há muitos meses, a todas as entidades oficiais a esclarecer toda a situação e a pedir providências. E nas suas mãos que está a resolução do problema.

Uma vez reestruturado o sector cervejeiro, a Cergal, que não utiliza actualmente senão uma pequena parte da sua capacidade de produção, poderá desempenhar, graças às instalações, aos equipamentos e à técnica de que dispõe, um papel de relevo no mercado cervejeiro português

o imaginanimal eficaz

O IMAGINANIMAL EFICAZ É DA GRANDE FAMILIA DOS SIMBOLOS MODERNOS
ANIMAL CRIADOR E CRIALCROS
OBTÉM-SE POR CRUZAMENTO ENTRE A IMAGINAÇÃO E A EFICACIA
RAPIDO. PENSA E ACTUA DEPRESSA
LEAL. SERVE NA OPORTUNIDADE E COM DEVOÇÃO.
HABITA A SONARTE.
É O SIMBOLO DA SONARTE. UMA AGÊNCIA DE IMAGINACIDADE PUBLIFICACIA.

SONARTE PUBLICIDADE LDA.
Lisboa • rua actor isidoro, 3.º 4.º - telefs. 894091 2 3
Porto • rua julio diniz, 803, 1.esq. - telef. 690647



Geral

REGRESSOU JOÃO LIMA

Acordos luso-luxemburgueses serão assinados em Março

De regresso de uma visita ao Luxemburgo e à Holanda, chegou esta madrugada a Lisboa, o secretário de Estado da Emigração. No aeroporto, o dr. Joao Lima considerou que o protocolo assinado com as autoridades luxemburguesas «nao continham modificaçoes extremamente significativas, em termos do acordo anterior e portanto grandes melhorias para a situação do emigrante no Luxemburgo», mas que se tratava de «um ponto de partida» para futuros contactos

Em relação à sua deslocação, à Holanda, o secretário de Estado da Emigração classificou-a como «uma visita de cortesia». No seu contacto com os emigrantes e sobre a opinião destes sobre o que se passa em Portugal, o dr Joao Lima diria que «salvo alguns casos marginais», «a grande massa dos trabalhadores emigrantes mostram-se muito confiantes no futuro do nosso país».

As autoridades luxemburguesas aceitaram o pedido de novas negociações a curto prazo, ficando, em principio, marcadas para Março, as quais incidirao sobre o acordo de segurança social, incluindo o problema do aumento de abono de família aos filhos de emigrantes que continuem a residir em Portugal. Em Abril haverá conversações sobre a renovacao do acordo de emigraçao, o emprego, problemas de trabalho, ensino e formacao profissional, condiçoes de vida e habitacao.

PAUL DIJOUD EM LISBOA

O secretário de Estado francês dos trabalhadores imigrados, Paul Dijoud, chega amanha a Lisboa para uma visita de três dias. Para além das conversações com o secretário de Estado da Emigração, Paul Dijoud será recebido pelo Primeiro-Ministro e pelo Presidente da República.

Aquele membro do Governo francês avistar-se-á ainda com dirigentes do P. S. D./P. P. D.

I CONGRESSO DE EMIGRANTES MADEIRENSES

FUNCHAL, 10 Sob a designação «Madeirem/77» vai realizar-se nesta cidade, de 25 de Junho a 3 de Julho, o I Congresso de Emigrantes Madeirenses.

Trata-se de uma iniciativa do governo regional, agora anunciada na sua primeira conferência de Imprensa.

Para além do congresso, que visa fundamentalmente incentivar o emigrante madeirense para o desenvolvimento da sua terra, haverá lugar a diversos festejos típicos. Conta-se com a presença de entre cinco a dez mil emigrantes.

O "ministro dos portugueses" em França

Soeiro Sarmento

PARIS, 10 Tal como em Portugal, no governo francês há um ministro para as questões da emigracao. Trata-se do secretário de Estado Paul Dijoud, membro dos «Republicains Independants» (o partido do presidente Giscard), que agora visita Portugal para assinatura do acordo de emigraçao.

Paul Dijoud é o segundo secretário de Estado encarregado dos imigrantes. Após a eleição de Giscard d'Estaing (Maio de 74), foi criada uma Secretaria de Estado dependente do Ministério do Trabalho. Postel-Vinay foi o primeiro secretário de Estado (8.06.74), tendo pedido mês e meio depois em consequência de um diferendo quanto à política de imigração com o então primeiro-ministro Chirac e não tendo obtido o apoio que esperava de Giscard d'Estaing. Postel-Vinay connsiderava os meios postos em prática a favor dos estrangeiros como insuficientes, nomeadamente no capítulo do alojamento, o que levou o insuspeito «Le Monde» a afirmar que a política posta em acção corria o risco de se limitar a uma «caricatura de política de imigração» (G. Mathieu 24.07.74).

Imediatamente o seu lugar foi preenchido por Paul Dijoud, considerado como um dos «dauphin» do presidente.

Um dos mais jovens secretários de Estado (nasceu em 1938), deputado desde 1967, entrou no governo em Abril de 73 encarregado da funçao pública e mais tarde ocupava-se igualmente das questoes de formaçao profissional. Em Outubro do mesmo ano, foi eleito presidente da Câmara de Briançon. Em Dezembro, encarregado da prevenção na estrada. Em Março 1974, no último governo Messemer, já nomeado secretário de Estado para os assuntos do «Environnement».

Afastado do primeiro governo constituido por Chirac (8.06.74) passa a exercer a pasta dos assuntos para a imigração, graças à demissão de Postel-Vinay, a partir de 22 de Junho de 1974 e até hoje.

Defensor de uma aproximação dos «Republicains Independants» com a esquerda não comunista (mantém «relações de amizade» com Gaston Deferre do PS, esperando poder conquistar-lhe a municipalidade de Marselha em 1983) e de um afastamento da UDR/RPR de Chirac, Paul Dijoud passa por ser, para os observadores, «um socialista envergonhado, mas que os socialistas não querem». Ao candidatar-se em Briancon afirmava a necessecidade de «construir um socialismo à francesa». Ainda recentemente (Fev. 76) repetia: «A França nao escapará a uma reflexao sobre o socialismo (...) e o giscardismo deverá integrar uma parte do ideal socialista levando assim a participar na sua acção uma corrente social-democrata».

Diferentemente comentada pelos socialistas com quem tenta «filtrar», a acção de Paul Dijoud tem-se limitado a declarações de intenções de discursos de boa vontade. Os sindicatos afirmam tratar-se de «demagogia». Com efeito, quem parece conduzir a politica de imigração é o ministro do interior Poniatowski através de medidas repressivas dos imigrantes e suas famílias. Dijoud, a quem já chamaram o «ministro das marionetas e do méchoui» limita-se a acções de «recreio e cultura» para a populaçao imigrada, que tem servido para fonte de receitas de muita gente «interessada» nos imigrantes.

Sem qualquer outro apoio que não seja o «Office Culturel pour les Immigrés», Dijoud tenta encobrir, através de um discurso vago, as injustiças que vive o imigrante no seu dia-a-dia. Fazendo financiar as «suas» realizações com o dinheiro do FAS (excedente do abono de família que deveria servir às famílias dos trabalhadores imigrantes que ficaram nos seus países de origem), Paul Dijoud aceita mal que os problemas sejam postos terra-aterra como aconteceu com um recente «face a face» na Televisão francesa, com o trabalhador português Manuel Dias, sindicalista e membro da FASTI, autor do livro «Le cri d'un immigré».

Depois de ter encontrado em Paris, Pedro Coelho (PS), secretário de Estado do II ao IV Governo provisório, Dijoud visitou Lisboa há cerca de um ano, tendo encontrado Rui Machete (PPD) e Sérvulo Correia (PPD) em Paris em Fevereiro 76. É pois um também jovem secretário de Estado que começa a carreira que encontrará em Lisboa na pessoa de João Lima (PS), deputado e «votado a grandes voos», diz-se nos corredores das Necessidades.

AINDA ESTE MÊS

Turismo em debate

Com o objectivo de definir uma política de turismo nacional, em função das perspectivas do mercado interno e externo para 1977, o Centro Nacional de Estudo e Planeamento promoverá um seminário cuja realização está prevista para os próximos dias 17 e 21 do corrente, em Lisboa.

Para além de certos especialistas internacionais na matéria, participarão no colóquio vários gestores da indústria hoteleira e similar, bem como técnicos de agências de viagens e de outras empresas ligadas ao ramo do turismo.

Já se encontra assegurada a presença do dr. Roger Ville, especialista mundial das questões ligadas ao turismo o qual deverá, conjuntamente com seu colega J.M. Hurot, orientar e dirigir os trabalhos do seminário.

SEMANA DE PORTUGAL EM SEVILHA

Em breve será realizada uma Semana de Portugal, em Sevilha, que terá o objectivo de promover o intercâmbio turistico luso-espanhol, e também relações comerciais.

Estrangeiro

Prisão de um líder palestiniano mete a França entre dois fogos

Alto responsável da Organização para a Libertação da Palestina, com 39 anos, Abou Daoud, apontado como «cérebro» do ataque dos guerrilheiros palestinianos à Aldeia Olímpica de Munique, em 1972, está encerrado na prisão subterrânea do Quartel-General da polícia secreta francesa, a poucos metros da catedral de Notre Dame. Daoud foi preso na sexta-feira à noite no hotel onde estava hospedado, em Paris, devido a um mandato de captura expedido pela polícia de Munique e agora espera que a França e a R. F. A. tomem uma decisão a respeito da delicada questão política que representa o seu julgamento. Entretanto, Israel já falou à Frente e pediu à Franca a extradição de Abou Daoud, que também é membro do Conselho Revolucionário da Al Fatah e da Setembro Negro. O pedido será comunicado oficialmente às autoridades francesas hoje mesmo, com base numa recente determinação que estipula que todos os actos contra israelitas cometidos fora do território nacional podem ser julgados pelos seus tribunais. Este princípio é ainda admitido pela existência de um acordo de extradição franco-israelita. Pelo seu lado, o Governo alemão tem 10 dias para decidir se Daoud deverá regressar a Munique para ser julgado. Os jornais de Paris, nas suas edições de hoje, afirmam que agentes israelitas tinham denunciado Daoud à polícia de Munique, informando-a que ele seguia de avião para Paris a fim de assistir aos funerais do livreiro palestiniano abatido à porta do seu estabelecimento, na semana passada. Agora, a França está a ser submetida a fortes pressões do mundo árabe, onde ate este momento, foi encarada como uma «fiel aliada».

O embaixador sírio, Ahmed Karim já protestou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros francês, em nome do corpo diplomático árabe acreditado em Paris. Ezzdine Kalak, chefe da O. L. P. na capital francesa disse que a organização estava «atónita» e que este «perigoso assunto poderia ter repercussões internacionais», advertindo ainda que «a Revolução palestiniana tem forças para se defender a si própria». Salah Khalef, vice-dirigente da Al Fatah, discursando em Beirute ontem à noite disse que «alguém no Governo francês pretende boicotar as relações palestinianas com a França».

Este país, agora, está entre dois fogos. Por um lado, está a suportar pressões e protestos dos Estados árabes (fornecedores de petróleo) e da esquerda pró-palestiniana. Por outro, tem os seus aliados europeus. Os países do Mercado Comum assinaram a 29 de Junho do ano passado um plano antiterrorista e os 18 países do Conselho da Europa adoptaram em Novembro uma convenção que rejeita motivos políticos como justificação e base para actos violentos. Além disso, tanto a França como a R. F. A. estão a recear que a extradição do dirigente palestiniano possa provocar uma nova e violenta vaga de ataques guerrilheiros contra esses dois países. Recorde-se que, na última vez em que Daoud foi preso, por tentar raptar ministros do Governo da Jordânia, os palestinianos montaram duas operações para resgatá-lo. Primeiro, executaram três diplomatas ocidentais, inclusive um embaixador dos E. U. A. em Khartoum, na Arábia Saudita, e detiveram 15 reféns na Embaixada deste país em Paris. Preocupada em manter um equilíbrio entre as diferentes partes do conflito israelo-árabe às vésperas da Conferência de Genebra, favorável à criação do Estado palestiniano, presa pelo acordo com os seus aliados europeus, a França está diante de um sério dilema. As suas autoridades recusam-se a fazer comentários.

"Gusanos" introduzem febre suína em Cuba

Uma organização de «gusanos» (direitistas cubanos que operam fora da ilha), actuando com o apoio tácito da CIA, introduziu em Cuba um vírus africano de febre suína, durante o ano de 1971. A informação foi dada pelo jornal norte-americano «Newsday» e denuncia que 500.000 porcos tiveram que ser abatidos para ser evitada uma epidemia que poderia acabar com todo o rebanho suíno de Cuba.

O «Newsday», ao dar a notícia, cita uma fonte secreta norte-americana como tendo dito que havia recebido o vírus num frasco selado e sem marcas, numa base militar e centro de treino da CIA na zona do Canal de Panamá, com precisas instruções para passá-lo para as mãos dos «gusanos». Um exilado cubano não identificado adiantou que o frasco foi levado para Cuba e entregue à organização na costa meridional, próximo da base norte-americana de Guantánamo.

Na época, peritos cubanos pensaram que a febre havia entrado no país, através de vírus alojadas em desperdícios de um avião comercial ou por meio de salsichas transportadas por tripulantes de navios mercantes.

Ministros árabes debatem auxílio à Síria, Egipto e Jordânia

Ministros árabes dos Negócios Estrangeiros iniciam hoje na capital da Arábia Saudita (Riad) uma importante conferência de dois dias, que poderá produzir um facto político de grande alcance: persuadir a Jordânia e a Organização de Libertação da Palestina (OLP) a juntarem-se à frente política comum decidida em Dezembro pela Síria e o Egipto.

Na conferência participam representantes da Arábia Saudita, Koweit, Emiratos Árabes Unidos, Bahrein, Egipto, Síria, Jordânia e OLP. Objectivo prioritário da reunião: discutir o futuro auxílio financeiro aos «Estados de Confrontação» (i. e., aqueles que têm fronteiras com Israel-Egipto. Síria e Jordânia). Em 1974 os países árabes produtores de petróleo anuiram na cimeira de Rabat em pagar 1 300 milhões de dólares àqueles Estados durante o ano de 75. Enquanto alguns dos Estados subsidiantes consideram que esse pagamento foi feito duma vez por todas, outros incluindo os beneficiários afirmam que as entregas do dinheiro deveriam continuar enquanto persistir o conflito com Israel. Se este é o tema principal da reunião, toda a problemática do Médio Oriente vai prender as atenções dos ministros e nomeadamente a convocatória da conferência de Genebra. A cimeira arabe-africana, prevista para o próximo dia 7 de Março no Cairo, deverá ser outro tema a debater.

Numa entrevista concedida hoje a um jornal do Koweit, o soberano jordano, Hussein, declarou-se convicto de que a conferência de Genebra irá efectuar-se este ano. Além disso, negou a existência de qualquer conflito entre o seu país e a OLP no tocante à representação desta na referida conferência, reafirmando que a Jordânia aplicou à letra as resoluções da cimeira árabe onde se determinou que a OLP é o único representante do povo palestiniano.

Hussein fez ainda uma importante declaração, ao afirmar que o seu governo acolheria favoravelmente uma qualquer fórmula de federação que os palestinianos eventualmente viessem a escolher. Deste modo, Hussein abordou pela primeira vez oficialmente a proposta jordana duma federação Amã-Palestinianos. Contudo, negou que tivesse tido contactos recentes para a formação duma confederação jordana-libano-palestiniana.

O tema da confederação é também abordado pelo ministro israelita de Defesa, Shimon Peres, o qual poderá vir a ser o próximo primeiro-ministro judaico. A confederação por este defendida em entrevista à «Newsweek» envolveria Israel, a margem ocidental do Jordão e a Jordânia.

Curiosamente, Shimon Peres declarou que em vez da conferência de Genebra preferia conversações «bilaterais», primeiro com a Síria, depois com o Egipto, e finalmente, com a Jordânia. Dizemos curiosamente, porque estas declarações de Peres entroncam com outras dum ministro sírio, que passaremos a referir.

VIRAGEM SÍRIA?

Duas notícias sugerem efectivamente que a Síria poderá estar a fazer uma viragem na sua política externa. Segundo a «Newsweek», Damasco teria pedido à URSS que retirasse os seus navios e submarinos do Porto de Tartuos, o único porto mediterrânico que a frota soviética pode utilizar desde que o Egipto lhe proibiu o acesso ao porto de Alexandria. Por seu lado, em entrevista concedida a um jornal líbio, o ministro sírio da Informação, Iskandar Ahman, declarou que o seu país pretende uma nova iniciativa norte-americana para o estabelecimento duma «paz justa e douradoura» no Médio Oriente. Esta afirmação está na linha das recentes diligências feitas pelo presidente egípcio, Sadat, a diversas delegações do Congresso dos EUA sobre uma mediação norte-americana no Médio Oriente, considerando que Washington tem 99 por cento das cartas devido à sua influência sobre Israel. Recorde-se que a táctica de Kissinger no Médio Oriente foi a da mediação americana, a chamada «diplomacia dos pequenos passos», veementemente contestada pelas forças progressistas pois se traduziram na desunião do mundo árabe e em vantagens para o sionismo. A reconciliação Sadat-Assad terá sido feita à custa duma viragem síria?

Intensifica-se a campanha para reabilitar Hsiao-Ping

Jornais de parede revelam hoje em Pequim que os incidentes registados em Abril último na Praça Tien Am Men, na capital chinesa, causaram mortos. Um jornal de parede gigantesco colocado na referida praça advertia que se as mortes não fossem vingadas «não haveria reconciliação possível para milhões de pessoas».

Os cartazes culpam os «quatro» desses incidentes. Na altura, a versão oficial fora de que a responsabilidade pela agitação havia sido dos partidários de Teng- Hsiao-Ping, o homem que deveria suceder a Chu En-Lai no cargo de primeiro-ministro e que foi afastado de todos os seus cargos, sob a acusação de tentar restaurar o capitalismo na China e de ser um «desviacionista de direita».

O dia 8 aniversário da morte de Chu En-lai, converteu-se numa verdadeira jornada nacional de apoio Teng Hsiao-ping. Cartazes diversos pedem o seu regresso e a sua reitegração nos cargos que ocupava.

Outros cartazes insurgem-se contra Chen Hsi-lien, comandante da guarnição militar de Pequim, e contra Wu Toh, presidente do município da capital. Por outro lado continuam a aparecer inscrições pedindo a pena de morte para os «quatro».

Congresso dos E.U.A. recomeça trabalhos

O 95.º Congresso dos EUA inicia hoje a sua primeira semana de completa actividade em 1977, a qual terá como pontos altos audiências para confirmações do gabinete escolhido por Jimmy Carter e a mensagem final do presidente Ford sobre o Estado da União. Como pano de fundo, as declarações alarmistas do comandante da NATO, general Haig, à revista «US News and World Report» e um estudo do Congresso igualmente alarmista sobre o pretenso crescimento do poderio militar do campo socialista e sobre a necessidade de rearmamento dos EUA.

Esta frenética campanha de intoxicação da opinião pública começou a intensificar-se logo que as eleições mostraram que uma nova Administração iria tomar assento na Casa Branca. E contrastam com as declarações de Carter sobre a retomada das conversações SALT com a URSS e a possível assinatura de novo tratado de desarmamento nuclear, declarações essas que têm recebido acolhimento favorável na Imprensa soviética.

O «Washington Post», por sua vez, abordando a inquietação do Pentágono face aos ensaios soviéticos destinados a tornar operacional um foguetão anti-satélite, escreve que os EUA se preparam para uma eventual guerra no espaço...

Enquanto isto, Carter que assumirá o cargo de presidente dos EUA no próximo dia 20 conferenciará esta semana por telefone com o primeiro-ministro britânico, o chanceler da RFA e o presidente francês e o primeiro-ministro nipónico.

Espanha jovem morre em manifestação pró-amnistia

No momento em que se aguarda para esta semana o início das negociações entre o Governo de Adolfo Suárez e a Oposição espanhola, o recrudescimento das campanhas pró-amnistia geral registado nos últimos dias começa a fazer as suas primeiras vítimas. Juan Manuel Iglezias Muñoz, de 15 anos, morreu ontem à tarde em Sestelo, perto de Bilbau, quando a polícia carregou violentamente sobre uma manifestação de aproximadamente três mil pessoas que pedia liberdade para os presos políticos. Testemunhas afirmam que quando Juan Manuel procurava refugiar-se das balas de borracha, dos cassetetes e das bombas de fumo e gás, caiu num pátio, dois metros abaixo do nível das ruas. Os médicos diagnosticaram «comoção cerebral» Pouco depois, em Zarauz, onde entretanto a notícia da morte do rapaz já havia chegado, organizou-se uma nova manifestação, agora exigindo a amnistia e protestando contra a morte de Juan Manuel. A polícia de choque voltou a actuar da mesma forma. Desta vez não houve mortes mas um dos manifestantes foi parar ao hospital. Hoje, operários de todas as fábricas da região industrial de Bilbau efectuarão comícios nos locais de trabalho para decidir as formas de protesto contra a morte do rapaz, enquanto em Pamplona, a polícia novamente com balas de borracha, bombas e cassetetes dispersou manifestantes que apoiavam a greve da construção civil, que já dura há 50 dias, pretendendo 44 operários.

Enquanto isso, o ministro GRAPO, que detém sequestrado o presidente do Conselho de Estado, Antonio Maria de Oriol Y Urquijo, apelou para uma greve geral em favor da amnistia. A maioria dos partidos e dos sindicatos, que também querem a amnistia, demarcaram-se desta proposta.

Novo comandante do Pacto de Varsóvia

O general Viktor Kulikov, primeiro vice-ministro soviético da Defesa, foi nomeado comandante-chefe das forças do Pacto de Varsóvia anunciou a agência Tass, no sábado à noite. Sucede ao marechal Yuri Yakubovky, que faleceu em 30 de Novembro passado.

O general Kulikov nasceu em 1921 e pertence ao Exército soviético desde 1939.

Ao mesmo tempo, o general Nikolai Ogarkov foi nomeado chefe do Estado-Maior das Forças Armadas soviéticas e primeiro vice-ministro da Defesa da URSS, em substituição de Kulikov.

Atentado em Roma

Quatro ou cinco bombas incendiárias causaram danos de certa importância esta manhã no Palácio dos Congressos em Roma. O Palácio vai receber neste fim-de-semana uma reunião de quadros sindicais italianos e nele se deverá efectuar esta semana o congresso do partido neofascista (MSI), depois da cisão que recentemente se verificou nesse Movimento.

Anthony Eden à morte

O antigo primeiro ministro britânico, Anthony Eden, Lord Avon, luta hoje pela vida, aos 79 anos, após regressar gravemente doente de avião à pátria de umas férias nos Estados Unidos.

O estado de Lorde Avon, que como Sire Anthony Eden, sancionou a invasão anglo-francera tentar impedir que o Egipto nacionalizasse o Canal de Suez, em 1956, está a piorar rapidamente, segundo afirmaram os médicos que o tratam. Acrescentaram que sofre uma deficiência hepática progressiva.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Espectáculos

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"O Soldado Aventureiro"

de Pasquale Festa-Campanile

FICHA:
Título original: Il soldato di ventura
Realização: Pasquale Festa Campanile (Itália-França-1976)
Argumento: Catellaro, Pipolo e P. Festa ... Campanile
Fotografia (techicolor): Marcello Maschiochi
Cenários: Pier Luigi Pizzi
Música: Guido e Maurizio de Angelis
Montagem: Mauro Marra
Interpretação: Bud Spencer **(Ettore Fieramosca),** Andrea Ferreol **(a comediante),** Jacques Dufilho **(Mariano da Trani),** Marc Porel, Philippe Leroy, etc.
Distribuição em Portugal: Filmitalus
Cinemas: Politeama e Vox
Classificação: Para todos
Duração: 96 minutos

Claro que não é o nome de Festa-Campanile que está a atrair ao Vox e ao Politeama milhares de espectadores. Antes é o Bud Spencer a toda a largura do cartaz e da publicidade, memória de um corpo imenso e de muitos murros, aquele a quem alguma crítica tratou por «Obélix» aquando do **Trinità,** bom filão de bichosos sebentos.

Bud Spencer afoga Festa-Campanile; bons ventos para o comércio, mau tempo para o cinema

Foi porém Festa-Campanile (de quem, ainda recentemente, vimos um soberbo **Convém fazer bem o amor)** que nos levou até este filme, velho costume de se olhar aos autores. só que o cinema (quantas vezes será preciso repeti-lo para que nos convençamos todos) é antes de tudo uma poderosa indústria, um rendoso comércio, em suma, uma mercadoria a colocar num mercado. E se houve autores (como Lang ou Hitchcok) que souberam tornear a indústria e afeiçoar no seu laborioso trabalho temas e actores à primeira vista intratáveis, bom é não esperar que todos o facam.

Como aqui, por exemplo. Onde os **gags** e as cenas apenas servem para perpetuar a mitologia Spencer e exibir cenários e figurantes. Onde verdadeiros comediantes como Andrea Ferreol são subaproveitados e onde tudo se verga às investidas do herói, que é quem chama público e justifica o investimento.

Nada neste filme merece, por isso, a atenção, por breve e esparsa que seja. Nada, a não ser talvez a oportunidade de estar numa sala onde o público vibra, interpela, comenta, quer dizer, vive intensamente o que se passa no **écran.** Pena é que a esse público não seja dado outra vivência senão a da mais ou menos camuflada imbecilidade.

"Três meses para o trabalho de um ano..."

— encontro com Augusto Boal

Na presença de Luiz Francisco Rebello, presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, e de Norberto Ávila, do Departamento de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura, Augusto Boal realizou na sede daquela Sociedade um encontro informal com jornalistas e homens de teatro.

Motivo: o início do seminário de dramaturgia e do laboratório de interpretação que finalmente, e depois de longa luta, podem arrancar. Tendo chegado a Portugal, a convite do Governo, a 1 de Junho de 1976, Boal devia ter iniciado os seus trabalhos a 1 de Setembro mas não pôde fazê-lo em razão dos obstáculos e dificuldades levantados pelo secretário de Estado da Cultura que, aliás, se recusou e recebê-lo durante longo tempo. Como Boal reconhece, foi graças às pressões exercidas pela gente do teatro e por alguns órgãos de comunicação social (além do apoio que recebeu de Eduardo Prado Coelho, então direcção-geral de Acção Cultural, João Vieira e Norberto Ávila) que o problema pôde ser superado embora obrigando a alterações do projecto inicial. Com efeito, previstos para terem a duração de um ano, renovável, os cursos de Boal foram reduzidos para três meses o que não poderá deixar de se reflectir no seu rendimento embora ele se proponha trabalhar no sentido de os tornar tão eficazes quanto possível.

O facto de haver já mais de uma centena de inscrições nos dois cursos é sintomático do interesse manifestado e vem dar razão àqueles que promoveram e apoiaram a vinda de Boal para o nosso país. Lamenta-se apenas que por incúria ou teimosia do responsável se tenham perdido quatro meses de trabalho o que vem provar uma vez mais que falar em austeridade não tem sentido quando elementos oficiais procedem desta maneira.

Dado o interesse manifestado pela nossa gente de teatro, espera-se que o secretário de Estado da Cultura se digne renovar desde já o contrato com Boal o que permitirá um trabalho mais eficiente.

Interrogado sobre a actual situação do teatro português, Boal foi muito claro ao afirmar que perante a não aceitação por parte dos grupos do regulamento dos subsídios, compete ao Governo abrir o diálogo no sentido de corrigir o que seja deficiente ou inaceitável.

Ciclo de cinema Luchino Visconti

Por iniciativa da Embaixada de Itália em Lisboa, com a colaboração da Fundação Gulbenkian, inaugura-se no próximo dia 15, no Grande Auditório daquela Fundação, às 21 e 30, um Ciclo de Cinema dedicado a Luchino Visconti, o grande realizador italiano recentemente falecido.

O Ciclo abrirá com a primeira obra de Visconti, o célebre filme «Obessão», que nunca foi explorado comercialmente em Portugal. Trata-se de uma obra de 1942, interpretada por Massimo Girotti e Clara Calamai, filme que é hoje um clássico do cinema universal.

Espera-se que ao longo do Ciclo, que se prolongará até 24 de Fevereiro próximo, sejam exibidas as 14 longas metragens de Visconti, segundo programa a anunciar brevemente e em que se destacam, por exemplo, os filmes «A Terra Treme», «Sentimento», com Alida Vali e Farley Granger; «Rocco e seus irmãos», com Alain Delon e Annie Girardot; «O Leopardo», com Burt Lancaster; «A Morte em Veneza», com Dirk Boggard; bem como em antestreia a penúltima obra de Visconti, «Violência e Paixão», também com Burt Lancaster.

Esta antestria deve-se à colaboração de Filmes Castelo Lopes, que muito brevemente apresentará o último filme de Luchino Visconti, «O Intruso», com que este ciclo encerrará a 24 de Fevereiro.

EXPOSIÇÃO EVOCATIVA

No dia 14 do corrente, véspera da inauguração do Ciclo de Cinema, na Zona dos Congressos da Fundaçao Gulbenkian, será inaugurada, às 18 horas uma exposição evocativa, documental e fotográfica sobre a obra de Luchino Visconti.

Em PORTIMÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na CASA INGLESA

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05

teatro da Cornucópia
O treino do campeão antes da corrida
de Michel Deutsch
SÓ ATÉ 22
Hoje e todas as noites às 21.45 horas
Domingos às 18 e às 21.45
(M./18 a.)

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
Diariamente às 21.30 h.
O Muro
Inspirado nas aventuras de «JOÃO SEM MEDO», de José Gomes Ferreira
5.ª FEIRA — «A CEIA»
6.ª FEIRA — «FOGO I»
Integrados na semana de LUTA DE TEATRO
PREÇO ÚNICO - 40$00
Condições especiais
PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVÃ
Telefone 76 26 24

Cenas & Cenários

● «A GRANDE JOGADA»

Na Cooperativa Teatro Popular, a funcionar na Academia Almadense, encontra-se em cena, conforme temos noticiado, o espectáculo «A Grande Jogada», comédia musicada de José Viana. Além do autor, participam no elenco Maria Dulce, Rogério Paulo, Dora Leal, e outros actores. A cooperativa propõe-se, dentro do programa de descentralização cultural, apresentar com regularidade espectáculos teatrais de qualidade.

● OS CONSELHOS DE EMMANUELLE

A actriz Silvia Kristel, famosa pela sua interpretação de «Emmanuelle», será a «conselheira técnica» da personagem Emma Bovary, protagonista do célebre romande de Flaubert, «Madame Bovary», a ser rodado brevemente. O filme será realizado pelo marido de Silvia, o escritor Hugo Claus.

● A GULBENKIAN DESCENTRALIZA

Integradas no seu programa de descentralização cultural, a Fundação Gulbenkian está a promover uma série de concertos em várias cidades do País, entre as quais se contam Viseu, Covilhã, Leiria e Caldas da Rainha. O programa inclui obras de Tommaso Vitali, Beethoven, Chausson, Eugène Ysaye e Enri Wieniawski.

● BALLET RUSSO NO CINEMA

O ballet «Ivan o Terrível», com música de Prokofiev, vai ser adaptado ao cinema, sob o título «Os Tempos de Ivan», numa realização de Yuri Grigorovich, professor de dança do Bolshoi, e do director cinematográfico Vadim Derbenev. Natalia Bessmertnova fará o papel de Anastasia, esposa do Czar.

● «AS AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO» OU «O MURO» A COMUNA

Em segundo mês de representações, o espectáculo «O Muro», que a Comuna pôs em cena a partir da obra de José Gomes Ferreira «As Aventuras de João Sem Medo», significa, de acordo com este grupo teatral, que o público dá resposta «à incompetência e ignorância das autoridades da cultura oficial», demonstrando o seu interesse pelo bom teatro. Diariamente, excepto às segundas-feiras, dia de descanso, «O Muro» é apresentado no teatro da Praça de Espanha.

● FRAMPTON: O MELHOR A VENDER DISCOS

Peter Frampton, o cantor britânico do «rock», vendeu o maior número de discos nos Estados Unidos em 1976, segundo revelam sondagens efectuadas por três das principais publicações sobre «pop music».

A «Billboard», a «Cashbox» e a «Record World» afirmam que o álbum desse artista «Frampton comes alive» foi o de melhor venda durante o ano.

A «Billboard», utilizando o seu próprio sistema de cálculos de vendas, revelou que o cantor masculino que mais álbuns de música vendeu foi o cantor «pop» John Denver.

Paul McCartney, o ex-beatle, foi considerado como o melhor artista em discos «singles» pela «Billboard» devido à sua canção «Silly Love Songs». Elton John ficou em segundo lugar com «Dont't go breaking my heart».

Na secção deminina Linda Ronstadt, a «estrela» do rock, e Diana Ross partilharam o lugar cimeiro.

● FILMES PORTUGUESES EM HUELVA

Portugal participou com dois filmes na II Semana de Cinema Ibero-Americano, que decorreu em Huelva. Os filmes exibidos foram «O princípio da sabedoria» de António de Macedo, e «Vida e obra de Ferreira de Castro», de Faria de Almeida, nos sectores de longas e curtas metragens, respectivamente.

Televisão

Canal da Crítica

P.I.D.E.: NO MUNDO DOS SUB-HOMENS

Mário Castrim

Se havia algum aspecto do fascismo para o qual o nosso povo estivesse particularmente sensibilizado, esse seria o da sua polícia política, a PIDE. Não que fosse a única arma de repressão, mas por ser aquela que mais se encontrava em contacto directo com os trabalhadores, com os patriotas, com os antifascistas.

Era grande a aversão popular em relação à PIDE, cujos elementos (fossem eles agentes ou informadores) não conseguiram nunca aceitação do povo português. Nem mesmo quando o Papa, a seguir à sua visita ao nosso país, condecorou alguns dos mais qualificados torcionários.

Esta aversão aumentou naturalmente depois do 25 de Abril e para isso muito concorreu a acção esclarecedora da Imprensa de Lisboa e da televisão portuguesa, durante as semanas que durou a lua-de-mel democrática na RTP. Recordemos a mobilização popular quando se deram aqueles misteriosos acontecimentos na Penitenciária. Tão misteriosos, tão, tão, que até hoje não houve grandes desejos de uma explicação. Parece que o «abafador» continua a ser peça importante no jogo do belindre...

Ora de há meses a esta parte a televisão esqueceu-se dos «pides». Eles fugiam, e a RTP, moita. Eram libertados à sorrelfa e a RTP caladinha que nem um rato. Caladinha que nem um rato ficou quando começaram as libertações em massa. Assim como se manteve o silêncio face à modificação das leis que serviriam de base mínima para o julgamento depois; face ao arbítrio do juiz que considerava inconstitucional... a Constituição; face às condições do julgamento, face às sucessivas ilibações.

Diante dos maiores atropelos, a RTP ficava muda e queda. Como resposta, perseguia trabalhadores seus progressistas, movia-lhes processos pidescos, despedia-os afrontosamente. Enfim, não se pode dizer que dentro da RTP não houvesse coerência...

NÃO ERAM POBRES-DIABOS

Com a pressão da opinião pública, particularmente depois da absolvição com três anos de cadeia concedida ao assassino de José Dias Coelho, a RTP achou que devia ceder um pouco, não manter tão ostensivo silêncio. Com os diabos, ao menos uma mesa-redondinha.

Assim ontem, no habitual suplemento do telejornal doménico, reuniu alguns resistentes antifascistas que sofreram na sua carne a acção da PIDE. Eram eles: Manuel Alpedrinha, José Maria do Rosário, Francisco Lyon de Castro e Edmundo Pedro.

Particularmente através do depoimento de Manuel Alpedrinha, ficou mais uma vez o nosso povo a saber que espécie de gente eram os servidores da polícia política fascista. O gosto de torturar, até sem o alibi de conseguir resultados imediatos era uma das suas principais características. José Maria do Rosário utilizou a expressão correcta ao considerá-los «sub-homens». Sim. Os agentes e informadores não eram, como nos julgamentos se tem querido dizer, «pobres diabos». Eram grandes diabos, sim, autênticos monstros que a partir de agora vão ficar em liberdade, vão fazer vida normal, virão eles também a ser reintegrados se é que muitos (se é que pelo menos alguns) o não foram já.

Diz-se que estes agentes e informadores deviam ser condenados pelo simples facto de pertencerem a uma organização fascista e terrorista como a PIDE. Está correcto. Esse facto implica já razão suficiente de castigo.

Algumas pessoas, no entanto, poderão pensar que, já não existindo a PIDE, a liberdade dos responsáveis fascistas (e todos os funcionários da PIDE o eram, deixemo-nos lá de tretas) não produz grandes riscos o que é falso.

Como mais uma vez ontem exuberantemente se provou, os paranóicos torcionários, uma vez em liberdade vão constituir fermentos de indisciplina social, de intriga, de apoio logístico às grandes forças operacionais da reacção senão mesmo dirigentes dela não nos esqueçamos que são técnicos da repressão e, ao que se diz, há muita necessidade de técnicos em todos os campos...

UM ELO DA CADEIA

Por outro lado, também não nos iludamos: a condescendência para com os «pides e a sua libertação ilegal são aspectos da grande viragem à direita, de cedência à reacção nacional e internacional, que se verificou no nosso país. Esses movimentos (mau grado as lágrimas de crocodilo das cúpulas do partido que alimenta o governo minoritário) não podem desligar-se dos ataques embarretados à Reforma Agrária e o dr. Mário Soares, numa declaração de haraquiri, vem dizer-nos que todo o Partido Socialista está de acordo com eles; das medidas cordiais na Educação; das leis antioperárias, como a dos despedimentos; dos esforços desenvolvidos pelo partido no poder para dividir o movimento sindical português com o fim de quebrar a espinha à democracia no nosso país.

Só o reforço da unidade de todos os patriotas e antifascistas, qualquer que seja o campo de opção em que se situem, pode impedir o alastrar da crise. Porque se tiver êxito o ataque à Reforma Agrária, se o movimento sindical se esfacelar, se o passado se apoderar das escolas não tenhamos dúvida que a repressão aumentará e não me digam que depois não faz jeito a colaboração dos *técnicos* agora libertados.

Unir: nunca uma palavra tão pequena valeu tanto.

CORRIDA CONTRA-RELÓGIO

Pois é. Com a sua emissão de ontem a televisão do Tomás (não, pá, não é esse, é o Rosa) deve ter ficado um pouco mais tranquila. Lá fez a sua rábula de antifascismo. Tomou o seu comprimido de «Alka-Seltzer»,

Continua na pág 18

PUB

A TODOS OS SINDICATOS ADERENTES AOS PRINCÍPIOS DECORRENTES DA

CARTA ABERTA

Vai realizar-se nos próximos dias 14 e 15 de Janeiro de 1977, em Coimbra, no Anfiteatro 2 na Faculdade de Letras, novo encontro de Sindicatos aderentes aos princípios decorrentes da Carta Aberta.

Convidam-se para este encontro todos os Sindicatos aderentes àqueles princípios **MESMO QUE NÃO TENHAM SIDO FORMALMENTE CONVOCADOS.**

Para este encontro, a Comissão de Redacção da Carta Aberta, propõe a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Análise das consequências para o Movimento Sindical face à realização do II Congresso da Intersindical e medidas a tomar.
2. Análise da situação distrital
   a) Situação decorrente das decisões de 27 de Novembro de 1976
   b) Dinamização.

Lisboa, 7/1/77

A COMISSÃO DE REDACÇÃO DA CARTA ABERTA

ano novo vida nova

COMECE O ANO APRENDENDO UMA LÍNGUA...

Inscrições abertas para o primeiro trimestre.
Matricule-se escolhendo a hora mais conveniente – Inglês, Francês, Alemão, etc.
Cursos individuais (domicílio ou escola), classes reduzidas de formação de pessoal de empresa, cursos acelerados.
Pela primeira vez em Portugal "Club Berlitz".

Berlitz®

Informações detalhadas e matrículas
Largo de S. Domingos, 14-2 LISBOA
(Entrada pelas Escadinhas da Barroca, 2)
Telef.: 87 23 87
Paris – Londres – Madrid – Genebra
Dusseldorf – N. Iorque, etc.

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

Curso Liceal – Ciclo Preparatório

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

—— ABERTAS AS INSCRIÇÕES ——

Hoje

Mercedes Soza

I PROGRAMA

1.º Período

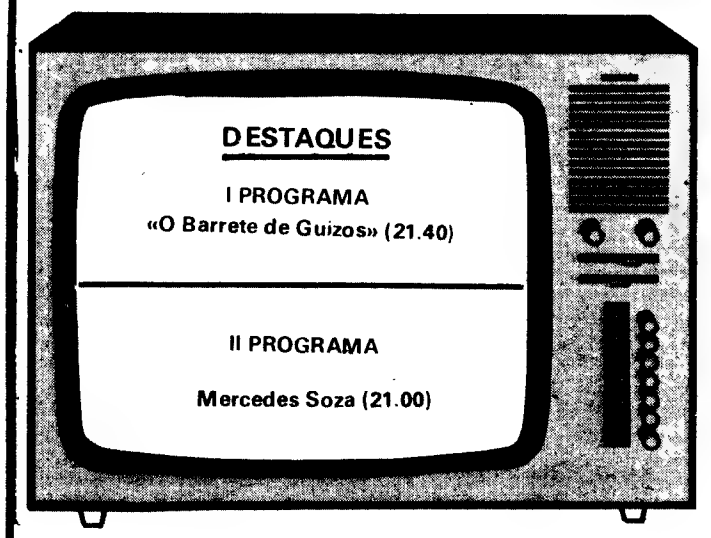
13.30 Ciclo Preparatório TV
18 05 Fecho

2.º Período

18.30 Abertura
18.32 **Janela Grande** – duas crianças entrevistam uma autoridade da Comissão Nacional de Ambiente sobre o momentoso problema da água no Mundo.
18.55 **Abre-te Sésamo**
19.40 **Grupo Vocal de Música Contemporânea**
20.00 **Teledesporto** – o fim-de-semana desportivo, através do comentário e da imagem.
20.30 **Telejornal** 1.ª edição
21.05 **O Sentido das Formas** Santuário do Bom Jesus em Braga. Último programa apresentado pelo dr. Ferreira de Almeida.
21.40 **«O Barrete de Guizos»** de Luigi Pirandello. Cenógrafo: Lucio Lucentini. Realizador: Edmo Fenoglio. Intérpretes: Salvo Radone, Anita Laurenz, Wanda Capodaglio, Stefano Sarra Flores, Elsa Marlini, Itália Marchesini, e Olimpia Carlisi.
23.40 **Telejornal**
24.00 Fecho

II PROGRAMA

20.28 Abertura
20.30 **Te ejorna**
21.00 **Mercedes Soza** a grande criadora de música popular argentina num programa de Televisão da Alemanha Federal, realizado por Kurt Gfeller.
21.45 **Heiricn Heine nos Nossos Dias** – tendo como ponto de paartida a edição da obra completa de Heinrich Heine, o filme reflete a contradição irónica da vida e obra do autor em relação à actualidade.
22.40 Feho



Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período — **13.30**: Ciclo Preparatório TV; **18.05**: Fecho. **2.º Período** — **18.30**: «Ratos Ratolas» e «Diário das Fábulas»; **19.00**: Peço a Palavra; **19.30**: Inglês a Sorrir; **20.00**: Telecinema – magazine das actualidades cinematográficas; **20.30**: Telejornal – 1.ª edição; **21.05**: Momento Político – programa da Secretaria de Estado da Comunicação Social; **22.20**: «Ellery Queen» – «A Aventura do Cão Chinês» (2.º episódio); **21.15**: Programa da Direcção de Informação; **23.25**: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Abertura e Telejornal; **21.00**: Documentário; **21.30**: «Lembranças de Greene»; **22.25**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV

SOS – CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786 - 831271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

À 13.ª JORNADA

O SPORTING PERDEU

Naturalmente, a nota mais saliente da jornada número 13 do «nacional» da I divisão realizada este fim-de-semana foi a primeira derrota do Sporting perante o Vitória de Setúbal, no Bonfim. Uma boa vitória, uma boa derrota do Sporting. «É bom perdermos de vez em quando, para sabermos melhor quanto nos custa ganhar» disse o defesa Laranjeira ontem à noite na televisão. O Sporting ficou agora apenas com quatro pontos de avanço sobre o segundo classificado, que é o Benfica.

Mas outra nota não ressalta menos da jornada 13.ª a derrota do F. C. do Porto no encontro do Restelo contra o Belenenses. Decididamente: o F.C. do Porto não é equipa para o título, pelo menos esta época. Em consequência dos resultados do Restelo e do Bonfim, o Vitória de Setúbal ultrapassou a equipa treinada por Pedroto, e está agora isolada no terceiro lugar. Entretanto, o popular Boavista, que no sábado ganhou ao Atlético pela rara marca de 6-2, está em quinto, a um ponto apenas do Porto, e a dois do Vitória.

Nos outros jogos da jornada a única surpresa terá sido a vitória que o Braga conseguiu em Coimbra contra o Académico. Ademais, o Varzim venceu com dificuldade o Estoril por 1-0, o Beira-Mar, com Eusébio, perdeu em Guimarães com o Vitória por 1-4, o Benfica derrotou o Montijo por 4-1, e o Portimonense conseguiu dois preciosos pontos contra o Leixões (ganhando por 3-0).

Na tabela, o Atlético continua em último com seis pontos, o Montijo em penúltimo com 7, o Beira-Mar em antepenúltimo com 8, o Portimonense com 9. O 12.º é o Leixões com 10. O 11.º, o Académico com 12. Com 13 pontos há quatro equipas: Estoril, Belenenses, Vitória de Guimarães e Sp. de Braga. Entre estes e os da frente mas apenas com mais um ponto do que estes e os da frente, mas apenas com mais um ponto do que estes e menos um do que o Boavista, o Varzim. Não se sabe onde começam os lugares da tranquilidade e acabam os lugares da «atliçao».

II DIVISÃO

Na Zona Norte, havia um confronto interessante entre os dois primeiros, o Paços de Ferreira e o Fafe. Resultado final: 0-0, e na frente da classificação tudo ficou como dantes. O Lourosa também foi empatar a Vila Real. Nota, no entanto, para o União de Lamas que teve uma vitória em casa por 5-1 contra o Chaves (do meio da tabela) e está agora também em terceiro lugar com os mesmos pontos que o Lourosa e apenas a dois pontos dos primeiros.

Na Zona Centro, o guia perdeu nas Caldas da Rainha e viu reduzida para quatro pontos a diferença em relação ao segundo, que é o União de Coimbra. Este empatou em Tomar. Na tabela, há agora um terceiro, Portalegrense, isolado com 19 (menos um que o segundo). Três concorrentes têm 18 pontos e estão no quarto lugar: Sanjoanense, Estrela de Portalegre e Peniche.

Na Zona Sul: o guia, Marítimo, veio ao Algarve defrontar o Olhanense, regressou ao Funchal com um ponto, e continua em primeiro com os mesmos quatro de avanço sobre os dois segundos, Cuf e Vasco da Gama, que entretanto também não conseguiram mais do que empates nas suas deslocações.

Foi, na II Divisão, a 15.ª jornada, primeira da segunda volta.

O Vitória de Setúbal e o Sporting, ontem à tarde no Bonfim antes do jogo começar. Duas das melhores equipas portuguesas, uma e outra actua mente em grande forma, defrontaram-se e proporcionaram a milhares e milhares de espectadores um grande espectácu o

V. DE SETUBAL, 1-SPORTING,0

Sadinos animam campeonato

EUGÉNIO ALVES

. O Vitória de Setúbal prestou ontem no seu estádio um magnífico serviço ao campeonato. Com alguma sorte, diga-se, e perante cerca de 40 mil entusiastas do «desporto-rei», os sadinos conseguiram vergar os, até agora, invencíveis «leoes» e, abrir, assim, novas perspectivas a outros concorrentes ao título, sobretudo o Benfica já que o F.C. do Porto, derrotado em Belém, parece agora mais afastado do lugar cimeiro.

Não teve sorte o Sporting. Embora desfalcado de Keita e Baltasar, o guia mostrou durante todo o encontro ser a equipa mais capaz, exibindo-se o suficiente para criar algumas boas oportunidades e, pelo menos, evitar a derrota. Esta surgiria a cinco minutos do final, quando já não se admitia outro resultado que nao fosse o empate.

Entretanto, e apesar da perda dos dois pontos, a equipa de Alvalade parece manter uma invejável capacidade física e técnica, além da natural confiança e determinação pelo comando do torneio, que poderá ter decisiva influência nas dezassete jornadas que faltam para se chegar ao fim.

«LEÕES» DOMINARAM

Uma das grandes questoes que técnicos, adeptos e rivais do «leader» colocavam face à sua carreira fulgurante, centrava-se no modo como reagiria a a equipa perante eventuais ausências dos seus principais jogadores. Ontem aconteceram duas, e de vulto: Keita e Baltazar. Poderá pois pensar-se, dada a derrota, que a surgirem muitas dessas contrariedades, o Sporting poderá baquear.

Arriscamos não pensar assim. Primeiro porque a perda de dois pontos não altera a realidade, mesmo ontem, do onze leonino, quase sempre no comando, a adoptar (no terreno de um adversário poderoso) um corajoso e fluente sistema ofensivo (4-3-3), transofrmado, com frequência, em lances envolvendo quatro e cinco homens no ataque. Ou seja, enquanto que Fernando Vaz, receoso talvez da capacidade do visitante (e lembrado do desaire frente ao F.C. do Porto) remeteu a sua turma a toada cautelosa, preenchendo o meio-campo, geralmente com quatro homens (deixando Mirobaldo, desacompanhado, na frente), Hagan preferiu que os seus jogadores procurassem com insitência o golo, sem descurar, todavia, a defesa.

Deste modo, Manuel Fernandes pode contar, inúmeras vezes com o apoio e a cabelinha curta ora de Manoel, ora de Marinho e Libânio. Assim aconteceu, logo no começo do jogo com o passe de M. Fernandes para Marinho, que isolado atirou para fora). Um minuto antes Mirobaldo, só, em iniciativa individual, perderia, por sua vez, óptima oportunidade.

Perto da meia hora, seria a a vez de Manuel Fernandes desaproveitar a chance criada por Martinho, falhando um golo quase certo. O mesmo Manuel Fernandes, no 36.º minuto driblou vários adversários e tocou a bola para Manoel que nao compreendeu, deixando escapar-se o lance de perigo. Dois minutos depois uma troca de bola entre Fraguito e Manoel, junto da baliza de Vaz, seria afastada com dificuldade pela defensiva sadina.

Certo que o Vitória nunca deixou de praticar um futebol veloz e ofensivo (Formosinho e Mirobaldo criariam outras duas oportunidades, respectivamente, aos 30 e 39 minutos da primeira parte. No entanto a fragilidade da sua defesa, e a incapacidade do meio-campo para um apoio permanente e eficaz aos principais dianteiros, J.João (muito recuado), Mirobaldo e Formosinho, impediram a equipa de ir mais além. E o golo, no termo do jogo, apontado na própria baliza leonina pelo médio Walter na sequência de um remate fortíssimo de Mirobolacto, teria muita dose de felicidade.

Aliás, também já na segunda parte, Marinho e Manuel Fernandes tiveram antes do golo sadino, novas hipóteses de bater Vaz. Espectacular foi a perda de Marinho, que teve a baliza completamente à mercê e atirou o esférico por cima da barra.

Em suma, frente a frente estiveram duas boas equipas que praticaram um futebol corrido, agradável, notando-se porém a maior capacidade do «leader». O Vitória mostrou-se capaz de manter o lugar de destaque que ocupa na tabela, enquanto que o clube lisboeta mantém, quase intacta, a possibilidade de chegar ao titulo.

O árbitro, Guilherme Alves (Porto), forneceu uma triste ideia do papel que um «juiz» de futebol deve cumprir no relvado. Raramente acompanhou os lances de perto. E decorriam 18 minutos da segunda parte quando pediu, aflito, o auxílio de um massagista. Era uma câimbra na perna esquerda. Dois minutos depois caia mesmo no relvado, reclamando novo auxílio. Massajado outra vez, concluiu o encontro, com visível dificuldade. Além de ter provocado a chacota do público, pela incapacidade física demonstrada, o sr. Guilherme Alves esqueceu-se de que poderia ter solicitado a um dos seus juizes de linha, que arbitrasse os restantes minutos. Teve sorte. Meia caida, movendo-se com dificuldade conseguiu chegar ao fim sem nova queda. Um árbitro, de qualquer modo, a precisar de reforma.

E.A.

VARZIM, 1-ESTORIL, 0

"Mago" Baltasar prendou os poveiros

SÉRGIO DE MATOS

Ao jeito de abertura para o comentário a este cotejo da Póvoa, a devida saliência para a presença, no respectivo banco técnico, do treinador António Teixeira (Varzim), do qual há notícia de se encontrar suspenso de funções por uma justiça federativa que assim surge desvirtude, senão mesmo ridiculamente desfeiteada.

Merecida a vantagem tangencial dos poveiros ao intervalo, em função do seu intenso labor atacante, algo precipitado e confuso, mas assim mesmo perigoso. Opondo ao recuo de Torres («libero» à frente) o avanço de João (médio ofensivo) pelo flanco esquerdo, o Varzim dominou amplamente um Estoril que, na hora de defender, se concentrava macissamente dentro do seu meio-campo exemplificando parcialmente a tese do futebol total, sem contrapartida, porém, nos avnços sobre a guarnição de Freitas. Todavia só um golo discutível (não foi discutido porque Torres conteve os seus camaradas) deu ao Varzim essa vantagem tangencial, na conversão de um penalti cuja origem obstrução, empurrão ou o que foi? não se descortinou claramente. Viu-se Horácio em despique directo com Amilcar e ouviu-se de Ismael Baltasar uma apitadela mágica, indicando a marca fatal. Este seria, aliás, o lance decisivo do encontro lá que, na respectiva conversão, Eliseu obteria o golo que acabou por dar ao Varzim os dois pontos preciosos.

Na segunda parte houve uma mudança no esquema táctico de ambas as equipas. De facto, no Varzim o médio João já não apoiava tanto o ataque detendo-se mais atrás, ora arrumando o jogo no seu sector, ora auxiliando a defesa quando necessário. No Estoril, a entrada de Cepeda, um extremo rapidíssimo, para o lugar de Óscar, conferiu aos «amarelos» uma maior determinação para o contra-ataque.

Fracassaram, porém os estorilistas, visto que, mesmo tendo afrouxado a pressão atacante dos poveiros a entrada de Cepeda, que ora deambulava no flanco esquerdo, ora no direito, pouco reforçou o desarticulado e inofensivo ataque forasteiro, que pouco trabalho deu a Freitas. Só aos 86 minutos houve excepção, numa inédita mas rapidíssima escapada de Móia, que poderia ter dado outro desfecho ao jogo, mas Freitas atento, saiu-lhe aos pés evitando-lhe o pior. Passavam já dois minutos do tempo regulamentar quando o Varzim poderia ter aumentado a diferença na marcação de um livre indirecto de João.

As «figuras» poveiras foram Cacheira, Manafá, Albino, Eliseu e Marco Aurélio, enquanto no Estoril, Ferro, Amilcar, Torres, Eurico e Móia foram as melhores pedras.

Da arbitragem de Ismael Baltasar, de Setúbal, será de referir que se mostrou algo caseira, para além de ter sido por demais rigorosa no penalti decisivo.

BOAVISTA, 6-ATLÉTICO, 2

Atlético desmoralizado

ABEL FERREIRA

. Um quarto de hora de jogo sobejou, ainda o marcador não havia funcionado, para se chegar à conclusão fácil de que, presentemente, o Atlético é uma equipa desmoralizada, positivamente traumatizada. Disso deram prova insofismável todos os defensores alcantarenses que, nos primeiros 15 minutos, haviam incorrido nos deslizes suficientes para sofrerem pelo menos dois golos. Isto a despeito de a equipa ter actuado numa feição acentuadamente defensiva, disposta num 5x3x1x1 claramente denunciado, apenas com Norton de Matos no eixo do ataque, com Mário Wilson mais atrás, qualquer deles sem apoio dos centrocampistas para fortalecer a frente de ataque e dominar a defensiva axadrezada. Foi assim em toda a primeira parte na qual o Boavista após ter inaugurado o marcador ao expirar do quarto de hora inicial desbobinou lances facilmente convertíveis, uns que transformou (três em meia hora), outros que desperdiçou quando o golo se afigurava inevitável, algumas vezes com o guardião Azevedo em bom plano a negar oportunidades para os axadrezados aumentarem a vantagem. Posto frente ao «convite ao ataque», sem outras inquietações o Boavista investiu com perigo, com avançados, médios e por vezes defesas massacrando o adversário, apático, desconjuntado, positivamente incapaz de se furtar a um domínio avassalador.

Na expressão dos números encontrou o Atlético motivação para alterar a sua manobra. A derrota era inevitável e a equipa tinha vindo ao Bessa para jogar futebol ou pelo menos tentar ripostar à notória superioridade adversária. Foi o que fez o Atlético. Com isso beneficiou o espectáculo e ficou melhor creditada a turma alcantarense. Avelar e Wilson deram mais apoio a Norton de Matos e sucedeu um segundo tempo mais vibrátil (ou menos enfadonho) com os visitantes mais espraiados ao longo do rectângulo. Notou-se nos alcantarenses uma maior facilidade de manobra atacante. A defender, porém, onde os deslizes podem ser fatais (como aconteceu no 5.º golo do Boavista, marcado por Franquelim, de cabeça, na própria baliza), a turma lisboeta continuou irregular e a dar facilidades ao Boavista e a possibilitar fáceis ensejos de golos com evidência para Celso, marcador de três tentos.

O Atlético acabou por conseguir dois golos, o que não disfarça (até porque sofreu seis e poderiam ter sido mais) a fragilidade da equipa, nomeadamente do meio campo para a rectaguarda, excepção feita ao guarda-redes. Melhor dizendo, só este mais Wilson e Norton de Matos pareceram os menos abalados pelo momento menos eufórico que se vive para as bandas de Alcântara.

A equipa de arbitragem dirigida por Manuel Vicente, de Vila Real, foi de uma infelicidade pasmosa, quase sempre em prejuízo dos visitantes. No sexto golo do Boavista, de penalti em que incorreu Azevedo, estavam três jogadores axadrezados fora de jogo. Incompreensível que nem o «liner» do lado do peão nem o árbitro vissem a clamorosa irregularidade a três.

Humberto Coelho prefere a Europa

. «O Internacional de Porto Alegre não aceitou as minhas condições, e eu não troco a França pelo Brasil, sem condições vantajosas» disse Humberto Coelho à Imprensa, à passagem por Lisboa no regresso a Paris. Humberto vinha do Brasil, aonde fora tratar pessoalmente da sua transferência.

O ex-benfiquista e actual capitão da selecção portuguesa confessa que «se tiver de deixar de jogar em Paris, gostaria de voltar a jogar em Portugal, ou então em Espanha, Alemanha ou Itália».

Desporto

NO RESTELO

Belenenses "teve" de ganhar

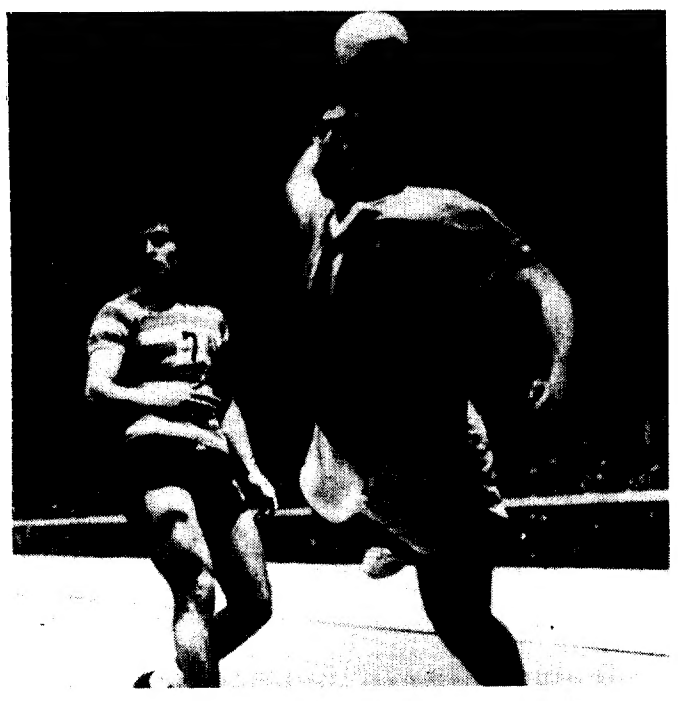
COMENTÁRIO DE JOÃO FERREIRA

O Belenenses começou a jogar com muitas cautelas, evidenciando um certo temor e respeito, pelo adversário. Pudera! A equipa nortenha possui o melhor lote de jogadores (pelo menos em teoria) de todas as equipas portuguesas, dando-se ao luxo, por exemplo, de apresentar como suplentes, jogadores como Rodolfo, Duda e Oliveira e de manter nas bancadas, Freitas e outros. O Belenenses, derrotado ainda por cima no Montijo na semana anterior, queria pelo menos não perder. Mais nada! Por isso, os quatro defensores do Belenenses receberam ordens para não avançar sequer um metro além da zona que lhes cabia guardar e, os três /quatro homens da linha média olhavam mais para os atacantes contrários do que para os seus companheiros da frente. No entanto as precauções dos lisboetas viriam a revelar-se desnecessárias: Cubillas jogou mal, Seninho agarrou-se demais à bola como se jogasse só ele pelo F.C. Porto, Gomes mal se viu, Ailton pouco fez bem feito e Octávio e Celso não jogaram o que valem, muito menos podiam valer por 6.

Raramente com 4 homens adiantados o F. C. Porto fez com que, sobejassem homens no sector defensivo belenenses, e houvesse a menos no meio campo, mas nem assim os homens de Belém se afoitaram no ataque. De tudo o que dissémos resultou que o zero a zero fosse o resultado mais justo quando se atingiu o intervalo. Percebendo, afinal, que o F. C. Porto, em lugar do imaginado «superteam» não passava de uma equipa vulgar que não correspondia ao valor atribuído aos seus jogadores, a turma da casa alterou a formação do seu sector intermediário (no início do segundo tempo entrou Jesus para o lugar de Isidro), e passou a discutir, de igual para igual, os dois pontos em disputa. Bastou ao Belenenses tornar-se um pouco mais atrevido e logo a defesa portista começou a oscilar, cabendo-lhe o maior quinhão da responsabilidade dos golos adversários. Aos 9 minutos, uma bola lançada de longe ficou ao alcance de Murça e de Simões, que podiam dominá-la facilmente. Contudo, foi Artur Jorge que conseguiu, inesperadamente, desviá-la dos homens do Porto, cedendo-a a Godinho para fazer o 1-0.

Daí para diante, findaram todos os complexos dos donos da casa, que passaram deliberadamente ao ataque, vindo a justificar e a confirmar a vitória alcançada com mais um golo, obtido por Artur Jorge, aos 17 minutos, depois de algumas oportunidades perdidas por José Rocha, Godinho, Gonzalez e o próprio Artur Jorge. O F. C. Porto, chegou a atravessar momentos de verdadeira aflição e descontrole, não conseguindo mais do que uma ou duas jogadas de certo perigo junto da baliza de Melo. Em resumo: O Belenenses, «não queria» mais do que o empate, mas o onze de Pedroto (até quando?), compincha a valer, «obrigou» os lisboetas a procurar a vitória que muito justamente conseguiram alcançar. No Belenenses, José Rocha (desde o princípio ao fim) e Jesus (desde que entrou) foram pedras muito influentes na conquista dos dois pontos, mas todos os jogadores da equipa merecem nota positiva. No F. C. Porto, só Torres, Tai e Octávio estiveram menos mal.

Raul Nazaré, veio de Setúbal disposto a fazer bom trabalho e conseguiu. Bem auxiliado pelos «bandeirinhas» e sem se preocupar com as reacções do público, acertou quase sempre, mesmo nos cartões amarelos que mostrou a Isidro (42 minutos por rasteirar Seninho) e a Ailton (empurrão a Esmoriz). Boa arbitragem, num jogo correcto, com vencedor certo.



Hernâni, do Belenenses, num remate à baliza do Sporting, durante o encontro entre as equipas sábado passado no Pavilhão de Alvalade

NACIONAL DE ANDEBOL

O Belenenses ainda não perdeu

Disputou-se este fim-de-semana mais uma jornada do Nacional de andebol da I Divisão, a 11.ª e última da primeira volta. Dos resultados destaca-se a vitória que a equipa do Belenenses foi conseguir ao pavilhão de Alvalade contra o Sporting (25-23). Com esta vitória, o Belenenses isolou-se no primeiro lugar, com 33 pontos, mais dois que o Sporting. Das 24 equipas que disputam o Nacional, a de Belém é a unica que ainda não perdeu nem cedeu qualquer ponto. Ao fim de onze jornadas, é de assinalar.

Belenecses e Sporting estão na Zona Sul. Na tabela classificativa, o Benfica é terceiro, com 3 derrotas. Entretanto, na Zona Norte, o F. C. Porto derrotou expressivamente o Sp. de Braga por 23-12 e continua em primeiro com 31 pontos e apenas perdeu uma vez. Em segundo lugar, com 29 pontos e duas derrotas no passivo, está o S. Bernardo, que entretanto ganhou ao Beira-Mar por 24-12. A Académica de S. Mamede está em terceiro na tabela classificativa, onde o quarto lugar é do Beira-Mar.

TOTOBOLA

BOLETIM COM 13

Portimonense - Leixões	1		
Guimarães - Beira Mar	1		
Belenenses - Porto	1		
Boavista - Atlético	1		
Setúbal - Sporting	1		
Académico - Braga			2
Varzim - Estoril	1		
Espinho - Riopele	1		
P. Ferreira - Fafe		X	
U. Tomar - U. Coimbra		X	
Caldas - Feirense	1		
Olhanense - Marítimo		X	
Lusitano - CUF		X	

BASQUETEBOL

Sporting e Porto: vitórias com mais de 100

As equipas de basquetebol do F.C. do Porto e do Sporting marcaram mais de cem pontos em cada um dos dois jogos que cada uma realizou este fim-de-semana a contar para as 9.ª e 10.ª jornadas do nacional da I Divisão na modalidade.

O F.C. do Porto venceu o Sangalhos por 101-76 e o F.C. Gaia por 117-46. O Sporting ganhou ao Barreirense por 100-90 e ao Nacional por 106-73.

A jornada deste fim-de-semana foi marcada por alguns incidentes registados à volta do desafio disputado no Barreiro entre o Barreiresen e o Sporting.

Na Zona Norte, entretanto, o Ginásio Figueirense continua em primeiro lugar, embora com o mesmo número de pontos que o F.C. do Porto (16, correspondentes a 7 vitórias e duas derrotas). Na zonal Sul, o Sporting vai à frente com mais dois pontos que o Oueluz.

Um despique a meio-campo

Portugal perdeu por 0-3 com o Mónaco em ténis

Contrariando algumas expectativas optimistas, a equipa portuguesa perdeu por 0-3 com a equipa do Mónaco no encontro de ténis que se realizou em Coimbra no sábado passado, a contar para a Taça «Saab King» (Campeonato da Europa das Nações).

O resultado não surpreende os mais prevenidos, sobretudo se lembrados de que equipa monegasca já havia eliminado Portugal da Taça Davis muito recentemente.

A equipa portuguesa mostrou-se pouco entreinada e não se adaptou suficientemente bem ao piso do «court».

A contar para a mesma competição, Portugal defronta nas próximas semanas a Bélgica e a Itália. A prova disputa-se em duas voltas.

ATLETISMO

Vasco Pereira ganhou o "cross" de abertura

O atleta do Benfica Vasco Pereira ganhou na categoria de seniores, a corrida de corta-mato que a Associação de Atletismo de Lisboa fez disputar ontem nas instalações do Hipódromo do Jamor. Vasco Pereira fez os 12 mil metros do percurso no tempo de 37 m 47,6 s. Em segundo lugar, com cerca de meio minuto de atraso em relação ao vencedor, classificou-se, o atleta do Sporting José Diogo, e, em terceiro, como mais cerca de 2 segundos do que o segundo, Augusto Martins, do Benfica.

A corrida de juniores (8 quilómetros) foi ganha por Fernando Miguel, do Estrela Azul, com 25 m e 37 s. Segundo lugar para Fernando Ferreira, do Sporting, com 25 m 45,6 s. Terceiro para um corredor da Cuf, Francisco Costa, que fez 27 m e 13 s.

Em juvenis, triunfou Rui Frias do Benfica , que fez os 5 mil metros do percurso em 16 m e 49 s. Segundo lugar, Mário Teigas, do Olivais Sul, com 16 m 58,6 s. Terceiro para outro corredor do Olivais Sul: António Garcia, que fez o percurso em 17 m 34 s.

O atleta do Sporting, Carlos Lopes, regressou ontem do Brasil uma semana e um dia depois de ter desistido da S. Silvestre de S. Paulo «A S. Silvestre é uma prova extraordinariamente difícil» disse o técnico , prof. Moniz Pereira aos jornalistas que o abordaram à chegada e o interrogavam acerca do que se passou na corrida onde Lopes teve de desistir. «Esta edição foi disputada sob um calor intenso e com uma humidade da ordem dos noventa por cento. Carlos Lopes ressentiu-se disso e, aliás, não se trata de um caso inédito. Já tem acontecido em muitas provas com atletas de grande nome».

LÁ FORA

Scheckter ganhou o G.P. de Buenos Aires

O volante sul-africano Jody Scheckter obteve ontem a primeira vitória do ano em automobilismo ao ganhar a prova de Buenos Aires a contar para o mundial de Fórmula 1.

Scheckter, ao volante de um Wolf Wr-1 fez uma média de 189,43 à hora.

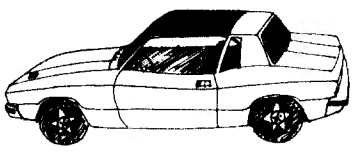
BRASIL-EST. UNIDOS: FUTEBOL E ENSINO

O ensino do futebol é um exemplo da assistência técnica que a América Latina pode prestar aos Estados Unidos declarou o secretário-geral da OEA, Organização dos Estados Americanos, Alejandro Orfila, no Rio de Janeiro, aos jornalistas.

A declaração surge quando um fundo de quatro mil dólares foi aprovado para que vinte jogadores brasileiros se desloquem aos Estados Unidos, a fim de trinarem universitários norte-americanos. Na lista dos vinte, figuram nomes como Vavá, e Didi, campeões mundiais em 1958.

Os brasileiros estarão nos Estados Unidos duas semanas. A viagem e a presença são patrocionadas pela Confederação Brasileira dos Desportos e por uma companhia americana de refrigerantes.

O SEU AUTOMOVEL



EXIGE CUIDADOS ESPECIAIS

COTAL

CONJUNTO TÉCNICO DE AUTOMÓVEIS, LDA.

por 1.000$00 ou 1.500$00

oferecemos os seguintes serviços:

Lavagem completa estrada (para verificação de todos os orgãos à vista).
Lavagem exterior do motor.
Limpeza dos contactos da placa, rotor, bobine e terminais de velas.
Limpeza de platinados e controle de pressão da mola e respectiva afinação.
Afinar folga de válvulas, nos motores com válvula na culasse.
Limpeza e ensaio de velas à máquina e seu calibre.
Reaperto de todos os contactos eléctricos.
Afinar regimen de carga e regulador de voltagem.
Focagem de faróis à altura indicada na Fábrica.
Examinar se há folgas na suspensão e seu reaperto.
Examinar se há folgas na direcção e seu reaperto.
Ajustar o sector de direcção.
Desmontar e montar as rodas e limpar travões.
Examinar estado dos retentores e lavar cubos e meter massa nova, se necessário.
Desmontar e montar o carburador, limpeza, nivelamento e afinação.
Limpar filtro da bomba de gasolina.
Limpar filtro de ar do carburador.
Aperto Geral.
Limpar bornes da bateria e aplicar massa nos mesmos.
Lubrificação geral.
Experiência na estrada.
Apresentação, ao cliente, do relatório das avarias ou correcções que se notem necessárias, incluindo preço e prazo para os trabalhos a efectuar.

OS CLIENTES PODEM ASSISTIR ÀS REPARAÇÕES

APROVEITE A NOSSA CAMPANHA DE INVERNO

VISITE-NOS

COTAL A Rua Artilharia Um, 105-A Tel. 68 31 31
LISBOA 1

COTAL B Rua dos Lusíadas, 113-A Tel. 63 10 57
LISBOA 3

Geral

Apoio a diminuídos intelectuais

Foi criado um movimento que se propõe prestar apoio aos diminuídos intelectuais, e que usará à sigla de M.A.P.I., tendo a sua sede no Porto.

O movimento, cuja escritura, foi publicada no «Diário da República», III Série, n.º 4, encontra-se aberto a pais, familiares e encarregados de educação de deficientes mentais, e a todos aqueles que «descubram como podem e como devem ajudá-los». A sede provisória é no edifício do patronato da paróquia do Bonfim, à Rua Manuel de Cláudio Carneiro.

Canal da Crítica

Continuação da pág 15

ficou mais bem disposta. Já pode voltar com mais sossegada consciência à sua prática de informação reaça.

Claro que, mesmo assim, a televisão não abriu largamente os cordões à bolsa. Cada entrevistado ontem ficava com uma migalha de tempo para falar de tema tão importante. José Maria do Rosário, por exemplo, um herói do nosso povo, não teve para si mais de três minutos. E, para não ficar soterrado na sua intervenção de quatro minutos, teve Manuel Alpedrinha de fazer valer a sua autoridade de resistente para conseguir depois alargar a sua intervenção num depoimento impressionante. «Eu tenho muito que dizer e afinal não disse nada» comentou duramente quando Balsinha lembrou que o tempo chegava ao fim.

Não era uma mesa-redonda, meus amigos: aquilo mais parecia uma corrida contra-relógio.

Quanto à participação do Balsinha, desse pobre e molúsculo, perdão!, desse minúsculo Balsinha, o menos que se pode dizer é que foi desastrosa. A ausência de naturalidade, as intervenções precipitadas, a clara incapacidade para entender os valores em jogo, o apagado nível profissional tudo isso seria natural num marciano que de súbito descesse em Portugal no ano de 1977, mas não num jornalista com dez-reis de conhecimento de política portuguesa contemporânea.

Tão ciosa de ir buscar quem faça bom serviço em certas circunstâncias a outros órgãos de informação, a RTP preferiu desta vez governar-se com a prata da casa. Com a prata, não: com a lata.

Em assunto de tanto melindre, já é preciso ter lata.

BARES · BOITES
RESTAURANTES
TIPICOS
DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 364859°368197. Rosy Strip-tease-use**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/ 264621/264945**

EXTERNATOS

MARQUES DE POMBAL
Rua Morais Soares, 93
Tel. 82 02 21 / 83 46 58

ALVARES CABRAL
Avenida Grão Vasco, 1
(Benfica) Tel. 70 69 74 / 5

PREPARATÓRIO-LICEAL
(GERAL E COMPLEMENTAR)

ADM. UNIVERSIDADE
(EXAMES «AD HOC» — Maiores de 25 anos)

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado o vento era fraco e havia neblina em alguns locais.

TEMPERATURAS EXTREMAS

BRAGA
Máxima ..... 15,9°
VISEU
Mínima ..... 02,8°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado; vento geralmente fraco; possibilidade de chuva ou aguaceiros

• TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	4°
COIMBRA	1°
PORTALEGRE	7°
LISBOA	5°
FARO	12°
FUNCHAL	13°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.58	3,9 m	11.47	1,1 m
18.24	3,7 m		
Dia 11			
0.41	3,6 m	0.02	1,2 m
19.12	3,6 m	12.36	1,2 m
Dia 12			
7.32	3,7 m	00.55	1,4 m
20.10	3,5 m	13.34	1,4 m

AMANHÃ

NASCER AS 7.55
OCASO AS 17.35

DIA 12 DIA 19 DIA 27 DIA 4

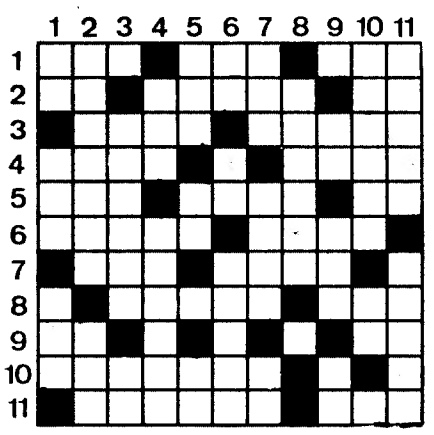
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11646

HORIZONTAIS:

1 Tens. Negativa. Fileira.
2 Átomo. Defunta. Aparência.
3 Vãos. Patrona da ilha de Malta.
4 Extremidade dos braços. Estimem.
5 Apelido. Vila e concelho do distrito de Aveiro. Medida japonesa igual a dois decilitros.
6 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Grupo de três.
7 Doença. Triturar.
8 O Arão da Bíblia. Rio de Portugal.
9 O mesmo que uma (ant e pop). Preposição.
10 Espreitara.
11 Divides em ruas. Costume.



VERTICAIS:

1 Tempo do verbo haver. Punhado. Pronome relativo.
2 Levaram à toa. Pegadeira.
3 Negócios. Prasiodímio. (s.q.).
4 Pedras de moinho. Destruir.
5 Pronome pessoal. Ósmio (s.q.).
6 Viração. Mil e cinco em romano. Deramos.
7 Freguesia do concelho de Alenquer. Leva à sirga. Artigo definido.
8 Apanhe. Artigo definido.
9 Amónio (s.q.). Cólera. Pronome pessoal.
10 Flagelo (fig). Lê.
11 Guarneço de arames. Duração.

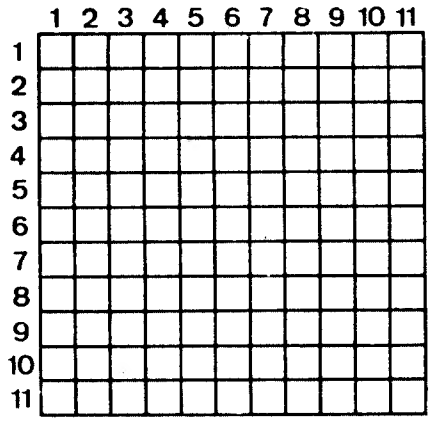
Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7706

HORIZONTAIS:

1 Freguesia do concelho do distrito de Aveiro. Tempo do verbo haver. Medida japonesa igual a dois decilitros.
2 Freguesia do concelho de Penafiel. Dividir ao meio.
3 Regras. A Irlanda.
4 Ena! Cantão da Suiça. Base aérea portuguesa.
5 Assim seja. Serra de Portugal.
6 Italiano.
7 Fortaleço. Inutilize.
8 Gelha. Rezar.
9 Gosta muito de. Distrito da Índia.
10 Vagas. Vasilhame.
11 Época. Descerro.



VERTICAIS:

1 Barco usado nos rios do Minho. Freguesia do concelho de Vila Verde.
2 Ena! Cobre (s.q.)
3 Educam. Protecção (fig).
4 Seguias. Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. Atmosfera.
5 Carta de jogar. Gordura. Pega.
6 Bromo (s.q.). Milímetro.
7 Tempo do verbo haver. Cidade da Nigéria britânica.
8 Estime. Inércia. Rio da Rússia.
9 O amor carnal. Tramar.
10 Reprovação (fig). Não religioso.
11 Enfeita. Trabalha ao serão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7705

HORIZONTAIS:

1 SAPO. QUE.
2 Amarrara.
3 Lata. Oiros.
4 Tri. Má. Am.
5 Li. Falada.
6 Chorar. Ris.
7 Ramal. Eras.
8 Ais. Ítaca.
9 Ga. Coas. Sa.
10 Urras. Sã. Li.
11 Aans. Hostia.

VERTICAIS:

1 SALTA. ÁGUA.
2 Amar. Criara.
3 Patilhas. Cãs.
4 Ora. Iom. Cãs.
5 Raios.
6 NÃO. FALTA.
7 Rimar. Asso.
8 Aral. EC. As.
9 Arras.
10 Sadia. Ali.
11 És. Massa. Ia.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11645

VERTICAIS:

1 Fam. Ser. Com.
2 Acém. Minara.
3 Botar. Matar.
4 Irão. Aaro.
5 Aa. Massa. Pè.
6 Será. Vã.
7 CC. Torra. Rã.
8 Arfa, Aida.
9 Ina. Corai.
10 Dano. Barata.
11 Asa. Cãs. Sés.

HORIZONTAIS:

1 Fábia. Carda.
2 Açora. Cr. Ás.
3 Meta. Fina.
4 Maometano.
5 Aro.
6 Em. Asara. Ba.
7 Rimas. Ricas.
8 Nara. Ador.
9 Cato. Aras.
10 Ora. Par. Até.
11 Marte.

PROVÉRBIO Sapo que salta, água não falta

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO CENTRO

COIMBRA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos da alínea b) do art.º 33.º dos Estatutos, convoco todos os associados do S.T.E.C. para uma Assembleia Geral Extraordinária que se realiza no dia 15 de Janeiro de 1977, às 10 horas, no pavilhão do Olivais Futebol Clube – ao Olivais – Coimbra, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Adesão ou não à Intersindical Nacional.
2 — Eleição dos representantes do Sindicato ao Congresso de todos os Sindicatos.
3 — Congresso dos Sindicatos. Documentos base de discussão.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José Luís Pascoal Soares

ASSEMBLEIA GERAL ORDINARIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos da alínea c) do art.º 31.º dos Estatutos, convoco todos os associados do S.T.E.C. para uma Assembleia Geral Ordinária que se realiza no dia 15 de Janeiro de 1977, às 15.30 horas, no pavilhão do Olivais Futebol Club – Olivais – Coimbra, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Apreciar e deliberar sobre o Orçamento para o ano de 1977, proposto pela Direcção.

Coimbra, 31 de Dezembro de 1976

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
José Luís Pascoal Soares

farmácias de serviço

LISBOA

ALENTEJO — Av. da Igreja, 28-B Telefone 892682.
ALGARVE — Av. de Roma, 7-B Telefone 801478.
ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação). Telefs. 311216-310172.
AVIS — Av. de Roma, 56-B-C Telefone 895370.
CEIRO AZUL — Av. Ressano Garcia, 7-A Telefone 571451.
BARRAL — Rua Augusta, 225 Telefs. 361534-361535.
BENFICA — Estr. de Benfica, 678-E. Tel. 702532.
CAMPO PEQUENO — Av. Júlio Dinis, 10. Tel. 771661.
CENTRAL DE CAMPOLIDE — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77 Tel. 790480.
CONFIANÇA — Aven. Almirante Reis, 46-B Tel. 821653.
CRUZ NUNES — P.ª Duque de Saldanha, 14 Tel. 41845.
FERNANDES BORGES — Rua C. Benguela, lote 30. Tel. 311091.
GRIJÓ — Rua do Grilo, 25. T. 385264
LARANJEIRA — Rua Filipe da Mata, 160-162. Tel. 761035.
LOBEL — Rua Infantaria, 16, 98-B Telefone 688807.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C Telefs. 720703-728395.
MODELAR — Largo Dr. António Macedo, 7-A Tel. 608896.
NOVA LISBOA — Rua Guilhermina Suggia, 12 Tel. 727721.
S. NUNES SIMOES SUCR. — Rua do Quelhas, 1 Tel. 661275.
REMÍSIO — Rua dos Jerónimos, 14C. Tel. 631699.
ROSA E VIEGAS — R. S. Vicente, 31. Tel. 864351.
S. JORGE — Largo do Leão, 3-AB. Tel. 534022.
SEPOL — Calçada da Boa-Hora, 94-A Tel. 631958.
SILMAR — Rua S. Lázaro, 128. Telefone 42829.
VIEIRA BORGES — R. Alexandre Herculano, 28-30. Tel. 40536.
VITEX — Estr. de Benfica, 373-B Telefone 780548.

Permanente
ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação. Telefones 311216-310172.
AVIS — Av. de Roma, 56-B-C. Telefone 895370.
CENTRAL DE CAMPOLIDE — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-B-C. Telefs. 720703-728395.
MODELAR — Largo Dr. António Macedo, 7-A Tel. 608896.
SEPOL — Calç. da Boa-Hora, 94-A. Tel. 631958.
SILMAR — Rua S. Lázaro, 128. Telefone 42829.
VIEIRA BORGES — R. Alexandre Herculano, 28-30 Tel. 40536.

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo - Av. Comb. G. Guerra 64 (telef. 2112070)
ALCABIDECHE
Carvalho - até às 21 horas
PORTO SALVO
Porto Salvo - até ás 21 horas
CARCAVELOS
Central - até às 24 e das 0 às 9 horas
S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) **Até as 21 Horas**
NOVA OEIRAS
Leal - Até às 21 horas
PAREDE
Junqueiro - até às 21 horas
AMOREIRA
Amoreira (telefs 2622313/267314) até às 22 horas
CASCAIS
Nova Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044) (Até às 21 horas); **Marginal**, Av. Marginal (Tel. 280078) Até às 24 e das 0 às 9 horas.
MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (Tel. 2472278) Até às 21 horas.
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Couceiro (Tel. 2430485) Até às 24 e das 0 às 9 horas.
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng.º Bonneville Franco (Tel. 243 5147) Até às 22 horas
PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054) Até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias - Av. Marquês de Pombal, lote 9 (telef. 934589) serviço permanente **Camos** - R. Elias Garcia, 185 (telef. 930072) até às 22 horas; **Clabel** - R. António Sardinha, 23 - D (telef. 938551) **Até às 22 horas**
DAMAIA
Confiança - Est. Militar, lote D (telef. 9710231) até às 22 horas
VENDA NOVA
Girassol - R. Elias Garcia, 17 - C (telef. 974161) até às 22 horas
QUELUZ
Serra e Pinto - Av. D. António C. Sá, 50 - E (telef. 957619)
CACÉM
Guerra Rico-Agualva
MEM MARTINS
Quimia - Est. Mem Martins 285 (telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (telef. 980456)
SINTRA
Marrazes - Estefânia (telef. 2930058)
COLARES
Abreja (telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro - R. António dos Santos Jorge, 15 (telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Gusmão - R. Cândido dos Reis, 30 (telef. 204020)
ALMADA
Central - R. de Olivença, 11 - B (telef. 2755004)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança - Est. Nacional, 178 - B (telef. 2040302)
BARREIRO
Pimenta - R. Cons.º dr. Manuel Pacheco Nobre, 44 - B (telef. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues - L 5 de Outubro, 62 (telef. 270121)
MOITA
União Moitense - Av. dr. Teófilo Braga (telef. 239025)
MONTIJO
Moderna - R. Bulhão Pato, 60 (telef. 2310156)
SESIMBRA
Leão - Av. da Liberdade, 13 (telef. 2233471)
SETÚBAL
Soromenho - P. Maccado Santos (telef. 22691); **Alice** - P. do Quebedo (telef. 23743)
SEIXAL
Soromenho — R. Paiva Coelho, 38 (telef. 2218560)

PORTO

FOZ — Rua Senhora da Luz, 380 — Foz — Tel. 680127; **ALÍRIO DE BARROS** — Rua de Costa Cabral, 240 — Telefone 480593; **MAGALHÃES** R. de Serralves, 566 — Tel. 63561; **NOVA DE MONSANTO** — Rua de Monsanto, 148 — Tel. 490889; **CORREIA** — Praça Mouzinho de Albuquerque, 78 — Tel. 60869; **CORUJEIRA** — Rua de S. Roque da Lameira, 1473 — Tel. 51928; **COUTO** — Largo de S. Domingos, 106 — Telefs. 25963-311965; **LUSO-FRANCESA** — Rua Sá da Bandeira, 140 — Tel. 26134.

(De dia e toda a noite)

LAPA — Rua Anterodequental. 211 Tel. 480697; **GOMES CARNEIRO** — Rua de Cedofeita, 348 — Tel. 23420; **CENTRAL** — Rua de Santo Ildefonso, 203 — Telefone 21684.

COIMBRA

FERRAZ — Rua do Brasil, 70 — Telefone 71526; **MACHADO** — Rua Bernardo de Albuquerque — Tel. 23767.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

A. B. C.
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Cada Cor seu Paladar»

S. LUÍS
21.30 (13 anos)
«Tudo no Jardim»

VARIEDADES
20.30 e 22.45 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.45 (18 anos)
«Do Teatro ao Cais do Sodré»

LISBOA/Cinemas

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

CINE AUDITÓRIO
21.15 (14 anos)
«Do Alto do Terraço»

ROYAL
21.15 (18 anos)
«Amor Violento»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Os Cavaleiros do Terror»

RESTELO
21.15 (18 anos)
«É Preciso Viver Perigosamente»

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
«Machissimo»

CAPITOLIO
21.15 (18 anos)
«Requintes de Amor»

CINEARTE
21.15 (18 anos)
«A Última Golpada»

EUROPA
21.15 (6 anos)
«Jerry. Primeiro Turista no Espaço»

MONUMENTAL
21.15 (6 anos)
«O Ministro e Eu»

VOX
21.15 (6 anos)
«O Soldado do Aventureiro»

OLÍMPIA
«Os Teatros Eróticos de Paris» (18 anos)

SATÉLITE
21.15 (18 anos)
«Easy Rider»

PARIS
21.15 (18 anos)
«Iniciação de Flossie»

LUMIAR
21.15 (14 anos)
«O Santo Contra o assassinos da Mafia

CALEIDOSCÓPIO
21.15 (6 anos)
«Branca de Neve e os Sete Anões»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Pompeia — Uma Prostituta ao Serviço do Império»

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«O Comboio do Inferno»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Mili»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
Teatro «Vamos Trocar de Mulheres»

OUTRA BANDA

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
«Quando Elas os Põem Fora de Casa»

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«As fotos proíbidas de uma senhora de bem»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)
«Fogo real»

PORTO/Cinemas

SÁ DA BANDEIRA
21.00 (18 anos)
«Paraíso carnal»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Saxe Motel»

TRINDADE
21.30 (6 anos)
«O Ministro e Eu»

ÁGUIA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

SALÃO BEBE
21.15 (13 anos)
«A Flauta Mágica»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«O Soldado Aventureiro»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Um amor como o nosso»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Por Quem vamos Morrer»

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«As Férias Grandes»

CARLOS ALBERTO
21.15 (13 anos)
«Um Homem uma Cidade»

JÚLIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
«Um Detective Sem Importância»

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«O Mercenário»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Viva Rama Viva Krishama»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Ben e Charlie»

ESTUDIO FOCO
21.15 (13 anos)
«A História de Fernão Capelo Gaivota»

ESTÚDIO 400
21.15 (18 anos)
«A Organização»

cinemas

ALVALADE

Tel. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.10

Os prados floridos, as montanhas, os vastos horizontes, são o pequeno mundo de

HEIDI

8.ª semana

um filme de Werner Jacob

Para todos

APOLO 70

Tel. 763319 — 14, 16.30, 19 e 21.15

Ficção científica ou o epitáfio de humanidade

À BEIRA DO FIM

de Richard Fleischer

Não acons. a menores de 18 anos

Hoje às 24 horas
Grupo D (18 anos)

Shaft-Mafia em Nova Iorque

AVIS

Tel. [illegible]163 — 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos
Com Les Charlots
10.ª Semana
OS MALUCOS EM HONG-KONG

BERLA

Tel. 776098 — 14, 16.30, 19 e 21.15

O mais audacioso salvamento deste século

VITÓRIA EM ENTEBBE

Com Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas

Não acons. a menores de 13 anos

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

O espectáculo de Natal por excelência

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Um filme de Walt Disney
5.ª semana
Falado em Português

PARA TODOS

CASINO ESTORIL

Tel. 268451/268996 — 17.00 e 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

O IMPLACÁVEL

C/Jean-Paul Belmondo e Bruno Cremer

CASTIL

Tel. 630194 — 15, 17, 19 e 21.15

A MINHA MULHER AGRADA-TE... ADORO A TUA

Interdito a menores de 18 anos

Duas mulheres, dois homens e as variações do amor em quatro tempos
Este filme contem cenas event. chocantes

CONDES

Tel. [illegible] — 14, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A missão impossível

O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS

C/Charles Bronson

ÉDEN

Tel. 320768 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Alain Delon em

ZORRO

4.ª Semana

Um filme de Duccv Tessari

Não acons. a menores de 13 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 — 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. a meno. de 13 anos
PROCESSO DIMITROV
5.ª emana
de Cristo Christov
O Julgamento do Século!

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — 14.30, 16.45, 19, 21.15

(Interdito a men. de 18anos)

FESTA PRIVADA
7.ª Semana
c/ Isle Damsgard

IMPÉRIO

Tel. 555134 [illegible] — 15.15, 18.30, 21.15

Malcolm McDowelle
Christopher Plummer

O DUELO DAS ÁGUIAS

(Aces High)

Real de Jack Gold

Não acons. a menores de 18 anos

4.ª Semana

LONDRES

Tel. 801313 — 14.00, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

OH! MEUS AMIGOS

Pietro Fermi

2.ª Semana

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.30, 21.15

Para todos

ONDE ESTÁ O ÓSCAR?

Com Louis de Funés

NIMAS

Tel. 574313/574333 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a men. 18 anos

CHOVE EM SANTIAGO

Meio ano de lotações esgotadas

O Chile de Allende e Pinochet

ODEON

Tel. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Int. a men. de 18 anos
3.ª Semana
ESQUADRÃO DO DRAGÃO
Com os grandes ídolos das artes marciais

PATIO

Tel. [illegible] — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Int. a men. de 18 anos

A INICIAÇÃO DE FLOSSIE

Este filme pode ser considerado pornográfico

POLITEAMA

Tel. 323805 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Para todos

O SOLDADO AVENTUREIRO
3.ª Semana
com Bud Spencer

RESTELO

Tel. 610376 — 21.15

É PRECISO VIVER PERIGOSAMENTE

ROMA

Tel. 727778 — 15.30, 18.30 e 21.15

REMÉDIOS DE AMOR

C/Birgit Bergen, Enzi Fuchs

Interdito a men. 18 anos

ROXY

Tel. 48560 — 14, 16.30, 18.45 e 21.15

O mais audacioso salvamento deste século

VITÓRIA EM ENTEBBE

C/Helmut Berger, Linda Blair, Kirk Douglas

Não acons. a menores de 13 anos

S. JORGE

Tel. 554153 — 15.15, 18.15, 21.15

VOANDO SOBRE UM NINHO DE CUCOS

3.ª semana
5 Óscares o Melhor Filme do Ano!

TIVOLI

Tel. 570595 — 15.15, 18.30, 21.15

O espectáculo de Natal por excelência!

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Um filme de Walt Disney

Falado em Português

4.ª Semana

UNIVERSAL

Tel. 774402 — 15, 19, 21

O ANO 01

Um filme de Alain Resnais, Jacques Doillon e Jean Rouch
Não Acons. a M/ 13 anos

Às 17 e 23 h.

OS MÁRTIRES DO AMOR

Grupo C

D. JOÃO V

Tel. 971794 — 21.15

Não acons. men. 18 anos

OBRIGADO... AVÓ!

rádio

1.º Programa

16.00: Noticiário — Musivária; **17.00**: Música popular; **17.30**: Orquestras; **18.00**: Música portuguesa; **19.00**: «Falar de História»; **19.20**: Música variada; **20.00**: «Jornal da noite; **20.30**: Instrumentistas; **21.00**: 1º Episódio do folhetim «As minas de S. Francisco», de Fernando Namora, numa adaptação de Jorge Ferreira da Silva; **21.16**: Biografias dos galardoados com a Ordem da Liberdade: Bispo do Porto; **22.00**: «Contraponto»; **00.00**: «Último jornal»; **00.15**: Jazz; **00.30**: Canções da Europa; **01.00**: Repetição da 1.ª parte de um programa de variedades realizado no Teatro S. Luís e organizado pela Radiodifusão Portuguesa «Música na noite».

2.º Programa

16.00: Intercâmbio musical: Recital de violino e piano, respectivamente Por Arve Tellefsen e Eva Knardahl — gravações cedidas pela Radiodifusão Norueguesa: — Sonata em sol menor, p/violino e piano, de Debussy e Sonata n.º 2, em ré maior, p/violino e piano, op. 94, de Prokofieff; **16.42**: Música de bailado — «Fancy Free», de Leonard Bernstein; **17.10**: Interpretações do organista Michel Chapuis: — Noel Étranger, de Louis-Claude d'Aquin — Magnificat moni toni, de Buxtehude — Sonata em trio n.º 4 em mi menor, BWV 528, de Johann Sebastian Bach; **17.30**: Obras sinfónicas de Richard Strauss: — Concerto p/oboé e orquestra — «Assim falou Zarathustra» — poema sinfónico; **18.30**: Te Deum e Jubilate para a Paz de Utrecht, de Georg Friedrich Händel; **19.20**: Sonata n.º 2 p/piano, de Pierre Boulez; **20.00**: Orquestras de câmara: — Concerto n.º 2 em sol maior, de Pergolesi — Serenata em ré menor, op. 44, de Dvorák; **20.45**: **Trio para piano, oboé e fagote, de Francis Poulenc**; **21.00**: «O canto seus intérpretes» por Maria Helena de Freitas; **22.00**: 33 Variações em dó maior, op. 120, sobre uma valsa de Anton Diabelli, de Beethoven; **23.00**: Intercâmbio musical: Semana Gaudeamus Internacional de Música, 1976 — gravações cedidas pela Radiodifusão Holandesa — Parte de um concerto pela Orquestra de Câmara dos Estudantes de Amesterdão, sob a direcção de Clif Crego: — «Music for a tan-gold day», de John Casken (Inglaterra) e «It's in the air», de Marjan Mozetich (Canadá); **23.35**: Solos de piano — Obras de Chopin; **00.00**: Sinfonia n.º 4, de Mahler; **01.00**: Fecho.

3.º Programa
Nacional e Regional (290 m)

16.0: «Variante» (continuação); **16.10**: Casos ao acaso; **16.20**: Divulgação; **16.40**: Mulher, agora e aqui, pela Comissão da Condição Feminina; **17.10**: Prevenção e saúde; **18**: «Contacto» — Antologia: Contacto jazz; Actualidade; Pesquiza; Contacto rua; Fórmula 1; **21.00**: Música só música; **21.30**: «Nocturno»; **23.06**: «Hora Luterana»; **24.00**: «Nocturno» (continuação); **00.30**: «Imprevisto», **02.00**: Fecho.

3.º Programa
Local (187,5 m)

18.00: «Entardecer»; **18.15**: Sal e pimenta (repetição); **19.30**: Romance duma cidade (repetição); **20.15**: Você concorda; **21.00**: Fecho.

4.º Programa
Emissão Total em Estereofonia

19.00: Em órbita; **20.00**: Programa de noite; **22.00**: Auditório; **24.00**: Prisma; **02.00**: Fecho.

DL

RENASCENÇA GRAFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 664531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 371154/5, 370271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

CONTRA CACIQUES LOCAIS

Povo de Lourosa defende sacerdotes progressistas

PORTO, 10 «Os ricos ficam incomodados com a defesa dos pequenos» e daí os acontecimentos verificados ontem de manhã junto à igreja paroquial de Lourosa, em Vila da Feira, onde um grupo de indivíduos, industriais e comerciantes na sua maioria, tentou impedir o culto religioso. Com efeito cerca das 6.30, tais indivíduos, que de há muito vêm contestando a orientação pastoral da equipa de sacerdotes responsáveis pelas comunidades religiosas de Lourosa, Oleiros e Moselos, roubou as chaves da igreja ao sacristão e foi entregá-las no Paço Episcopal, Porto. O bispo recusou-se a recebê-los, tendo então, as chaves sido depositadas na caixa do correio.

Entretanto, alertados para o sucedido os católicos locais acorreram à igreja e arrombaram a porta, permitindo, assim, que as missas dominicais fossem celebradas, não sem que antes se tivessem verificado confrontações físicas.

Conforme foi afirmado no local a acção dos provocadores foi planeada em reuniões realizadas em Espinho, na sede do P.P.D.

A este grupo é, também, atribuída a morte de um cão que apareceu espetado num pau na residência paroquial de Moselos.

Para o grupo provocador, os três sacerdotes Bernardino Alves, José Rodrigues e José Coelho «só têm criado a divisão, pregando contra os patrões, os exploradores, os opressores... são portadores de ideias materialistas... não gostam de festas». Para a população católica o que eles querem é «meter uma rolha na boca dos padres por eles estarem ao lado dos pobres e não ao lado deles».

Para melhor compreender a situação vejamos o que diz um dos sacerdotes alvejados: «nós não queremos uma igreja de silêncio, mas de verdade, não queremos uma igreja dos senhores, mas de todos os cristãos. Aqui os grandes senhores dominavam a estrutura religiosa: a confraria, as comissões de festas, a fabriqueira. Estavam habituados a missas particulares e não se sentem bem entre os outros, nas missas comunitárias, no culto colectivo. A Igreja não pode ser a cobertura de interesses de privilegiados. Os pobres e as pessoas conscientes gostam das celebrações que fazemos em plano de igualdade para todos na vida e na morte. Anunciamos o evangelho libertador de Jesus Cristo, de acordo com a doutrina social da Igreja. Pomos os dedos nas feridas. Há quem sinta dor. Lá sabem os remorsos que têm».

Suicidou-se por não poder pagar ao merceeiro

PORTO, 10 Obrigado pelo Tribunal a descontar do seu magro salário de pedreiro (4.030$00) a quantia de 670$00 mensais para amortizar um débito de 10 mil escudos ao merceeiro, com uma ranchada de filhos (oito, o mais novo com dezoito meses e o mais velho de 14 anos) sentindo-se vítima de injustiça duma sociedade que se afirma caminhar para o socialismo, Joaquim Meireles Teixeira, de 41 anos, não encontrou outra solução para o seu caso que não fosse a de pôr termo à vida.

E fê-lo, ingerindo veneno do escaravelho. Antes beijou o filho mais novo e recomendou ao mais velho que pusesse o frasco com o resto do veneno fora do alcance das mãos dos irmãos mais novos.

Aconteceu há dias, às portas do povo, no lugar do Pinheiro, em Jovim (Gondomar).

MARROCOS
...país exótico ao pé de casa!
·fins de semana
·mini-semana
·uma semana
·cidades imperiais
·Tanger e Gibraltar
desde 2650.00
INFORMAÇÕES & RESERVAS
colaboração
maroc
royal air
Europeia
AV. LIBERDADE 233 TEL 536121 LISBOA 2

ATENÇÃO
NOVO
RESERVE ANTES QUE SE ESGOTEM
os MORANGUEIROS REMONTANTES
LOTE DE 5 PLANTAS = 120$00
LOTE DE 10 PLANTAS = 200$00
ADUBO ESPECIAL = 30$00
Pedidos ao Apartado 4087 • LISBOA

PERIGO DE MORTE A 3000 METROS

Super-Caravelle saiu do Funchal com um rombo na fuselagem

FUNCHAL, 10 Um «Super-Caravelle» da companhia dinamarquesa Sterling descolou da pista do aeroporto de Santa Catarina, no Funchal, com um buraco na fuselagem. O jornal «Politiken», de Copenhague, acusa a TAP de «não ter avisado», e a TAP, por seu turno, afirma que alertou a tripulação do «Caravelle» para o facto. Mesmo assim, o avião seguiu viagem, pondo em perigo a vida de 114 pessoas: 109 passafeiros e cinco tripulantes.

Na reportagem publicada com grande destaque no «Politiken», afirma-se que o buraco (1 x 7 centímetros) na fuselagem do aparelho foi ocasionado pelo carro de transporte de bagagem da TAP, durante uma manobra, não tendo a companhia portuguesa dado conhecimento do acidente à equipa dinamarquesa e pondo desta forma em perigo a vida de mais de 100 pessoas. Acrescenta o mesmo jornal que foi um mecânico do «Caravelle» que viu o buraco no último momento.

A versão do «Politiken» é confirmada por um representante da Sterling contactado pelo «DL» no Fundal.

Todavia um representante da TAP, Teixeira Lopes, igualmente contactado pelo «DL», diz-nos que foi um mecânico da TAP e não da Sterling quem localizou o furo na fuselagem, dando do facto conhecimento aos colegas dinamarqueses com muitas horas de antecedência.

Em tais circunstâncias (não havendo meios técnicos para a reparação) é normal o avião seguir para o destino, mas sem passageiros, apenas com a tripulação a bordo. Tais medidas de segurança não foram tomadas pela tripulação e, sendo assim, o «Caravelle» não demorou as habituais cinco horas no percurso Madeira/Copenhague. A viagem de regresso à Dinamarca teve de ser realizada em oito horas, com escala em Porto Santo e Bordéus, e sempre a uma altitude de 3.000 metros, quando a altitude média normal é de 9 a 11 mil metros.

Devido à baixa pressão interior quatro passageiros tiveram de receber oxigénio.

"Ultras" querem bater Kaúlza em velocidade

Continuação da pág. 1

da concórdia nacional», considerando a «livre iniciativa como fundamental», valorizando a «função social da propriedade privada», apoiando a «classe média e o artesanato» e defendendo uma «economia nacional de mercado». Afirma ainda que «o nosso país está farto de partidos moles», que «somos nacionalistas» e «conservadores», apesar do que não hesita em rematar com a afirmação de que «em tudo o resto somos inovadores».

Para além de Manuel Pires de Morais (muito provavelmente figura secundária neste processo), têm participado nas reuniões preparatórias do P.A.P. elementos ligados ao P.D.C., ao C.D.S., ao P.S.D. e ao P.P.M. (isto segundo informação transmitida pelo próprio), bem como independentes. Nestes últimos, aponta-se para a muito provável presença de elementos afectos ao M.I.R.N., de Kaúlza de Arriaga, adesão esta que revelaria as dificuldades que o ex-comandante-chefe em Moçambique estaria a encontrar quanto à aceitação da sua figura, demasiado «queimada» para uma extrema-direita que pretende «disfarçar-se» (temporariamente) no quadro institucional.

Para além de alternativa ao M.I.R.N. de Kaúlza que o P.A.P. poderá apresentar, a sua formação corresponde, também, aos problemas que o C.D.S. vem enfrentando no seio da direita e das quais são reflexo críticas que órgãos fascistas começam ultimamente a tecer-lhe.

«A Barricada», por exemplo, após a abstenção do C.D.S. na votação da lei do Plano e do Orçamento na Assembleia da República, dizia que «Freitas do Amaral *ERA* considerado político íntegro, patriota e intransigente» « Freitas do Amaral *ERA* respeitado por seguidores e adversários». O mesmo jornal aponta para a figura que «alijou partidaismo» do general Galvão de Melo, elogiando-a (mais um nome a ter em conta).

Por sua vez, outro semanário fascista, «A Rua», em editorial pós-eleições locais, sublinha que «nós apoiámos o C.D.S.» e demarca-se dele dizendo-se «muito mais radicais» e rematando com diversas confissões e algumas interrogações: «Votámos P.S. quando foi necessário votar. Votámos Ramalho Eanes. Votámos C.D.S. porque não havia nada mais à direita e porque, sustentando o partido centrista, fortificando-o, íamos criando e alargando o nosso próprio espaço político. Têmo-lo ago. Representamos uma força. (...) Será possível continuar a dialogar com o C.D.S.? Ver-nos-emos obrigados a suspendê-lo?».

Julgamento dos "pides"

Decreto sobre penas ainda está em Belém

Já passaram dez dias sobre o envio à Presidência da República do decreto que altera as penas e atenuantes a aplicar aos membros da ex-Pide/DGS mas não há ainda notícia da sua promulgação, o que inquieta a opinião pública ante a perspectiva que abre de que, por falta de legislação adequada publicada em tempo, os «pides» continuem a sair impunemente.

O decreto tomou forma em 30 de Dezembro último e foi enviado à Presidência da República para promulgação no dia 31.

Nos termos do artigo 139.º da Constituição, no prazo de 15 dias contados da data de recepção, se o Conselho da Revolução não se pronunciar pela inconstitucionalidade, pode o Presidente da República, ouvido o Conselho da Revolução e em mensagem fundamentada, exercer o direito de veto, solicitando nova apreciação do diploma. Se a Assembleia da República confirmar o voto pela maioria absoluta do número de deputados em efectividade de funções, a promulgação não poderá ser recusada. O artigo 277.º admite que, no caso de o Presidente da República reconhecer urgência na promulgação, deverá dar conhecimento ao Conselho da Revolução do propósito de promulgação imediata.

Procurámos esta manhã junto da Assembleia da República, da Presidência e da Comissão Constitucional saber o que se passava em relação ao referido decreto, mas não obtivemos respostas concretas, apenas podendo concluir que ele ainda se encontra na Presidência da República, ignorando-se o motivo da sua não promulgação.

Entretanto nos meios democráticos, e ao próprio nível da opinião pública, gera-se uma justificada apreensão perante a continuidade de julgamentos de agentes da ex-Pide/DGS que terminam com setenças que juridicamente têm em conta atenuantes o que é legítimo chamar escandalosas.

Brasil e Colômbia querem congelar preço do café

A Colômbia e o Brasil propuseram um congelamento do preço do café, segundo ontem se soube em Bogotá.

Os especialistas desta cidade consideram a solução como sendo a melhor, afim de se pôr termo ao boicote do café observada, desde há dias, em vários países.

"Kwanza" substitui escudo em Angola

Enquanto em todo o território angolano prossegue a troca do antigo escudo colonial pela nova moeda nacional o «Kwanza», o ministro das Finanças, major Saydi Mingas, declarou hoje que esta operação vai permitir «um controlo sobre todos os aspectos da vida monetária e financeira do país».

Falando numa conferência de Imprensa em Luanda, o ministro afirmou ainda que esta operação permitirá controlar a inflação.

Foram presas, entretanto, cerca de 130 pessoas acusadas de sabotagem à operação de troca dos antigos escudos coloniais pela nova moeda nacional de Angola.

Dos sabotadores presos, alguns tinham cartões da FNLA e outros da UNITA.

Nota à nota

OS AMIGOS E AS OCASIÕES

Encontra-se na União Soviética uma missão comercial portuguesa chefiada por um membro do Governo. Um dos objectivos é tentar obter daquele país fornecimentos de petróleo a preços mais vantajosos que os da O.P.E.P.

Em declarações à partida o chefe da missão referiu-se ao incremento das trocas comerciais entre os dois países e disse até que, em relação ao célebre negócio do vinho «houve muita especulação» e que os negócios com a União Soviética foram bons.

Oxalá a União Soviética nos forneça petróleo a preços privilegiados e oxalá a gsolina derivada desse petróleo faça andar os automóveis de certos senhores. É que, segundo eles, as coisas daquele país são tão más que receamos os carros não andem com combustível de tal origem.

Mas voltando aos preços: e então a «Europa connosco»? Então os nossos amigos americanos? Porquê ir tentar preços melhores junto dos soviéticos, que são horríveis, imperialistas e só querem o nosso mal?

De qualquer modo, perante a recuperação capitalista permitida a fomentada pelo Governo, e sendo o petróleo uma matéria-prima importantíssima a dinâmica industrial de qualquer país, será de acreditar que países socialistas nos façam preços especiais financiando assim o capitalismo português?

«AS EMPRESAS»

A classe operária portuguesa tem assestado as suas baterias contra as várias tentativas de recuperação capitalista.

Disso são prova os movimentos de solidariedade e repúdio que diariamente consolidam e aumentam a organização dos trabalhadores. A reintegração de ex-administradores saneados, a indemnização dos que não servem já para o «activo» e a recente legislação antioperária são algumas das medidas com que o capitalismo pretende recuperar o terreno perdido.

Mas esses são os «auxílios» que toda a gente vê.

Implantadas durante séculos no mundo as forças capitalistas contam com pequenas e inauditas alavancas que por vezes nos surpreendem deixando o manípulo de fora. Como esta, escarrapachada numa das páginas de anúncios do «Diário de Notícias» de hoje:

«As empresas. Processos Disciplinares Despedimento com justa causa. Trata ex-funcionário público e forense apoiado por consultor jurídico. Resposta a este jornal ao n.º (...)»

Parece impossível mas é verdade...

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM DEZEMBRO: 45 813